B.P.S.d'A.

Class PQ7261
Book F734 C3

CANCIONEIRO

POR

J. F. de Serpa Pimentel.

PARTE PRIMEIRA.

SOLAOS.

Camões, 97.

E começou ella então contra a menina, que estava pensando cantar-lhe um cantar á maneira de Solão, que era o que nas cousas tristes se acostumava.

Bernardim Ribeiro.

Custo, 33.

COIMBRA:
Na Imprensa de E. Trovão.

1849.

PQ 9261
F734C3

387270
'29

A' MEMORIA

De minha muito amada, e chorada Thia,

A Ill.ma e Ex.ma Snr.a

D. Anna Xavier Sequeira de Machado.

Senhora,

A homenage do joven poeta, a quem inspirastes desde o berço o amor da religião e das lettras, — que doutrinastes nos primeiros arrojos de seu estro nascente, — que amastes, segunda mãe, como a filho, que fosse, de vossas entranhas, — e a quem, do leito da morte, legastes, com o ultimo osculo, a vossa eterna e mais pungente saudade; — essa homenage, que fôra um palido reflexo de gratidão, durante a vida, deve ser para vós, Senhora, um brilhante holocausto, assim desinteressada e livre, abraçada ao vosso tumulo. Tambem o merecido galardão de tanto

amor de familia, elevação d'alma, resignação no soffrimento, e mil outras nobres virtudes vossas, não era cousa de alcançar-se na terra; por isso o estaes disfructando no ceo.

Depois de vós, Senhora, — depois das intimas ligações de sangue e amor, que me prendem á terra, — o mais sancto e sublime pendor de minha alma anda ligado a uma edeia, porventura um sonho, que me veio de vós, e que não posso jámais separar da vossa memoria: — é a minha corôa, a minha humilde corôa de poeta. Por isso ella é triste, porque a vossa musa

melancholica lhe enlaçou os primeiros ramos de cypreste; porque a vossa morte precoce lhe fez murcharas ultimas boninas.

Eu estava no viço de minha mais bella mocidade, — ébria a alma de praseres, virgem o coração de dissabores, perfumada a existencia de gosos e de esperanças; — quando vós, Senhora, ao cabo de uma vida alquebrada pela doença, angustiada pela imaginação, divinisada pelo martirio, me chamastes á beira do vosso leito de dor, me cingistes em vossos pallidos braços, e exalastes quasi na minha bocca o ultimo suspiro. Eu fui d'alli tro-

car pela vez primeira os meus trages de festa pelas negras vestes do dó, e dar entrada no meu coração á primeira edeia do sepulchro.

Foi esse pois o primordial, o mais doloroso espinho da minha vida.

Quantas vezes, depois d'essa hora, ou nos tranzes da amargura, ou nos extasis da felicidade, tenho procurado o vosso coração angelico, para saborear esta, ou aliviar aquella; e me tenho visto hermo e solitario, sem o vosso auxilio, no caminho da existencia, —fragil nas adversidades, triste nas venturas!...

Os Soláos, que se seguem, Senhora, — especie de poesia, que eu creei, — que não são a balada aleman, nem a chacara mourisca, nem o rimance hespanhol, — mas que posso chamar portuguezes, porque são meus; — estes Soláos, que o publico illustrado honrou com a sua approvação, que alguns abalisados versejadores e poetas imitaram, e seguiram, e cujos primeiros trechos foram por todos os periodicos litterarios do paiz reprodusidos; — estes Soláos vão tristes como os vossos

versos, que na memoria conservo gravados desde a infancia, singelos como as ondeia puras e sanctas, que me insinuastes; porque elles são, Senhora, uma verdadeira emanação de vossa alma poética e sublime.

Desabroxaram os primeiros rebentões d'esta pobre creação minha, pouco antes de vossa morte, á sombra dos cedros seculares da coloçal montanha do Bussaco. Continuei o meu descante, sentado á beira das aguas, nas margens aprasiveis do Mondego. Alguns ha nascidos apoz o sarão tumultuoso, e enrolados nos mar-

mores da rainha do Tejo. Brotaram outros, já nos campos da patria Beira, á vista dos pincaros nevados do Herminio, já nas classicas veigas do Minho, em face do quadro magestoso do oceano.

Ora pois, Senhora, — na ventura, ou na desdita, — na aldeia, ou na côrte, — no povoado, ou no deserto, — na perigrinação, ou na patria, — á sombra do vosso tumulo, ou longe d'elle, — os mais originais, mais elevados vôos da minha rude lira, são um justo holocausto á vossa memoria.

LIVRO PRIMEIRO.

SOLAO I.

CINDASUNDA,

OU

BRASÃO DE COIMBRA.

E queria non vos aver Amor,
Mays o coraçon pode mays ca mi.

CANCIONEIRO D'ELREI D. DINIZ.

CANTO I.

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Ataces, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!

» Hermenerico vem ante
» Com seus olhos de dragão,
» Com seus bigodes torcidos,
» Com sua voz de trovão,
» Broquel doirado no braço,
» Hastea de ferro na mão.

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Ataces, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!

» Traz um drago por divisa
» Lá no meio do pendão,
» Traz gigantes, e elefantes,
» Cobrem as hostes o chão;
» Nunca vi tão bruta gente,
» Nem tão fero capitão.

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Ataces, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!

» Matam nossos rosentaes,
» Comem-nos o nosso pão,
» Esmagam nossos filhinhos,
» Queimam-nos aido, e mansão,
» Levam as nossas zagalas,
» — Negra dôr do coração!

» Já tocaram charamelas,
» Já tangeram atabales,
» Guerra! guerra! já resôa
» Pelos montes, pelos valles;
» Ataces, rei, senhor nosso,
» Ponde côbro a tantos males!»

O messageiro
Assi dizia;
E elrei Ataces
Lhe respondia:

» Ordenai-vos, meus cavalles,
» Ordenai-vos, meus peões,
» Cingi adagas, e lanças;
» Desenrolai os pendões;
» A'vante, pelos alânos!
» A'vante, meus coimbrões!

» Já vencemos os da Grecia,
» Já vencemos os germanos,
» Já vencemos os helvecios,
» Já vencemos os romanos,
» Já vencemos os da Gallia,
» Já vencemos os hespanos;

» A'vante, pelos leões!
» A'vante, meus coimbrões! »

D'Hercules o torreão
Eis os guerreiros descendo;
— Roucos tambores tangendo,
Mondego abaixo lá vão.

» Fade-os Deos bem,
» E a nós tambem. »

Debruçam-se nas ameias
Mães, e esposas tão coitadas,
As madeixas desgrenhadas,
Gelado o sangue nás veias.

« Fade-os Deos bem,
» E a nós tambem. »

No muro ficam os pais
Fazendo a vez de soldados;
Mas, ás lanças encostados,
Em vez de alerta, dão ais.

»Fade-os Deos bem,
»E a nós tambem.»

Olhos fitam as donzellas
Sobre as agoas do mondego,
Que no placido socego
Dizer parecem com ellas:

»Fade-os Deos bem,
»E a nós tambem.»

CANTO II.

»A'lerta, que imigos temos!
»A'lerta, novos hespanos!
»A'lerta, contra os de Coimbra!
»A'lerta, contra os alânos!

»Solta as garras, ó dragão,
»Contra as unhas do leão!»

Hermenerico valente
Aos suévos brada assi;
—Mas já c'os dragos de volta
Anda Ataces por ahi:

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

Quebram-se as lanças no ristre,
Rolam cadav'res por terra,
Responde ao grito d'alânos
Suévo grito de guerra:

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão! »

Tinge-se a terra de sangue,
Correm corceis desbocados,
Os echos fremem c'o rouco
Bradar d'elrei aos soldados:

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões! »

Aos dragos d'Hermenerico
De raiva rangem as garras;
Gastou-se o fio,—e inda cortam
Do suevo as cimitarras.

» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão!»

As barbas negras d'Ataces,
Cobre-as o sangue, e a poeira;
Raios os olhos flamejam
Pelas grades da viseira.

» A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões!»

A cada bote de lança
Do suevo a mão tostada
Enfia vinte fileiras
Da hoste desbaratada.

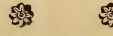
» Solta as garras, ó dragão,
» Contra as unhas do leão!»

Ao coruto alto dos robres
Sobem do sangue espadanas;
Entulham valles, e montes
Cortadas carnes humanas.

« A'vante, pelos leões,
» A'vante, meus coimbrões!»

Peleja tão pelejada,
N'essas Romas quem a vio?
Co'a rubra côr da batalha
De rubro o sol se tingio.

Fartai-vos, bravos leões!
Fartai-vos, rudes dragões!



CANTO III.

Que moça é essa tão linda?
Que moça é essa, que 'hi vem,
De vinte pagens seguida,
Montada n'um palafrem?

Eu nunca vi
Mulher assi.

Trinta donzellas formosas
Vem ao lado da princeza:
Mas todas juntas não valem
Um rasgo d'essa belleza;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Calça vermelho coturno,
E orla-lhe franja de prata
O véo espesso, que esconde
A formosura, que mata;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Sobreleva o seio em neve
As alvas roupas, de que usa;
Vencem olhos em lindeza
Os olhos d'uma andalusa;

Eu nunca vi
Mulher assi.

As negras tranças compridas
Pelas espadoas lhe ondeiam,
C'o rubor casto do pejo
As faces se lhe afogueiam;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Na dextra de neve empunha
Verde ramo d'oliveira;
Com a sestra mão as redeas
Ao palafrem aligeira;

Eu nunca vi
Mulher assi.

Adianta-se entre as hostes,
E por estranho condão
Peões, cavallos, guerreiros
Estatuas ficam no chão;

Eu nunca vi
Mulher assi.

CANTO IV.

Quem era a ninfa,
Que tão formoza
A' lide irosa
Assi correo?
Ella quem era?
— Não o sei eu.

Elrei Ataces
Porque rasão
Ao coração
A mão levou?
Porque o suévo
A cortejou?

—» Cindasunda! filha minha!»
Hermenerico fallava.
— Cindasunda, interrompendo-o,
Assim aos chefes bradava:

» Senhor pai, aqui me tendes,
Morta venho;
» Mas, pai meu, para salvar-vos
Me despenho.

» Senhor Ataces valente,
Que fazeis!
» Falla-me Deus que estas guerras
Acabeis.

» Para que é derramar sangue
Tão coitado!
» Ai! se eu salvar-vos podera,
Mal peccado!

» Senhores reis, muito amigos
Vos quedai;
» E o meu só, se é mister sangue,
Derramai;

» Acabemos c'o esta guerra,
» E vamos á nossa terra. »

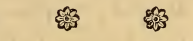
Assim fallou Cindasunda.
Disse o pai: — « ó filha minha!»
E Ataces disse, infiando
A espada pela bainha:

» Soldados! soldados meus!,
» Já não tendes capitão;
» Abaixai as vossas armas,
» Enrolai vosso pendão,
» Quebrai as unhas, e os dentes
» Ao vosso rubro leão.

» Senhor rei Hermenerico,
» Já não quero guerrear,
» Façamos pazes aqui,
» Amigos hemos quedar;
» Olhos d'ella me renderam,
» Vossa filha me heis de dar.

» Dona minha, Cindasunda,
» Aqui tens o meu pendão,
» Aqui tens os meus soldados,
» Aqui teus o meu leão;
» Os teus olhos me renderam,
» Aqui tens meu coração.

» Senhor rei Hermenerico,
» Já não quero guerrear,
» Façamos pazes aqui,
» Amigos hemos quedar;
» Olhos d'ella me renderam,
» Vossa filha me heis de dar. »



CANTO V.

Deram as mãos os guerreiros,
E beijaram-se;
Largaram hostes as armas,
E abraçaram-se;
Drago, e leão, ambos quietos,
Cortejaram-se;
Ao eco tangeres alegres
Elevaram-se;
As faces de Cindasunda
Purpuraram-se;
Os seus olhos tão formosos
Abaixaram-se.

E a mão do godo
Tostada, immunda,
Co'a mão tão nivea
De Cindasunda;

E as faces d'ella
Meigas, rosadas,
Co'as faces d'elle
Rubro-tisnadas;

E o corpo d'ella
Curto, e formozo,
E o corpo d'elle
Gigante, e airoso;

E o pai ao lado,
Rude dragão,
Sostendo a raiva
No coração;

E dos dous chefes
A dextra irada
Poisando a furto
Na quente espada;

E olhos de féras
Cruzando ainda
De um lado, e outro
Da moça linda;

E ella aos guerreiros
Com riso brando
Surdos furores,
Amenisando:

Assim caminho
De Coimbra bella
Vem ante as álas
O godo, e ella.

— E assim, c'roada
Em copa d'oiro,
De paz, e graças
Rico thesoiro,

De Coimbra Alaces
A fez brazão,
D'um lado a serpe,
D'outro o leão.

E já de seculos
Grossa dezena
Passou correndo
Por esta scena;

E inda os dous brutos,
Inda a donzella
São a divisa
De Coimbra bella.

Mais do que o vicio
Sempre a virtude
Ao tempo afronta
O olvido rude.

SANTA CRUZ DO BUÇACO,
AGOSTO, de 1846.

SOLAO II.

O PENEDO DA SAUDADE.

Non cercate sul mio volto
Lo splendor de'lieti dì.
Come fior dal verno côlto
Nel dolore impallidì.

F. Romani.

Porque trajas, ó donzella,
Desleixada a trança bella,
Candidas roupas de dó?
Porque a face empalidece?
Porque os olhos humedece
Triste lagrima tão só,

Tão medrosa, tão furtiva,
Nem por isso menos viva,
Menos quente de escaldar,
O' donzella, que tão pura,
Com a brisa, que murmura,
Bem te sinto suspirar?

Debruçada no penedo,
Mais que a sina rijo e quedo,
Mais que a sina, que te mata;
Por esse meigo orisonte,
Nos olivedos defronte,
Tua vista se dilata.

Teu penar, tua saudade
Acham n'esta soledade
Lenitivo a tanta dor;
Porque Aleixo, em longes terras
Queda-se lá pelas guerras,
Dom Aleixo teu amor.

—Mas eis voltam os soldados
Dos campos ensanguentados
De Tavira e de Aljustrel;
Trazem cabeças de mouros,
E bandeiras e thesouros,
E despojos do infiel.

Não ha dama n'esse instante
Sem um riso no semblante,
Um nome no coração;
Só a donzella, coitada,
Na cohorte sublimada
Busca o seu Alcixo em vão.

Acaso ao golpe do alfange
Cahio morto na falange,
Como cae murcha a cecem;
Ou ficou lá prisioneiro
No mimoso cativeiro
De alguma virgem do harem?

Quantas vezes consultaste
Rouxo lirio na su'haste,
No seu calix o jasmim!
Jasmins e lirios murcharam,
E com elles desbotaram
Tuas faces de carmim.

Quantas vezes divagando
Teu olhar sereno e brando
Pelo val das oliveiras,
O imaginaste formoso,
No seu ginete espumoso,
Com suas armas ligeiras!

Quantas vezes pertendeste
Distrahir-te, e percorreste,
D'essas margens o verdor!
O mondego, que serpeia
Voluptuoso pela areia,
Dá rebate ao teu amor.

Quantas vezes o pediste
A's florinhas, que espargiste
Sobre o musgo do rochedo!
— Oh! tenham de ti piedade,
Já que o nome de *saudade*
Leixaste ao bronco penedo.

Lá se finou a donzella,
Nunca mais se soube d'ella;
Penas foram de matar...
— Quantas fragoas desde ess'hora,
Quantas saudades, senhora,
'Ili se tem ido chorar!

COIMBRA, 1849.

SOLAO III.

BERNARDIM-RIBEIRO.

O' meus desditosos dias,
O' meus dias desditosos,
Como vos his saudosos!

BERNARDIM-RIBEIRO.

CANTO I.

» Quem nascera ao pé do throno!
» Quem fôra infante real!
» Quem timbrar podesse o escudo
» Com diadema imperial!
» Quem offertar regia dextra
» A Beatriz de Portugal!

» Quero-te muito, senhora;
» Hora má, em que te eu vi!
» Nobres paços da Ribeira,
» Quem jamais viera aqui!
» Seres anjo, e não gozar-te,
» E ter olhos,.. ai de mi!

» Beatriz, ó Beatriz!
» Seio mimoso de nata!
» Beatriz, cobre esses olhos
» Com veu espesso de prata,
» Bem espesso, que me esconda
» A formosura, que mata.

» Negra estrella ca me trouxe
» N'estes paços a velar;
» Que importa ser cavalleiro,
» Sentar-me em nobre espaldar!
» Ca de longe vos lamento,
» Singelesas do meu lar.

» Que vim eu fazer á côrte!
» De que serve ao trovador
» Cantar venturas alheias,
» E calar no seio a dôr!
» Antes jogral co'as zagalas,
» Pobre, mas livre no amor.

» Quem nascera ao pé do throno!
» Quem fôra infante real!
» Quem timbrar podesse o escudo
» Com diadema imperial!
» Quem offertar regia dextra
» A Beatriz de Portugal!»

E Beatriz dizia assim
Ao seu caro Bernardim:

«Bernardim, quero-te muito,
» Trovador;
» Diz-me outra vez essa trova,
» Meu amor.»

Torna a cantar Bernardim;
E Beatriz responde assim:

«Outra vez, mais outra, e cento,
» Que desejo
» Beber os sons do alaúde
» N'este beijo.»

E os dedos de Bernardim
Beijando, dizia assim:

«Para o real aposento
»Prompto vai;
»Quero que esposa me peças
»A meu pai.»

Beatriz fallou assim;
Já vai longe Bernardim.

CANTO II.

E no aposento real
Vai entrando o trovador;
A seu rei, e seu senhor
A mão beijou mui leal.
Dom Manuel de Portugal
O silencio rompe emfim:
»Assenta-te ao pé de mim;
»E sê bem vindo, e bem ledo,
»Que vou dizer-te um segredo,
»Meu honrado Bernardim:

»Sabe pois que a filha minha
»Hoje mesmo vou casar,
»E da patria desterrar
»Para Italia, coitadinha!

»Tanta galla, e louçainha,
»Que por'hi se faz assim,
»Sabe que é para este fim.
»E tu, meu dom trovador,
»Has de cantar seu amor;
»Não has de, meu Bernardim?

»Tu seu mestre tão leal,
»Mais que mestre companheiro,
»Terás pezar verdadeiro
»De sua alma angelical.
»Não é certo, dom jogral,
»Que toda a magoa tem fim;
»E consolando-me a mim
»De tão mofina saudade,
»Darás penhor da amizade,
»Que me tens, meu Bernardim?...

E por diante
Elrei Manuel
Ia levando
Seu aranzel;

—Quando attenta o mesquinho que em vão
Interroga a mudez do salão:

Que Bernardim já vai longe,
Vai já longe Bernardim,
Caminho de negra sina,
Caminho de negro fim,
Caminho dos desenganos
Da traição d'um cherubim.

=Ai, negro fado,
Triste de mim!

Ai, negra trova,
Que eu lhe cantei!
Negros amores,
Que esperdicei!
Maldictos paços,
Maldicto rei!

Maldicta dama,
Que paga assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!

Eu, que a adorava,
Eu, tão leal!
Ai, o seu rosto
Angelical!
Ai, os seus olhos!
Ai, o meu mal

Traidores olhos,
A olhar-me assim!
Ai, negro fado,
Triste de mim!=

CANTO III.

Eu podia nas mãos esmagar-te,
O' mulher com teu peito de lama!
Atirar aos baldões do palacio
Minha affronta na tez d'essa dama!

Eu podia apontar-te c'o dedo,
E fazer-te essas faces corar;...
—Eu não posso;... feliz vai senhora;
Tu não ousas, não sabes amar.

Eu ca fico a suspirar,
Malfadado trovador;
A gemer, porque não sentes
Um amor qual meu amor,
Qual meus transportes,
Qual minha dôr.

Nas broncas serras de Cintra
Eu ca me fico a penar,
Nas mouriscas penedias
De saudades a estalar;
Vai, bella dama,
Vai-te folgar.

Tu não tinhas coração,
Que intendesse o meu amor;
São de fogo, abrazam tudo
Ternuras do trovador;
Poupar quizeste
Teu fino alvor.

Pertendias que eu subisse
Para o teu solio real,
A descer não te atreveste
Para o meu berço natal.
Pobre coitado!
Pobre jogral!

E muitos annos assim,
Trepado á serra sem par,
C'os olhos fictos no mar,
Cantava dom Bernardim.

CANTO IV.

Onde vais, ó peregrino,
Encostado ao teu bordão?
«Vou-me a Roma, ao Padre-sancto,
»A fazer-lhe confissão.»

Porem caminho de Roma
Não, não segue o forasteiro;
Altos balcões d'um castello
Divisa ao longe primeiro.

—Eis o duque de Saboia,
Eil-o está no seu eirado.
«Quem é esse peregrino
»De semblante macerado?»

—«É portuguez o romeiro.»
E a duqueza se alegrou.
—«Suba, suba aos nossos paços,
»Em boa hora chegou.»

A DUQUEZA.

Oh! que é feito de meu pai,
Do grande rei, dom Manuel?
Quem és tu? e da-me novas
Da minha patria fiel.

O PEREGRINO.

Eu não vi a tua patria,
Eu não vi o rei Manuel,
Eu não vi por esse mundo
Ninguem, que fosse fiel.

Menina e moça, lá foste
Educada em céo d'amores...
Que te importa agora a patria,
A patria dos trovadores!...

Sou um homem, não sei d'onde,
Sou um triste peregrino;
Pendem-me as cans, onde outr'ora
Bellos aneis d'ouro fino.

Pendem-me as cans; — e eu perdôo
A quem m'as fez despontar....
Eu perdôo a quem me mata
Com tão mofino matar.

Menina, e moça lá foste,
Educado em céo d'amores...
Que te importa agora a patria,
A patria dos trovadores!...

Senhora minha, quem sou
Oh! ninguem saiba de mi...
Eu não pude lá finar-me,
Eu venho morrer aqui.

E cahiu no pavimento;
Fundo suspiro que deu!...
E já não lhe bate o peito,
O peito, que alli morreu.

—Era o martyr das saudades,
Malfadado Bernardim;
Era o trovador da serra,
Oh! um poeta... ai de mim!

LISBOA, MAIO DE 1841.

SOLAO IV.

IGNEZ DE CASTRO.

OU

A FONTE DOS AMORES.

Aos montes ensinando, e ás hervinhas
O nome, que no peito escripto tinhas.

CAMÕES, LUS. CANTO III.

Porque vem musa cruel
Nas cordas do meu rabel
Negro assumpto pendurar!..
Oh! eu nasci no Mondego,
Morrer não posso em socego,
Sem a triste Ignez cantar.

Linda Ignez, que tanto amaste,
Eu sei como deliraste
Pelas margens do meu rio;
Sei com que olhos viste a lua,
Que saudosa lá fluctua,
Em bella noite de estio;

Eu sei como em manhan pura,
Junto á fonte, que murmura,
Te ias sósinha assentar;
Sei como instantes contaste
Pelas flores, que apanhaste,
O teu principe a aguardar;

Sei como os olhos formosos
N'esses cedros magestosos
Mui leda estavas fitando,
Com tamanha galhardeza
O primor, a gentileza
Do teu Pedro comparando;

Eu sei com que ternos laços
O cingias em teus braços,
Mal assomava ao portal;
Eu sei as loucas magias
Do beijo, que lhe imprimias
No semblante marcial;

Eu sei os doces segredos,
Que sosinhos, mansos, quedos,
Um ao outro murmuravam;
Sei valores *fabulosos*
D'aquelles — sins — tão medrosos,
Que do labio te escapavam;

Sei o que viam as flores,
Onde os teus e seus amores
Ias, Ignez, occultar;
Sei o sorriso fagueiro,
Que déste ao filho primeiro,
No seu primeiro bradar;

E quando á sombra do cedro
Tu carpias do teu Pedro
A cruel separação,
Eu amei, — eu adivinho
Qual agudo, doce espinho
Te rasgava o coração.

Linda Ignez, anjo celeste,
Que outro crime não tiveste
Dos teus amores além;
Porque o teu algoz tão cego
Nas margens d'este Mondego
Não viveu moço tambem?

Oh ! se o rei cruento vira
Nos verdes annos a pyra,
Em que as azas vens crestar,
Estes rosaes, estas fontes,
Estas veigas, estes montes,
Este sol, este luar;

Estes lindos pomos d'ouro,
Pendentes como um thesouro
Da frondosa larangeira;
Esta lympha cristalina,
A tua imagem divina
Reproduzindo fagueira;

Esta relva aljofarada
C'o rocio da alvorada,
Como lagrimas d'amores;
Estas nuvens brancas, lízas,
Este suspirar das brizas,
Este balsamo das flores;

Esta Coimbra tão risonha,
Que adormecida ahi sonha,
Recostada no seu monte,
Um sonho todo meiguice,
Que no acordar não desdisse
Esse magico horisonte;

Este listrão resplendente
Da bella areia luzente,
Sobre que chora o salgueiro;
Este barco tão airoso,
Que se desliza formoso
C'o descante do barqueiro;

Estes alamos erguidos,
Este amor, estes gemidos,
Que aqui geme o rouxinol;
Esta verdura dos montes,
Este azul dos horisontes,
Este meigo pôr do sol;

Oh! se o rei nos verdes annos
Se embalasse entre os arcanos
D'este magico vergel,
Oh! talvez que estremecesse,
Te perdoasse, e gemesse,
Não ousando ser cruel.

Mas de Affonso a temp'ra é dura,
Deu-lhe leite a guerra impura,
Nunca teve coração;
Isabel santa que falle,
O bom Diniz que não calle,
Que o digam sanhas de irmão.

—Triste Ignez, porque nasceste
N'essa era infanda, agreste,
Em que o ser cruel foi lei;
Em que amar era um delicto,
E com poder infinito
Mandava em homens um rei!

Triste Ignez, oh! que não possas
Renascer nas eras nossas,
E outra vez teu Pedro amar,
E os fóros da liberdade,
E as doçuras d'esta idade
Nos braços d'elle gozar!

Tu naceste livre, bella,
Candida, pura, singela,
Como a rosinha em botão;
Não te creou Deos, Ignez,
Para a crua rigidez
D'esses tempos, que lá vão.

Eu venho, Ignez, n'estas aguas,
Beber tuas doces mágoas,
De teu sangue as tradições,
E a façanha crua, negra,
D'esses dois homens de pedra,
Que te mataram, villões.

Venho chamar á memoria
A triste, nefanda historia
D'essas lagrimas que eu sei,
Quando louca, desgrenhada,
C'os filhinhos abraçada,
Clamavas aos pés do rei;

Quando sublime dizias
O que rudes penedias
Fôra capaz de abrandar;
Quando brotavam gemidos
Maternaes, enternecidos,
D'esse branco seio a arfar;

Quando n'elles se enrolavam
Doces queixas, que matavam
Outrem, que não fosse el-rei;
Quando aos pés do sem piedade
Invocavas a orphandade
D'essa tua pobre grei;

Quando o crú á sua planta
Tal te vê, e não quebranta
A rude sanha feroz;
E co'a mão, que poderosa
Deos só fez para piedosa,
Cruel acena ao algoz....

—O' Ignez, talvez nos echos
D'estes velhos troncos seccos
Inda resoe fatal
Esse grito gemebundo,
Com que déste adeos ao mundo,
Sob a ponta d'um punhal;

Esse grito, que resume
Da agonia no queixume
Tanta dor, tanta saudade;
Esse grito, tão profundo,
De quem deixa cá no mundo
Do coração ametade.

Corram lagrimas em fio
Sobre o marmore sombrio
Da infeliz no mausoleu...
—O' Camões, tu me perdoa,
Se esta lyra humilde entoa
Un assumpto, que é só teu.

COIMBRA. OUTUBRO DE 1845.

SOLAO V.

SAN THIAGO E BELZEBUT.

E ditas as sàntas palavras
Ei-lo demo vai, ei-lo demo vem
Co'as bragas dependuradas.

GIL VICENTE.

PROLOGO.

Porfiava c'o demonio
San Thiago, certo dia,
Qual dos dous aposta rija
Mais depressa ganharia:
Tracta-se d'uma donzella,
E dous, que morrem por ella,
De estremada galhardia.

San Thiago dava ao demo,
Nos meados do verão,
O seu corcel das batalhas,
Por tres dias, e mais não;
Se o demo áquellas tres almas
De christãs roubasse as palmas
Em noite de San João.

E o diabo outros tres dias
Ao Santo de Compostella
Serviria de cavallo,
Tão veloz como a gasella,
Se o céo entrassem ligeiros
Aquelles dous cavalleiros,
Mais a formosa donzella.

Mãos á obra, aposta feita,
Os dous valentes senhores
Porfiados se lançaram,
Como bons mantenedores;
E da maneira seguinte
Ambos foram por acinte
Mercê pedir aos amores.

CANTO I.

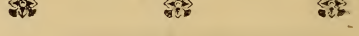
Onde vás dom cavalleiro,
Montado em rijo alazão,
Com formosa cotta d'ouro,
Com turbante, e morrião,
Com tal legenda no escudo:
»A noite de San João.»?

A noite de San João
Dá no gôto ao anafil,
Estremado lidador,
Por nome Aben-Boadil,
Rico senhor dos Algarves,
Mui acabado, e gentil.

Mui acabado e gentil
Era teu pai, teu avô;
Em noite de San João
Todos a morte ceifou;
Da crua sina fatal
Só Boadil escapou.

Só Boadil escapou;
Mas Boadil tem vinte annos,
E no seguinte se cumprem
Os seus destinos tyranos:
Oh! não vás dezafial-os,
Que negros são, deshumanos.

Que negros são, deshumanos;
Sofreia o teu alazão,
Despe a tua cotta d'ouro,
E turbante, e morrião,
Risca a legenda do escudo:
»A noite de San João,»



CANTO II.

Sáe do castello roqueiro
Postigo mui recatado;
Atravessa monte, e prado,
Qual perdido aventureiro;
Por vereda tortuosa,
Junto á montanha escabrosa
Pára o bom do cavalleiro.

»É aqui:» disse entredentes;
Desmontou-se do alazão;
E na basta escuridão
Entra com passos trementes.
É caverna immunda, e fria;
Reina lá feiticeria
De negros magos descrentes.

—» Que buscas, dom cavalleiro?»
Brada com voz de trovão
Dentre a espeça negridão
O barbudo feiticeiro;
» Que buscas?» — « A minha sina;
» Uma estrella peregrina
» Traz-me aqui teu prisioneiro. »

—» Tua sina já te disse,
» Já te li o teu condão;
» *A noite de San João*,
» Legenda foi, que eu gravei
» No teu escudo real. »
—» Essa legenda que val,
» Se eu jámais a decifrei!

» Dom feiticeiro, senhor,
» Minha sina, e meu condão!?
» Estala-me o coração
» De saudades, e de amor:
» Vejo em sonhos uma bella,
» Vejo em sonhos uma estrella,
» Vejo em sonhos uma flor.

» Tem madeixas d'ouro fino,
» Olhos azues, que me matam,
» Tem uns seios, que retratam
» O candor adamantino;

» Tenho presos meus cuidados,
» Meus transportes enleados
» N'esse gesto peregrino.

» Dom Feiticeiro, senhor,
» Se é real essa visão,
» Dá-ma para o coração,
» Que para os olhos é dor
» Vêl-a, mas não a lograr:
» Quero aqui mesmo acabar,
» Ou ver a fim d'este amor. »

CANTO III.

FEITICEIRO.

Belzebut, dom Belzebut,
Põe aqui a tua mão;
Pelo Alborah de Mafoma,
Por este signo saymão,
Vez aqui Dom Boadil?
Quer saber o seu condão.

DIABO.

Boadil ha de lográl-a
Em noite de San João.

FEITICEIRO.

Onde vaz dom cavalleiro?
Não acabou teu condão:
Falla mais dom Belzebut,
Dom Belzebut besuntão.

DIABO.

Boadil ha de lográl-a
Em noite de San João;
Ha de lográl-a na tumba,
E morto que vivo não.

FEITICEIRO.

Não desmaies, cavalleiro;
Falla mais, dom besuntão.

DIABO.

Vão d'aqui noventa dias
A' noite de San João:
Se n'esses dias noventa
Pões na espada a tua mão,
Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.
Fazes annos vinte e um
Em dia de San João;
Acabou-se á meia noite
Tua sina, teu condão.
Mas se antes da meia noite
Pões na espada a tua mão

Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.

FEITICEIRO.

Não desmaies, cavalleiro;
Falla mais, dom bezuntão.

DIABO.

San Thiago de Galisa,
Sancto de boa feição!
Ha lá torneios, e festas
Em dia de San João.
Vai direito a San Thiago,
Dom Boadil, e mais não.
Passarás por paço d'armas,
Vencerás o guardião;
De que modo não to digo,
Mas com armas isso não.
Vencerás os do torneio,
Estremado campeão;
Terás o premio da lide,
Mas com armas isso não.
O premio d'esses recontros
Dous azues olhinhos são:
Boadil, has-de lográl-os
Em noite de San João.
Mas se antes da meia noite
Pões na espada a tua mão,

Nunca mais teus olhos pretos
Seus azues olhos verão.

FEITICEIRO.

Dom Boadil dos Algarves,
Acabou-se a tua sina.
—Corre, corre, cavalleiro,
Essa estrada peregrina.

CANTO IV.

Vai seguindo seu caminho
O valoroso romeiro;
Ninguem os passos lhe veda,
'The ao castello roqueiro,
Onde tem seu passo d'armas
Dom Fuas o cavalleiro,
Que jurou vencer no encontro
Todo o fiel passageiro.

Traz o retracto pendente
De Eluzinda, seus amores,
Atado á rija coiraça
Por dous finos passadores.

Boadil attenta nella,
Rompe, iroso, em vãos clamores:
» Ai de mim! eis o meu sonho,
» Minha bella, meus amores. »

BOADIL.

Lidador, quem quer que sejas,
Eu não posso batalhar;
Dá-me espera de trez dias,
Que eu te virei demandar.
Vou-me ao sancto de Galisa;
Por Deus deixa-me passar.

DOM FUAS.

Romeiro, quem quer que sejas,
Comigo vem guerrear.

BOADIL.

Lidador, eu tenho brios,
Tenho forças de leão;
Deixa bater meia noite
Em festa de San João;
Que eu virei vencer por ella,
Que eu virei dár-te razão.

DOM FUAS.

Romeiro, quem quer que sejas,
Segura-te em teu arção.

—Nisto encresta a lança esguia,
E arremette c'o romeiro.
Boadil finca as esporas
No seu ginete ligeiro,
Salva n'um pulo a estacada,
Furta o corpo ao cavalleiro;
E alto grita: «A' meia noite
» Serei na liça o primeiro.»

—«Dom traidor! dom vil! dom fraco!»
Brada dom Fuas em vão.
Eil-os ambos a correr
Após o mesmo condão.
» A' liça, á liça, por ella,
» Em noite de San João!
» A' liça! flor de meus olhos,
» Olhos de meu coração!»

CANTO V.

Gentil torneio se apresta
Por dona Eluzinda bella,
Na cidade padroeira
Do sancto de Compostella.
Quem vencer inteira a lide
Gosará favores d'ella.

Vem um guerreiro, e mais cento:
Nenhum á dama agradou.
—The que entra o mouro valente;
E Eluzinda lhe acenou.
Mas o mouro quêda estatua,
O mouro não batalhou.

Vem-lhe em torno os lidadores
Suas lanças enrestar;
Vem-lhe as zagalas mil loas
Do San João descantar;
Vem-lhe as damas do torneio
Os seus ramos offertar.

Estatua quêda o guerreiro;
E estatua lá era ainda,
Com os olhos enlevados
Na sua dona Eluzinda,
Quando na arena dom Fuas
A sua carreira finda.

Vem dom Fuas derramado,
E mal avista Boadil,
Assim c'os olhos suspensos
Na sua dama gentil,
Tira o montante, e d'est'arte
Grita ao pasmado anafil:

» A' fé que não, dom Mourás;
» A' fé que te hei de matar!
» A fé que d'essas entranhas
» A vida te hei de arrancar!
» A' fé que hei de il-a em pessoa
» A Belzebut entregar!

» Nem dom Jupiter no céo,
» Nem no inferno dom Plutão,
» Nem San Thiago na terra,
» Nem o teu negro alcorão,
» Podem salvar tua vida,
» Podem suster minha mão. »

—N'isto o fulgido montante
Aos ares alevantou;
Sobre o pulso do anafil
Raivoso descarregou
Fino golpe, que do braço
Valente mão decepou;

Valente mão, — tão valente!
Qual ha hi que o fosse mais?
—Dona Eluzinda a carpir-se
Derramava tristes ais:
» Meu anafil, meu dom mouro,
» Quem não te vira jámais! »

Ergue de novo o montante
O desalmado infanção,
Ergue-o de novo... Eis retumba,
Como o ronco do um trovão,
—Meia noite— pelos bronzes
Da torre de San João.

«Meia noite! meia noite!»
O cavalleiro exclamou;
Ergueu-se como um leão,
De seu alfange travou;
Duro golpe do montante
Com a lâmina aparou.

Aparou-o,—e com tal arte,
Que o montante se partiu;
E a quebrada, rija ponta
Entre as nuvens se sumiu.
Immovel quedou o alfange,
Immovel,—nem se boliu.

«Real, real!» brada a liça,
«Real por dom Boadil!»
Nada attende,—e só c'um braço
O derramado anafil
Os campeadores investe;
Vence-os todos; eram mil.

Jaz apagada com sangue
A fogueira veladora;
E já desponta no oriente
A azul estrella da aurora,
Quando morre no anafil
Tenaz senha lidadora.

Tinha á cinta charpa d'ouro;
A charpa desenrolou;
Os mil escudos vencidos
Todos n'ella embaraçou;
Os mil escudos vencidos
Aos pés da dama estirou.

CANTO VI.

Dona Eluzinda a sorrir-se
Estendeu-lhe a mão formosa,
E imprimiu-lhe um beijo ainda
Com os seus labios de rosa.

É de balde: — cerra os olhos,
Solta um ai o cavalleiro;
Esvahio-se-lhe a existencia
Por esse osculo primeiro.

Com a voz semi extincta
Chamou defunto por ella:
» Quero ser christão nos braços
» Da minha Eluzinda bella. . . . »

Gelou-lhe a morte a palavra. . .
Eluzinda estremeceu;
Do seu converso nos braços
Tambem chorando morreu.

Um côro d'anjos n'essa hora
No céo, bem claro, se ouviu;
A alma d'elle, com a d'ella,
Ao elyseo lá subio.

E quando ao sacro jasigo
Os dous finados levaram,
Dom Fuas, anachoreta,
Já feito monge encontraram.

EPILOGO.

San Thiago n'este dia,
Seu corcel deixando atraz,
Passeou pelas batalhas
A cavallo em satanaz.

COIMBRA, 1842.

SOLAO VI.

D. MARTIM.

Hùa morte ey de morrer,
Que faz mais assi que assi,
Isto não posso sofrer
Averem-se de perder
Os olhos com que vos vi.

SA' DE MIRANDA.

I.

Andam mouros emboscados
Na coutada de Lorvão;
Põem traidores o seu fito
Contra as portas da traição:

A' lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Prisioneiro estou eu já
Da minha infante Adozinda;
Nem cabe outro captiveiro
Apoz algema tão linda.

Renderam-me os olhos d'ella,
Nunca vi cousa tão bella.

II.

Dom Martim, senhor fronteiro,
Apercebei-vos em guerra,
Que os mouros d'aquestas partes
Andam já por nossa terra.

A' lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Senhora minha Adozinda,
Mouros andam por ahi;
Matem-me elles muito embora,
Mas matem-me ao pé de ti.

Renderam-me os olhos d'ella,
Nunca vi cousa tão bella.

III.

Lá nos passaram ávante,
Lá correm aos basteões,
Dom fronteiro, acode a Coimbra,
Que a matam estes leões.

A'lerta meu cavalleiro,
Que te fazem prisioneiro!

Dom Martim n'ella enlevado
Nada ouvio, nem attentou,
E inda assim bradava quando
Mauro alfange o trespassou:

»Renderam-me os olhos d'ella,
»Nunca vi cousa tão bella.»

SANTA CRUZ DO BUÇACO
AGOSTO DE 1836.

SOLAO VII.

A MOURA DO DESERTO.

Qué de suspiros me debe!
Que ardiendo van de mi pecho,
Y se hielan en su nieve.

ROMANCE MOURISCO DE ZAIDE.

—Alta noute, densas trevas,
Lá, no céo, nem um clarão;
Bate apenas o meu peito
Na mudez da solidão;
Bate por ti, teus encantos,
Dom Affonso d'Aragão.
Eu sou neta d'um kalifa,
Princesa de Tetuão;

Sou rahinha, e tu vassalo,
Moura sou, e tu christão;
Mas teus olhos vibram fogo,
Que me abrasa o coração.

Dom Affonso não me leixes
Aqui de susto finar.
Que vale o pó do deserto?
Que importam ondas do mar?
Que montam frechas e lanças?
Tu és guerreiro sem par.
Vem buscar-me que sou tua,
Tua sou para te amar,
Para na volta da lide
Te ir ao caminho abraçar,
Trazer-te a lança, e n'um beijo
Tuas iras afagar. =

=Eis se escutam pelas brenhas
Folhas seccas a rugir,
E já mais perto as passadas,
E uns olhos a relusir,
E logo uns braços de fogo
A bella moura a cingir.
=Amores meus, meu Affonso,
Que escutaste o meu carpir!....

Mas que é da tua couraça?
Não sinto a espada a rugir!
Nem me fallas!... E no elmo
Que é das plumas a cahir?=

=Affonso não sou, senhora,
Sou d'Affonso o vencedor;
Metti-lhe um ferro no peito,
Inimigo, e successor.
Tu és minha, nos meus braços;
Sou teu amante e senhor. =
—Eis o raio, que fusila,
Do trovão eis o stridor....
Surge o sol, que encontra mortas
Essas victimas d'amor;
A um lado a moura bella,
Ao outro lado o traidor.

QUINTA DO PAIÇO, EM SANTO THIRSO,
MARÇO, DE 1847.

SOLAO VIII.

D. EGAS MONIZ.

OU

O CASTELLO DA LOUZAN.

Cambastes a Pertigal
Por Castilha,
Abasmades a mei mal
Que dor me filha.
EGAS MONIZ.

I.

» DOna do meu coração,
» Dona, e senhora real,
» Gentil, formosa Violante,
» Nobre flor de Portugal,
» Recebe os preitos cortezes
» Do trovador mui leal,

» Zagalas, — muros a fóra, —
» Oh! que mimosas que são!
» Seios nitidos, e castos,
» Vozes de maga isenção;
» Mas qual ha 'hi, que semelhe
» De Violante o coração?

» Donzelas, — muros a dentro, —
» São lindezas estremadas,
» Tem os olhos mui fagueiros,
» Tem as faces mui rosadas;
» Mas não são, como Violante,
» Tão singelas, e engraçadas.

» Dona Mafalda é louçan,
» Dona Mafalda é gentil,
» Dona Mafalda, rabinha,
» Sobreleva a mil, e mil;
» Mas o garbo de Violante
» É mais nobre, e senhoril.

» Em lide brava de mouros
» Mui rudes transes passei;
» Em liça de campeadores
» Muitas couraças falsei:
» Nunca por dama tão linda
» A minha lança quebrei.

» Já de Cordova, e Sevilha
» Vi os muros desleaes,
» E das moças andaluzas
» Os grandes olhos reaes:
» Olhos da minha Violante
» No mundo não tem iguaes.

» Ao lado do senhor rei
» Por longes terras corri;
» Prisioneiro na Mourama,
» Que estranhas cousas que vi!
» Parecer não ha tão bello
» Nos vastos harens de Allí.

» Dona do meu coração,
» Dona, e senhora real,
» Gentil formoza Violante,
» Nobre flôr de Portugal;
» Recebe os preitos cortezes
» Do trovador mui leal. »

E assim dizia dom Egas,
Dom Egas, o trovador,
Da Louzan pelo castello,
Entregue ás fragoas d'amor;
Que de Violante o renderam
Graça, belleza, pudôr.

E assim Violante o escutava
Da paz no lêdo folgar,
Pelos balcões do palacio,
De ternura a suspirar,
Suavemente embalada
Por este doce cantar.

II.

Dom Egas, triste dom Egas,
Que vais 'hi c'os mais guerreiros
Provar longe de Violante
Duros transes derradeiros,
Lá te ficam na muralha
Os cuidados prisioneiros.

Vão todos ledos cantando
Canção de guerra fatal;
E todos levam na idêa
Affonso de Portugal:
—Tu só levas de Violante
Parecer angelical.

Foi sempre o nobre dom Egas
Primeiro dos campeões;

Sempre luzio sua espada
Na frente dos batalhões:
— Hoje o seu negro penacho
Ondeia atraz dos peões.

E já vai longe dos muros
A nobre turba christan;
E no balcão maioral
Do castello da Louzan
Inda assomada se vê
A formoza castellan.

E o mancebo as redeas volta
Ao seu formozo alazão,
E olhos fita no castello,
— Olhos, vida, e coração;
E jura santa d'est'arte
Ambos trocaram em vão:

» Por longes terras irás,
» Por longes terras irei;
» E nunca me olvidarás,
» E nunca te olvidarei;
» A mim só te entregarás.
» Só a ti me entregarei. »

III.

E annos sobre annos correram,
Vai longe a guerra com mouros.
— Violante, por quem penteias
Teus finos cabelos louros?
Por quem o seio adereças
Com teus preciosos thesouros?

Volveu acaso dom Egas
Da lide por acabar,
E da Louzan ao castello
Vem hymeneu celebrar?
Tanta festa por ventura
Não diz que alguem vai casar?

VIOLANTE.

Casarei eu, mal peccado!
Mal peccado! casarei;
Mas com outrem, que não elle,
— Triste de mi, que farei!
O guerreiro castelhano,
Nunca o vi, nunca o amei.

RAHINHA.

Ai a minha, muito amada,
Dou-vos marido chibante,

Castelhano enobrecido,
Igual com dona Violante.
— Dom Egas lá tem a guerra;
Que a paz vai inda distante.

VIOLANTE.

Dona rahinha, senhora,
Triste de mi, que farei!
Nunca dom Egas me olvida,
Nunca eu o olvidarei;
No dia do apartamento
Elle juron, e eu jurei.

RAHINHA.

Juras de moços não valem,
Palavras, leva-as o vento;
Lindos olhos tem as mouras,
Olhinhos, que dão tormento
A dom Egas, que enlevado
Vos perdeu do pensamento.

VIOLANTE.

Fé que não! dona rahinha;
E um feitiço já deitei,
Má hora me olvidará,
Hora má o olvidarei.
— O feitiço não me engana,
Com dom Egas casarei.

RAHINHA.

O guerreiro castelhano
Tem rubra face tostada,
Tem bigode retorcido,
Tem nobre, valente espada,
Tem grãos feudos, e riquezas
Na fronteira de Granada.

VIOLANTE.

Fé que não! senhora minha;
Negra de mi, que o amei!
Mal peccado eu o olvidasse!..
Ai! nunca eu o olvidarei:
Por bigodes castelhanos
Portuguez não trocarei.

— A mui travessa Violante
Assim chorando dizia;
Mas o vestido da bôda
Muito ligeira vestia,
E os bigodes do guerreiro
Espreitava á gelosia.

IV.

Tange o arauto a buzina:
—» Erga-se a porta serrada;
» Que ao castello da Louzan
» Trazem solemne embaixada;
» Manda el-rei novas do campo
» A' rahinha muito amada. »

—» Que novas trazes, senhor?»
Dona Mafalda dizia.
» Findou a lide com mouros. »
O arauto lhe respondia,
» Victoria por dom Affonso,
» Victoria d'alta valia. »

—» Real! real! por Affonso! »
O povo em torno bradava;
Muito alinde, e muita gala
Pelos peitos se arraiava,
Na matriz *Te Deum* solemne
Mui lêdo o Abbade cantava.

Já se ouviram atabales;
Já vem perto os cavalleiros.
Ai! que poucos escaparam
Dos nús alfanges ceifeiros!
— Poucos, mas bons, e briosos,
Mui acabados guerreiros.

E vem na frente dom Egas,
Dom Egas, o capitão,
A viseira alevantada,
Sanguenta espada na mão,
Louros na ponta da lança,
Montado em seu alazão.

» Praça a dom Egas valente,
» A dom Egas campeador,
» Bravo na guerra de mouros,
» Terno em batalha de amor,
» Dom Egas, o coroado,
» Dom Egas, o vencedor. »

Vão as moças da Louzan
Nas janellas assomando;
Dona Mafalda co'as damas
Está no paço aguardando.
» Ao balcão vinde, senhora,
» Vinde a vêr o gentil bando. »

Vai entrando o povo em ondas
Dos paços no atrio real;
Tremulam pelas ameias
Bandeiras de Portugal;
Brada o arauto, apartando
O tumultuoso arraial:

» Praça a dom Egas valente,
» Dom Egas, o campeador,
» Bravo na guerra de mouros,
» Terno em batalha de amor,
» Dom Egas, o coroado,
» Dom Egas, o vencedor. »

V.

E dom Egas se enderessa
Para a arraiada janella,
Aonde está debruçada
Violante candida, e bella,
Sem vêr que tem ao seu lado
Negras barbas de Castella;

E diz tal:— » Dona Violante,
» Dona do meu coração,
» Batalhei rijas batalhas,
» Fizeram-me lá capitão;
» Ganhei despôjos, e terras,
» — Pela patria á fé que não!

» Por ti só, dona Violante,
» Por ti só, que não por al;

» Abaixo do senhor rei
» Sou primeiro em Portugal:
» Queres tu ser minha esposa,
» Violante angelical?»

E a dama acutuvelava
Com sorrir sonso, e arteiro,
De si mui vangloriosa,
O castelhano guerreiro,
Que os bigodes affagava
Com ademan traiçoeiro.

'Thé que alfim, de ouvir cansado,
No balcão se endireitou,
Ergueu a ferrea manopla,
E assim ao moço bradou:
» A ti só, até morrer!»
E o guante lhe arremeçou.

Chora em vão dona Violante,
E a rahinha brada em vão;
Que açodado vai correndo
Castelhano campeão:
» Minha lança! minha espada!
» Meu broquel! meu alazão!»

Dom Egas fica interdicto,
Immovel, louco, pasmado,

Esfrega os olhos, e benze-se,
A julgar-se enfeitiçado;
Olha alfim para o balcão,
Desafogando em tal brado:

»Fé que és vil, dona Violante!
»Fé que és vil, ó cavalleiro!
»Fé que no seio mereces
»Fino punhal traiçoeiro!
»Fé que a barbas de castella
»Mostrarei que sou guerreiro!»

VI.

Eil-os 'hi em face um do outro,
Sobre a arêna os campeões,
De labio a labio trocando
Improperios, maldições,
Impacientes, raivosos,
Pulando sobre os arções.

— Eis move novo arruido
Voz que diz: «Real! real!
»Praça ao senhor dom Affonso!
»Praça a el-rei de Portugal!

» Ao valente dos valentes,
» Dos maioraes maioral!»

Vem el-rei castello dentro,
Bengala erguida na mão;
Olhos fita carrancudo
N'um e n'outro campeão;
E diz d'est'arte, arrojando
Entre os dous o seu bastão:

» Paz aqui, nobres senhores!
» Paz aqui, que mando eu!
» Mulher, que trác suas juras,
» Lide tal não mereceu;
» Vale hoje dona Violante
» Menos que mouro, e judeu.

» Mando, nobre castelhano,
» Leves Violante d'aqui.
» Mando, dom Egas, que escolhas
» Mulher mais digna de ti.
» Mando aos noveis meus donzeis
» Que os olhos ponham alli.»

— Correu-se dona Violante,
E com seu veo se cobriu.
— O castelhano orgulhoso
Abandonou-a, e partio.

—E a plebe em torno apinhada
Do caso estranho se rio.

—E dom Egas jura eterna
Fez de nunca mais amar;
Vida viveu trabalhada
Sua desdita a chorar;
Morreu morte de valentes,
Alto guerreiro sem par.

—E indo a rahinha chorando
Sua dama consolar,
Disse-lhe esta: « Não choreis;
» Sou mulher, — e quiz casar;
» Enganei dous de tal cunho,
» Posso inda mil enganar. »

Quinta da Guarita
setembro de 1840.

SOLAO IX.

D. GOÉSTO ANZUR,

OU

BRASÃO DE FIGUEIREDOS.

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei.
SOLAO POPULAR.

Bello moço, dom Goésto,
Dom cavalleiro christão,
Que com tão galhardo gesto
Desmontas teu alazão,
Sem broquel, sem lança, ou'spada,
Lá do outeiro na assomada,
Porque trepas afanoso?
—Viste ao longe uns olhos bellos,
Viste uns dourados cabellos,
Viste um semblante choroso.

— Bello moço dom Goésto,
Não entres no figueiral;
Esse gemido funesto
É agouro do teu mal.
Nada escuta o cavalleiro,
Trepa o muro, qual o outeiro,
Salta intrepido ao cercal:
» Ouvi aqui uns anhelos,
» Vi de longe uns olhos bellos;
» Quem vos faz, ó donas, mal?»

—» Faz-nos mal um rei tyrano,»
Diz a mais linda, que vistes,
» Mauregato, o deshumano;
» Somos seis donzellas tristes,
» Somos o feudo do mouro,
» Que da paz pelo thesouro
» Troca um vil nossa izempção;
» I'-vos em bem, cavalleiro,
» Nosso mal está primeiro,
» Já que é debil esta mão;

» Ja que é debil, pois se o ferro
» Qual vós outros impunhára,
» Das cem virgens o desterro
» Nunca mais elrei mandára . . . »

— »Em que mande! Ao captiveiro
»Del-rei, dis o cavalleiro,
»As seis damas não irão;
»Pelos olhos d'essa cara
»Vidas mil, antes trocára,
»Vidas mil e o coração.

»Sou dom Goésto, senhora,
»Dom Goésto Anzur, e juro
»Livrar-vos antes d'uma hora
»D'esse captiveiro impuro ...»
—» Juras falso!» — voz grosseira
Sáe da calada viseira
D'um mouraz armado em guerra;
—»Juras falso!» — e n'esse instante
Ergue o pesado montante
Sobre Anzur, que cáe por terra.....

Mas eil-o de novo erguido,
Eil-o em torno ao figueiral,
Desgalhando destemido
Esse troço triumfal,
Com que vence e mata o mouro,
Com que alcança o seu thesouro,
Com que põe em debandada
A mourisma, e grita alfim:

» Livres sois, donas, por mim,
» Ir podeis á patria amada. »

—E ellas: » Já patria não temos,
» A nossa patria sois vós;
» Mais tal rei não serviremos,
» Que assim nos vende feroz;
» Vale mais do que Oviedo
» Este bello figueiredo,
» De que vós, Anzur, sois rei;
» É tua nossa vontade,
» Tua nossa liberdade,
» O teu gosto nossa lei. »

—E inda de sangue banhado,
Dom Goésto estende a mão
A' mais bella, e namorado
A cinge ao seu coração...
Foi eterno tal amor;
E não mais lhes lembra a dor,
Que afogaram em caricias.
—Sua larga descendencia
Prende ahi sua existencia
N'esse beijo de delicias.

COIMBRA. 1849.

SOLAO X.

A VIRGEM MARTYR SANTA COMBA.

O' santa Maria, senôra,
No me quieras olvidare!
Ati encomiendo mi alma,
Plégate de la guardâre,
En este trago de muerte
Esfuerzo me quieras dare.
ROMANCE ANTIGO.

I.

Toca-o arauto a trombeta,
Brada álerta a sentinella;
O cide monta a cavallo,
Bello corcel, rica sella,
Vôa d'Hercules á torre:
»Essa turba, que diz ella?»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Cavalleiros da Mourama,
Limpai armas, e broqueis;
Sacerdotes, na mesquita
Ide ajuntar os fieis;
Haja folguedo tamanho,
Como cumpre ao rei dos reis.

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—A' furtadella entrementes
Diz a gente coimbran:
» Que vem cá fazer el-rei?
» Aqui não ha castellan,
» É a vocação da cidade
» É, mais que moura, christan...»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Eil-o assoma entre cem lanças
Lá no monte da Piedade.

» Ai de nós! christãos exclamam,
» Ai da nossa liberdade!»
—» Allá! bradam musulmanos,
» Que nobre fica a cidade!»

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

—Cáe a porta levadiça
Sobre o fosso d'Almedina,
Télas, joias, e bandeiras
Brilham por toda a collina;
Para el-rei galopa o cide
Do corcel pegado â crina.

O ARAUTO.

Arvorai o guião d'ouro,
Que vem a Coimbra o rei mouro.

II.

O rei mouro veio ás portas,
Mas as portas não entrou;
—Caminho da selva negra
Ao cide alli perguntou:

=Onde é que está?
Quero me ir lá. =

=A selva negra, a que fica
De Voimarães junto ao prado?
Entrai senhor no castello,
E vel-a-heis do meu eirado. =

=Onde é que está?
Quero me ir lá.=

=A selva negra, senhor!
A selva triste, e bravia,
Ao pôr do sol, como agora,
Medonha, horrenda, e sombria !=

=Onde é que está?
Quero me ir lá.=

=Por onde andam brutas féras,
Andam christãos forasteiros,
Andam pardos lobis-homens,
E bruxas e feiticeiros!=

=Onde é que está?
Quero me ir lá.=

=Senhor rei por Mafamede... =
=Por elle vos matarei.....
Onde fica a selva negra,
Se amais a vida, dizei.

Onde é que está?
Quero me ir lá.=

=Iremos todos comvosco.=
=Não vai comigo ninguem:
Dá-me, cide, o teu sayão;
Esse comigo só vem.

Onde é que está?
Quero me ir lá.=

—Tudo ficou a tremer,
E foi-se o mouro correndo;
Tomou d'ancas o sayão,
E ao sayão ía dizendo:

»Onde é que está?
»Quero me ir lá.»

III.

Comba linda, linda Comba,
Raça de godos brilhante,
Mais nobre do que uma infante,
Mais formosa que uma pomba;

Que fazes por esses prados,
Neta de reis desvalida,
Na selva negra escondida,
A guardar alheios gados?

Abaixas os castos olhos
A's requestas dos pastores,
Ao canto dos trovadores
Foges por entre os abrolhos.

Muitos cides, muitos reis
Já pediram tua mão:
Mas o teu sangue christão
Não se ajunta aos infieis.

Levas á fonte o rebanho,
Colhes florinhas na relva,
Gozas o fresco da selva:
Onde ha'hi prazer tamanho?

Quiz despozar-te el-rei mouro,
E d'el-rei mouro fugiste;
Ao diadema preferiste
Da virgindade o thesouro.

No bosque não ha capella;
Mas tu ergueste uma cruz,
E apenas a aurora luz,
Vaes abraçar-te com ella.

Tu és a flôr das christans,
O primor da castidade,
Modelo de caridade,
Esmero de coimbrans.

Comba linda, linda Comba,
Raça de godos brilhante,
Mais nobre do que uma infante,
Mais formosa que uma pomba.

IV.

» Parai aqui senhor rei,
» Que na selva negra estamos;
» Os valles de Voimarães
» A' direita já deixamos,
» Real senhor,
» Eu tenho horror. »

O sayão falou assim;
E el-rei mouro se apeou,
E prendeu do bruto as redeas
A um tronco, que alli achou.

» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

Vai el-rei floresta dentro
C'o fino alfange na mão;
Ramos, que a via lhe impedem,
Cega-os o rijo espadão.

» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

Uma cruz el-rei divisa
No centro d'essa clareira.
Ei-lo espumando, que brada:
» Comba é minha prisioneira. »

—» Real senhor,
» Eu tenho horror.»

V.

—» Senhor Deos! Christo Jesus!
» Ai de mi!
» Que sinto mouros andarem
» Por ahi.

» Abraçada ao santo lenho
» Morrerei;

»Mas esposa do tyrano
»Não serei.

»A toda a parte, onde fujo,
»Vai buscar-me;
»Resta-me só nos teus braços
»Asilar-me.

»Livrai-me deste peccado,
»Meu bom Jesus adorado.»

Aos pés da cruz de joelhos
Assim a virgem dizia,
Mas já pelas tranças d'ebano
O rei mouro a sacudia:

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Senhor rei, ah! por quem sois!..
Deixa, deixa a minha trança;
Sejas tu senhor do mundo,
Não vences minha esquivança.=

=Has de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Morrerei por meus peccados,
Mas por Christo morrerei.=
=Deixa Christo, e nos meus braços
Ouro, e thronos te darei;

Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

=Desprézo os thronos da terra;
Erguem-se ao céo meus anhelos.=
=Vel-o-has em breve: sayão!
Traze cravos, e martellos.

Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

—Passa o carrasco uma corda
Pela cinta da donzella;
E guinda ao alto da cruz
A virgem candida, e bella.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Ata ao lenho as curtas plantas,
Um cravo lhe aponta á mão;
Erguido está o martello;
E brada el-rei qual trovão:

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Os olhos lindos de Comba
Immoveis fitam o céo;
O —*não*,— que ao labio lhe assoma,
É sem mysterio, sem véu.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Solta o martello tremendo
No cravo rija pancada;
E os membros se desconjuntam
Da casta mão delicada.

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada.=

Os negros olhos da virgem
Não se desprendem do céo;
E mais firme o labio grita:
»Não!» —e o mouro estremeceu.

=Hasde ser minha esposada.
Ou morres crucificada.=

Um cravo as plantas lhe esmaga,
Prende-lhe um cravo a outra mão;
Sempre nos labios virgineos
Mais firme se escuta:— « não ! »

=Has-de ser minha esposada,
Ou morres crucificada. =

VI.

Placido somno de morte
Cerra os olhos da donzella;
Foje o carmim pudibundo
Da face candida, e bella;
O mouro solta um arranco,
E fica estatua ao pé d'ella.

Abrio-se a terra espantada,
E o féro mouro tragou;
—Abrio-se o céo, e das nuvens
Um côro d'anjos baixou;
E á virgem santa nos braços
A virgem martyr levou.

S.ta CRUZ DO BUSSACO,
AGOSTO de 1836.

SOLAO XI.

"CAMÕES, NA GRUTA DE MACAO."

OU

"A VESPERA DOS LUZIADES."

O favor, com que mais se accende o engenho,
Não no dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza.

CAMÕES, LUSIADES, CANTO X.

Triste vida, que aqui passo
N'este solo rude, escaço,
Que não foi, que não é meu!
Triste vida a do proscripto,
Que em seu penar infinito
Descrê da terra, e do ceo!

Tristes dias sem ventura,
Tristes noites de amargura,
Triste dor do desterrado!
Quem ha 'hi por esse mundo,
Que troque o mal mais profundo
Pelo meu acerbo fado?

Eu sou soldado, e sou pobre,
Que não me vale ser nobre,
Sou Camões, o trovador;
N'esta terra de Macáo
Só me resta humilde Jáo,
Para alivio á minha dor.

Desponta o sol no oriente,
Vem risonho, ledo, e quente,
Estas praias alegrar;
Dos seus raios a bellesa
Augmenta a minha tristesa,
Redobra o meu suspirar.

Em linda noite fluctua
Saudosa e palida a lua,
Lá, no ceo de estrelas cheio;
Seu fulgor, tão meigo outrora,
Exacerba mais agora
Cruas fragoas d'este seio.

Que importam aves da selva
Que importam lyrios da relva,
Que importam brisas do mar?
Não são minhas estas flores,
Não são meus estes amores,
Não é meu este folgar.

Cada riso d'essa gente,
Que por mim passa inclemente,
Ostentando o seu praser,
É punhal, que me trespassa,
É serpente, que se enlaça
No coração a morrer.

Que te fiz, ó patria amada,
Terra minha idolatrada;
Para assim me despresares?
Quem o nome portuguez
Com maior intrepidez
Celebrou em seus cantares?

Que poeta, ou que soldado,
Ou na lira, ou no traçado,
Deu á patria mais amor?...
Que soldado, ou que poeta
Rege no ceo um planeta
De influxo mais opressor?

N'esta gruta solitaria,
Minha edeia incerta, vária,
Em que pensa? — em Portugal.
Lá meus amores ficaram;
De lá Camões desterraram
Para esta rocha fatal.

É delicto ser poeta?
É crime a voz do propheta
Verdades só descantar?
É delicto ter amor?
É crime aos pés d'um senhor
Não ir a fronte curvar?

É crime os olhos erguer
Para uma dama, e morrer
Da mais extrema paixão?
É crime aos pés d'essa dama
Todo em amor, todo em chama
Arrojar um coração?....

Não importa; — n'esta gruta,
N'esta rocha árida e bruta
Hei de eu erguer um padrão,
Mais do que as pênhas adusto,
Mais que os seculos robusto,
Maior que a minha nação.

De Rhodes pode o coloço,
Ao grito de — mando e posso, —
Fundir-se, desparecer;
Mas o padrão, que eu levanto,
Não entra n'elle o quebranto,
Não ha de nunca morrer.

Eu tenho-o aqui, n'esta mente;
É mais que a Iliade ingente;
A' patria o heide legar.
Oh! seja ella embora ingrata,
Essa ingratidão não mata
O meu civismo sem par.

Outros lá, n'essa Lisboa,
A privança galardoa,
Com medalhas, e brasões;
Cavalguem bellos telizes,
Sejam ricos e felizes,
Sejam tudo;.....eu sou Camões.

COIMBRA, MAIO, DE 1840.

SOLAO XII.

ENGRACIA RAMILA.

Pues amas, triste amador,
Dime, qué cosa es amor?
— Es una fuente do mana
Agua dulce y amargosa,
Que á los unos es muy sana,
Y á los otros peligrosa.

JUAN DE LA ENCINA.

» Triste, triste dom Pelaio,
» Queres tu a liberdade?
» Queres tu volver de novo,
» Ao teu lar, tua cidade,
» Nos braços da noiva linda
» Mitigar cruel saudade?»

» — Se quero, dona princeza. »
Dom Pelaio respondia
A' donosa illustre moura,
Que tal pratica fazia,
» — Se quero! — por vê-la uma hora
» O braço, e peito daria.

» Deixei lá, senhora minha,
» Metade do coração;
» Só logrei carinhos d'ella
» Em noite de san João,
» Que no dia fui á guerra,
» Deitaram-me este grilhão,

» Triste, triste do captivo,
» Que infanção, e cavalleiro,
» Arrasto, vai em dez annos,
» Na mourama prisioneiro,
» Saudades da minha noiva,
» Algemas do captiveiro.

» Oh! doei-vos do captivo,
» Dai-me carta de alforria,
» Que ao meu san João cada anno
» Farei por vós romaria;
» Accesas, por vós, tres velas
» Lhe queimarei noite e dia. »

PRINCEZA.

—» As vossas velas regeito,
» Mais a vossa devoção;
» De vós quero outro serviço
» Em noite de san João;
» Dou-vos pról e liberdade
» Com esta só condição.

» Ide a Falla, vossa terra:
» — Noite e dia correreis; —
» Levais um bôlo encantado,
» Do bôlo não comereis;
» Levais o fito na esposa,
» A' esposa não fallareis.

» Mal das margens do Mondego
» Virdes Coimbra a sorrir,
» Aguardareis que anouteça,
» Para caminho seguir;
» Só juncto á fonte da moura
» Deveis o bôlo partir.

» Duas bicas tem a fonte,
» A senistra deixareis;
» E por Engracia Ramila
» Mui de manso chamareis....
» — Parti, parti, que de monta
» É o galardão, que tereis,»

E jurou-lhe o cavalleiro
Por sua fé, seu amor,
Cumprir o voto, que dera,....
Cumpril-o sem ser traidor.
— Ei-lo nas asas dos ventos
Lá vai os mares transpôr.

II.

Pelas fraldas d'um outeiro
Gentilmente recostada,
'Thé morrer no Monte sancto
Em verde prado poisada;
Juncto á margem do mondego
Surge Falla tão fallada,

Fallada por suas aguas,
E romana fundação,
Fallada por nossos reis,
E Fernando de Leão,
E pela fonte da moura.
A moura do san João.

San João! eis tua noite,
Noite de fogo, e de amor!
» —Donde vens tão açodado
» Peregrino trovador?
» Lá viste acaso Pelaio,
» Dom Pelaio, meu amor?»

Assim a noiva dizia,
A noiva do cavalleiro,
Quando elle, desconhecido,
Mudo trepava o outeiro;
Elle tão mudo, que treme
Ser á jura traiçoeiro.

Mas aquella voz tão meiga,
Os negros olhos gentis;
Os alvos seios arfando,
A gemer pelo infeliz;
Tudo n'alma do mancebo
Passadas juras desdiz.

É rija a prova;— hesitára;
Quer fugir o cavalleiro:
Mas ei-la ahi tão formosa,
Ella, seu amor primeiro,
Ella a instar-lhe, os olhos rasos,
Por novas do prisioneiro.

Mais não póde; é cinza a jura;
O peregrino ergue o braço:
Eis em terra o manto, a gôrra,
Eis o segredo devasso....
»Dom Pelaio!!» — Os dous amantes
São um só no mesmo abraço.

E as fogueiras d'essa noite
Seus tangeres e folgar,
Nada são juncto á ventura
D'aquelle mimoso par,
Que esquece n'uma só hora
Dez annos de suspirar.

III.

Dá meia noite na torre,
Na torre do Monte sancto:
Do coração de Pelaio
Trava insolito quebranto;
Acorda, lembra-lhe a jura,
A jura do seu encanto.

Rica de beijos dormia-lhe
Ao lado a esposa formosa;
Pé ante pé o mancebo
Foge da instancia amorosa;
E c'o bôlo corre á fonte,
Que vai a alma pressurosa.

Corre á fonte, e quer partil-o;
Pasma do bôlo encantado;
Por que a esposa ás furtadellas
Um pedaço lhe ha provado:
Treme de susto por ella,
Treme de haver falseado.

Assim mesmo, despeitoso,
Parte o bôlo, que, estalando
Como raio em tempestade,
De seu bojo vai largando
Arreado palafrem,
Alli mui quedo a seu mando.

Meravilha-se Pelaio
Toma ao ginete o bridão;
O ginete cai por terra,
E revolve-se no chão:
Cai por terra, que lhe falta,
Qual ao bôlo, a sestra mão.

»Negro de mim! diz o moço,
»Ai! negra da minha jura!»
E eil-o corre mui de manso
A chamar na fonte pura
Pela moura, que lá dentro
Mui gentil se lhe figura.

Chamou tremendo por ella,
A' dextra bica escutando.
Fallou-lhe Engracia Ramila
Mui de dentro suspirando,
Sua voz melodiosa
Em soluços abafando:

RAMILA,

»Negro de ti, dom Pelaio,
»Dom captivo traiçoeiro;
»Negro de ti, que vendeste
»Honradez de cavalleiro:
»Por amor d'uma só noite
»Dobraste o meu captiveiro.

» Aqui gemo em soledade:
» Tem dez annos meu condão:
» E só pode libertar-me
» D'esta encantada prisão
» O captivo, que dez annos
» Soffrer com resignação,

» Que voltar do captiveiro,
» Passando pelo seu lar,
» Sem volver saudosos olhos,
» Sem da noiva se importar,
» Sem faltar ao juramento
» De me vir desencantar.

» Tu faltáste fementido;
» Mais dez annos gemerei;
» Porem minhas ricas joias,
» Meu ouro não te darei,
» Thesouros, com que podia
» Pôr-te corôa de rei;

» 'Thé que venha outro captivo
» De mais honra.» — E nisto abrindo
A lage da clara fonte,
Eis mostra o thesouro infindo;
E grossa cadeia d'ouro
Ao moço offerta sorrindo.

RAMILA.

» Já que tu não mereceste
» O soberbo galardão,
» Leva em penhor da verdade
» Este formoso grilhão,
» O signal do meu despreso,
» Signal da tua traição.»

IV.

Já nos céus desponta a aurora
Com seu rosado clarão,
De aljofares semeando
Campinas do san João,
Quando a casa volve o moço
A buscar consolação.

NOIVA.

» Desconsolado tu sejas,
» Ingrato meu cavalleiro,
» Que, má hora, apenas chegas
» Do largo teu captiveiro,
» Já me deixas tão sosinha
» Como quando prisioneiro.»

D. PELAIO.

» Fui cumprir voto solemne,
» Má hora que o voto fiz;

» Fascinaram-me os teus olhos,
» A minha jura desfiz;
» Lá fica a moura na fonte,
» Por ti de novo infeliz. »

NOIVA.

» Ingrato dom cavalleiro,
» Ingrato, que me trahiste;
» Os olhos da moura bella
» Aos meus olhos preferiste;
» Por ella, que não por mim
» Do captiveiro partiste.

» São de zaphira os seus olhos,
» Os cabellos d'ouro fino;
» De san João na alvorada
» O seu gesto peregrino
» Já lhe eu vi assoalhando
» O seu thesouro mofino.

» Ingrato dom cavalleiro,
» Ingrato que me trahiste;
» Os olhos da moura bella
» Aos meus olhos preferiste;
» Por ella, que não por mim
» Do captiveiro partiste.

D. PELAIO.

» Dona ingrata minha noiva,
» Oh! não me julgues assim;
» Só por ti, que não por ella,
» A' patria voltei alfim;
» E por ti meus juramentos
» Falsei, triste de mim!

» Dona ingrata minha noiva,
» Aqui tens meu galardão;
» Deu-me Ramila na fonte
» Por despreso este cordão;
» Guarda-o tu, já que tu foste
» Causa da minha traição.»

E a zelosa noiva bella
Regeita a fulva cadeia;
Para um robre, juncto á porta,
Desdenhosa se meneia,
E no grosso tronco rude
O grilhão formoso enleia.

E o grilhão muda-se rapido
Em temerosa serpente,
Que gigante o tronco aperta
Com sua escama fulgente,
'Thé partil-o, e derribál-o
Com estampido fremente.

E de zêlos requeimado
O peito da noiva bella,
D'aquella hora em diante,
Não conheceu mais estrela,
Que perseguir dom Pelaio,
Que triste morre por ella.

E a moura Engracia Ramila
Encantada lá ficou;
Nunca mais leal captivo
Difficil prova tentou;
Nunca mais de amor aos riscos
Tal voto alguem confiou.

E ainda existe hoje a fonte,
Fonte da moura de então,
Que inda o seu ouro assoalha
Nas manhãs de san João.
—Não beba lá quem no peito
Guardar traidor coração.

LIVRO SEGUNDO.

SOLAO I.

A NEGRA FAÇANHA DE SUB-RIPAS.

OU

O INFANTE D. JOÃO.

Sempre amor mais livre peito
Em mores prisões cativa,
E depois de o ter sugeito
Nega-lhe fortuna esquiva
No galardão seu direito.

FERNÃO D'ALVARES DO ORIENTE.

Oh! que bello que foi esse infante loução,
Esse esposo da nobre, da linda viuva!
Em torneios, em justas qual ha campeão
Tão gentil, que assim deite aos contrarios a luva?
E na liça de amores onde ha coração
De tal mansidão?

Os seus olhos venceram a bella Maria,
A despeito de izenta, e de irman de Leonor.
Oh! que doce que foi essa hora, esse dia,
Em que lhe ella acceitou sua mão, seu amor!...
E brotou-lhe tão meiga a leal simpathia,
Com tal galhardia!

Em segredo se amava um e outro esposado,
Entre os paços airosos de Coimbra tão bella.
Oh! mas eis que a rahinha em desejo damnado
Exacerba-se ao ver tão feliz hoje aquella,...
A que outrora lhe dera, no tempo dourado,
Conselho sagrado.

O que foi, que lhe disse, ou lhe fez, em Lisboa
A rahinha matreira ao cunhado traidor,
Não se sabe; — nem ouza chronista de prôa
Aventar co'a verdade. — O que é certo é de horror.
O que é certo é que a hora cruenta lá sôa,
E rapida vôa.

Que moço é aquelle, de semblante palído,
Que airoso trota no veloz ginete?
Aérco manto sobre o corpo esqualido
Ondeia ao vento.

De espaço a espaço o acicate agudo
Com ancia crava do corcel na ilharga;
Do elmo pende-lhe, a bater no escudo,
Negro penacho.

Aos crebros saltos, nas ferradas grevas
Lhe roça a espada com fragor de morte;
D'echos em echos pelas bastas trevas
O som rebôa.

Sob a couraça o coração lhe anceia,
Direito ao muros da formosa Coimbra.
Já cerca, as redeas ao corcel sofreia,
Que pára humilde.

Estreitas ruas da cidade gothica
Eil-o atravessa, a demandar os paços,
Os paços tristes, onde, planta exotica,
Definha a infante.

Trepa, do portico, á spiral sombria;
Da spiral passa para a sala d'honra;
A estreita porta do aposento enfia....
—A esposa dorme;

Dorme no thoro conjugal despida;
Os alvos membros alvo linho cobre;
Um sonho placido, entre morte e vida,
Lhe anima o rosto.

Em pé o infante, face a face ao leito,
É qual da morte macilenta estatua.
Fulge da alampada o clarão desfeito
Na fronte palida.

Mas eil-o accorda do turpor, e estende
A mão de ferro sobre as frageis roupas,
Que ao chão arroja... Oh! que ninguem defende
A pobre esposa!

Despida, e alva como a neve pura,
Surge do somno espavorida a triste;
Os olhos crava na fatal figura
Do esposo iniquo.

Os olhos crava, — dá-lhe um riso ainda,
Que vai na ponta d'um punhal finar-se.
Foi riso extremo n'essa face linda,
Foi rir da campa.

Lá entre os seios, donde o rir brotára,
O agudo ferro do traidor se embebe.
Em ai de morte quasi o rir trocára...
Tempo não teve.

«Jesus!...» —ainda lhe assomou no aspeito;
«Jesus!...» —morreu-lhe sem chegar ao labio;
«Jesus!...» —lá dentro foi buscar-lho ao peito
Punhal damnado.

Cahio por terra a malfadada, morta,
A revolver-se no vermelho sangue...
O cavaleiro guarda o ferro. A porta
Nos gonzos range.

Eis acodem as damas, os pagens,
Ao cruento, aziago stridor;
Eis devisam no chão estirada
Essa victima triste d'amor.

»Que é do negro, traidor, assacino?
»Que é do negro vilão, que tal fez?»
Assim bradam; mas calam-se ao ver-lhe
O penacho, a monteira, o arnez:

Gela o susto a palavra nas fauces;
Reina em torno silencio de morte,
Que só rompem os passos de ferro
Do guerreiro, que segue o seu norte.

Do guerreiro, que marcha impassivel,
Que impassivel circunda a spiral,
Que impassivel cavalga o ginete,
Que impassivel dirige o animal.

» Vai-te feroz cavalleiro,
» Vai-te, vai-te, dom vilão;
» Em terras de Portugal
» Nunca mais comas o pão.

» Desprese-te o alentejano,
» Escarneça-te o beirão;
» E na corte, ao rei Fernando
» Nunca mais beijes a mão.

» Vai-te via de Castella,
» Que são terras de traição;
» Nunca lá socego tenhas,
» Nunca mais consolação.

»Nunca dama, que te veja,
»Possa dar-te a isenção;
»Sempre o solio te regeite,
»Em que falte a successão.

»Teus vaçalos te reneguem,
»E renegue-te a nação;
»Um remorso te acompanhe
»'Thé á morte, dom vilão.

»Sejam fumo as esperanças
»D'esse infame coração,
»Lenta agonia te espere
»Em hora de maldição.»

Tal foi a sina
De perdição,
Que as damas deram
A dom João.

E Deus cumprio lhe
Todo o condão:
— Custou-lhe cara
Negra ambição.

COIMBRA, JUNHO, DE 1849.

SOLAO II.

O CID.

Rey qûe non face justiça
Non debiera de reinare,
Nin cabalgar en caballo,
Nin con la reina fablare,
Nin comer pan á manteles,
Nin menos armas le armare.

ROMANCERO D'EL CID.

Está sentado em seu throno
O senhor rei de Leão,
Dom Fernando, o poderoso,
O valente capitão,
A fazer justiça aos povos,
C'os maioraes da nação.

Porta dentro, espada á cinta,
Pesado luto arrastando,
Trinta nobres escudeiros
Cabisbaixos vem entrando;
Vão-se, apoz elles, de damas
Duas alas avistando.

Eis ao cabo a mais formosa,
E tambem a maioral,
Esparsa a negra madeixa
Pelo seio angelical,
Estendendo a mão de neve
Para o diadema real.

A DAMA.

Eu sou orphã, senhor rei,
Orphã tua, e da nação,
Porque de espada na mão
Lhe guardou meu pae a lei.
Que meu pae é morto sei,
Vós o sabeis, negra dor!
—E a cabeça do traidor,
Que sobre elle a mão alçou,
Que no chão morto o deixou....
Essa cabeça, senhor?!

Donna Ximena me chamam,
Filha do conde Souzão,

Cujas memorias em vão
Todos presam, todos amam:
Vingança as cinzas reclamam;
Ninguem ousa de o vingar,
Que o matador foi Bivar,
Foi o Cid aventureiro...
Se foras rei justiceiro,
O Cid havias matar.

Mas és mau rei, meu senhor,
Que apadrinhas um villão,
Que não quer dar-me razão,
A razão da minha dor.
És mau rei, que ao lidador,
Que tem pendão e castello,
Que tem caldeira, e cutello,
Deixas impune viver;
E que a uma fraca mulher
Negas justiça por ello.

EL-REI.

Dom Rodrigo de Bivar,
Ésta dama vez aqui,
Filha do conde Souzão,
Orphã por amor de ti.
Por lhe dar sastisação
Cedes-lhe um castello? — «Não.»

«—Em vingança de teu pae,
Mui bom filho, e máu vassalo,
Matáste o conde Souzão;
A mim cumpre resgatál-o,
E dar á filha razão.
Dás-lhe a tua espada?» — «Não.»

«—Rei sou eu, faço justiça;
Tu juráste-me o teu preito.
Se estender a minha mão,
Muito rei me cai subjeito.
Quatro villas, campeão,
A Ximena cedes?» — «Não.»

«—Cinco monarchas na guerra
Tributarios já fizeste;
Todos te deram razão,
Vida a todos concedeste.
E negas satisfação
A tão bella dama?» — «Não.»

O CID.

Rei senhor, não arreceio
Tua senha, e poderio;
Dentro do meu alvedrio
Só eu tenho senhorio.
Alguem, que o negue; matei-o.

Rei, — cobarde não sou eu,
Que ferisse qual vilão;
Gravei ao conde Souzão
Um punhal no coração,
Porque traidor me offendeu.

E que seja rei, ou papa,
Ou de Roma imperador,
Ou de dez mundos senhor,
Saiba eu que o vil é traidor,
D'este ferro não me escapa.

Filha do conde Souzão,
Não te dou castello ingente,
Nem minha espada valente,
Nem uma villa sómente;
Pois não te devo razão.

Mas roubei-te a protecção,
O carinho do pae teu,
E dom Rodrigo sou eu:
Por não ser devedor teu,
De esposo te offerto a mão.

E nas faces da donzella
Despontou meigo rubor...
El-rei, descendo do throno,
Abraçou o campeador:
— «Dou-te mais oito castellos
»Generoso lidador.»

E a mourisma nesse dia,
Durante as bodas reaes,
Sem temer de dom Rodrigo
As correrias fataes,
A vez primeira, d'um jacto,
Dormiu em seus arraiaes.

SOLAO III.

CAIO CARPO,

OU

BRASÃO DE PIMENTEIS.

Se tuvieras, aldeana,
La condicion como el talle,
Fueras reina de tu aldea,
Tendrias vassallos grandes.

LOPE DE VEGA.

CANTO I.

= Que queres de mim, zagala?
Alda, que fazes ahi?
Alda bella, meus desejos,
Morro por amor de ti.
Sou gentio, e tu christan,
Rei sou eu, tu aldean. =

=Caio Carpo, meu senhor,
Rei da Maia, e lidador,
Tu mandas do Ave ao Leça,
Do Leça ao Douro sem par,
E lá dos montes d'Alfena
Até ás praias do mar.
Manda embora, que rei és,
Mas que esta graça nos dês:

Rei Senhor, faz-te christão
Em dia de San João.=

=E vós ahi, que fazeis,
Povos meus, por essa praia,
A' foz do Leça reunidos,
Desde Mindelo até Gaia?=

=Senhor rei, vamos ao mar
Ver San Thiago passar.
Rei senhor, faz-te christão
Em dia de San João.=

=E vós tambem, a que vindes,
Senhor de Gaia valente,
E vós de Riba-Visela,
E de Bracara excellente?=

=Rei, pisamos teus estados,
A purgar nossos peccados.
Rei irmão, faz-te christão
Em dia de San João.=

CANTO II.

E já cerca Matosinhos,
Já cerca as praias do mar,
Vai chegando a cometiva,
Zagais e reis, tudo a par;
Só na frente em seu ginete
Caio Carpo a cavalgar.

Segue-se a linda zagala,
Queda el-rei de quando em quando,
E gentil sorriso brando
Despede, como a chamál-a.

Córa a face da donzella,
C'o sorrir de seu senhor;
E esse encarnado rubor
É menos casto do que ella.

Torna el-rei a procurál-a;
Torna a zagala a córar.
»Alda, tu não me has de amar!»
Diz el-rei quasi a adorál-a.

=Rei senhor, faz-te christão
Em dia de San Joáo.=

E mais ia por diante
Caio Carpo no amor seu,
Quando reis, quando romeiros,
Tudo a um tempo estremeceu;
Que novo, ingente prodigio
Nas ondas resplandeceu.

Vai San Thiago no mar,
San Thiago, o campeão,
Que leva o proprio caixão
Dos ossos seus a enterrar.

Vai ao cabo da Galisa
Ver seu povo tão leal.
Do mar o verde estendal
Como tão sereno pisa!

Mil joelhos se dobraram;
Só Caio Carpo não desce
Do ginete, e se enfurece
Mal as turbas lhe bradaram:

»Rei senhor, faz-te christão
»Em dia de San João.»

»Rei senhor, Alda lhe volve,
»Não vês álém San João,
»Com seu cordeirinho branco,
»Encostado n'um bordão,
»E seu manto de escarlate,
»E a dizer: — faz-te christão. — ?

»Não vês além tão vesinho,
»Lá pelo ceo radiante,
»Essa estrada de diamante,
»De San Thiago caminho,

»Caminho, que emita o sancto
»Pelas agoas a lusir,
»Caminho, que ha de seguir
»Tanto rei, romeiro tanto?

»Não vês os peixes do mar,
»Não vês conchas e vieiras
»Juncto ao caixão prisioneiras,
»O Apostolo a cortejar?

»Rei senhor, faz-te christão
»Em dia de San João.»

Caio Carpo furioso
Dá de esporas ao ginete,
E co'a espada reluzente
Eis contra o sancto arremette,
Por entre as ondas do mar,
Com rija voz a bradar:

»San Thiago, e San João,
»Não vos teme este leão.»

E lá nas vagas,
Com sanha horrenda,
Jaz quasi extincta
A voz tremenda.

Ergue-se o pego,
Do abysmo ao ceo...
Pobre dom Carpo
Que fado o teu!

CANTO III.

E tres horas são passadas;
Eis as turbas a bradar:
» Que espectro, visão, fantasma
» Lá vem do seio do mar!...»

— Vem a pé o triste rei,
Cruz d'ebano traz na mão;
Vem de conchas revestido,
Brancas barbas thé ao chão;
Quêda-se juncto á donzella,
E diz-lhe tal oração:
» Senhora, eu vi San Thiago,
» Montado n'um tubarão,
» Finas esporas de prata,
» D'ouro nobre morrião.
» Eu falei-lhe; — elle tocou-me
» Co'a ponta do seu bordão.

» E a vez primeira na vida
» Caio Carpo estremeceu;
» Desbotaram minhas barbas,
» O meu corpo envelheceu.
» Oh! vem ser minha, senhora,
» Que já de Christo sou eu.»

—E a donzella, enamorados,
A travez do raro véo,
Olhos deita, que renderam
A mil, como esse rendeu....
Eil-a rainha em seus braços,
Que são decretos do ceo.

E já dez seculos calcam
De Carpo a lapide, em vão;
Que inda as conchas lá figuram
De seus netos no brasão,
De branca tarja cingidas
Com as cruzes do Christão.
E cada anno mil romeiros,
Em dia de San João,
Do Leça á beira celebram
O milagre e devoção....
—Oh! renegue a historia os feitos,
Que mais vale a tradição.

QUINTA DO PAIÇO, JUNHO DE 1847.

SOLAO IV.

A LAPA DOS ESTEIOS.

Pois minha triste ventura,
Pois meu mal não faz mudança;
Quem me vir ter esperança,
Cuide que é de mais tristura.

CANCIONEIRO DE RESENDE.

Rico de nobre atavio,
Outrora no alto do monte
Um castello campeava
Por esse largo orisonte.
Orphanzinha a castelan
De seu pai dom Ferramonte,
De carpir, chorar por elle,
Nos olhos tinha uma fonte.

E do tumulo defronte
Pela cinza paternal
Deu nas ancias do transporte
Um juramento fatal:
Prometteu morrer donzella,
E ser á jura leal,
Nunca amar, quem quer que fosse,
Ou cavalleiro, ou zagal.

E no rosto angelical
Tal belleza fulgurava,
Que, má sina, quem a via,
Quem a via logo a amava.
Este de pena morria,
De raiva aquelle finava;
Isenta sempre a donzella
Rendimentos despresava.

Dona Laida se chamava
A castelan sem amor.
Triste vida, que vivia,
Triste vida sem sabor!
Consolava-se dizendo:
Ao menos vivo sem dor.
—'Thé que bate ás ferreas portas
Cavalleiro trovador.

» Não entres, nobre senhor,
» Não vejas o rosto meu;
» Quem me vio idolatrou-me,
» Quem me idolatrou morreu.
» Meu amor não posso dar-te,
» Meu amor, jurei-o ao ceo. »
Assim disse; e o rosto lindo
Occultou em negro véo.

E logo transpareceu,
Ao olhar o cavalleiro,
Pelo rosto da donzella
O signal do captiveiro.
Os corações se entenderam
N'aquelle encontro primeiro;
Os seus olhos se fallaram
N'um relance derradeiro.

Um dia d'esse parceiro,
Fôra o da jura cruel;
E ora ao cabo de tres annos
Foi á promessa infiel.
Oh! que choro n'essas faces!
Oh! n'esse peito que fel!
Dona Laida venda os olhos
E abandona o seu castel.

E com palavras de mel
O trovador a seguia,
Na pista dos seus encantos
Caminhando noite, e dia;
Aqui lhe deixa um suspiro,
Ali solta uma armonia;
Sempre após ella no bosque,
No vergel, na penedia.

Topa a dama alfim um dia
Com gentil gruta formosa,
Toda vestida de musgo,
Coberta d'hera viçosa,
Recamada, perfumada,
De jasmim, de myrto, e rosa,
A' sombra de verdes freixos,
A' sombra tão amorosa.

Banham-lhe a planta mimosa
Serenas ondas do rio,
Imprimindo-lhe mil beijos
Com suave murmurio.
È a gruta solitaria,
O sitio doce, e sombrio.
—Quer fugir: ondas o vedam;
Correm lagrimas em fio.

Se consulta o alvedrio,
O alvedrio! diz-lhe — amor;
— Amor — lhe dizem as aves,
O Mondego, a penha, a flor;
— Amor — lhe diz assentado
A seus pés o trovador....
— Dona Laida tira a venda:
«Oh! sou vossa, meu senhor.»

O moço cheio de ardor
Namorado estende a mão...
— Abraçou rijo penedo,
Que a gentil donzella em vão.
Tambem a misera, quando
O chegava ao coração,
Cingia o tronco lascado
D'um freixo, que d'elle não.

E transformados lá jazem
Os dous mancebos reaes
Sobre a Lapa dos Esteios
A amar-se, a ver-se,.. e não mais!
— Oh! quem entrar nesta gruta
Não faça juras fatais:
Aqui 'thé os freixos amam,
Athé as penhas dão ais.

COIMBRA, 1845.

SOLAO V.

O ROMEIRO.

Mis ojos sean malditos
Que su hermosura miráran,
Que a no mirarl-a ellos
Todo este mal se escusaba.

SEPULVEDA. ROM. D'ELREI RODR.

Bate ás portas do castello
» Com seu ferrado chapim,
» Dona condeça, um romeiro,
» Dos que tangem bandolim.
» Mandais dar-lhe entrada?» — «Sim.»

—» Haja saráo, venham damas,
» Diz o conde, quero dar
» A' minha linda esposada
» Refestêlo de folgar.
» — Romeiro, sabes cantar?»

—Vem donzeis, e ricas-donas,
Todos prestam attenção;
Traz um pagem ante os noivos
O romeiro pela mão.
«—Dom jogral, que é da canção?»

Nada responde o romeiro;
Reina silencio fatal...
Em pé lhe grita, enfadado,
Face a face o maioral:
«Tu morreste, dom jogral!»

—«Qual de nós!...» —suspiro agudo
Eis retumba no salão....
É um punhal, que do conde
Atravessa o coração....
Eil-o estirado no chão.

—«Qual de nós!...» Sobre o cadaver
Volve á condeça o jogral;
Porem contra aquelle seio
Não tem forças o punhal;
—Teve-as só contra o rival.

Venha pregão, e baraço
A vingar o gran senhor.
De pés e mãos lá vai preso
Impassivel trovador....
—Elle já morreu... d'amor.

SOLAO VI.

DONA LUCINDA MONIZ,

OU

A EMPAREDADA DE PENACOVA.

Da lindesa vossa,
Dama quem a vê,
Impossivel é
Que guardar-se possa.

CAMÕES.

CANTO I.

Formoso neto do Agar,
Castelão miramolim,
Assentado nas ameias
Do seu nobre Gondelim,
Descantava uma toada
No saudoso bandolim.

Bandolim, leva-lhe as queixas
Do tão triste seu amor,
Leva-lhe os ais, e os suspiros,
As amarguras, e a dor,
Leva-lhe a endeixa sentida
Do mancebo trovador.

Trovador, e cavalleiro,
Nunca em trova, nunca em lança
Houve segundo, que ousasse
De disputar-lhe pujança,
Trovador, e cavalleiro
Por valor, e por herança.

Herança teve o guerreiro
Mui dificil, e arriscada;
Que circunda o seu castello
Gente imiga, e baptisada,
Gondelim, ultima pedra
Da Mauritania domada.

Domada foi Coimbra bella
Com o herculeo torreão,
Domada Louzaã real;
E nas veigas de Lorvão
Monges negros açanhados
De lança em riste lá 'stão.

Estão mais perto, e de riba
As gentis cavallarias
De Penacova, a soberba,
Com as suas galhardias,
Avassalando o Mondego
Sobre negras penedias.

«Penedias de minha alma!»
Murmurava o triste mouro,
» Lá por baixo d'essas rochas
» Escondeis o meu thesouro,
» Dona Lucinda Moniz,
» De formosas tranças d'ouro.»

D'ouro então nas cordas bellas
Dedilhava o bandolim,
Assomava-se á varanda
Do seu nobre Gondelim,
Deslizava-lhe uma lagrima,
E cantava o triste assim:

» Dona Luzinda Moniz,
» Flor dos muros do christão,
» Vem ser moura nos meus braços,
» Anjo do meu coração;

» Allah! por tua isempção,
» Allah! por teus olhos bellos,
» Allah! por teu seio niveo,
» Por teus dourados cabellos;

» Escuta os meigos anhelos
» Do rei mouro apaixonado,
» A teus fagueiros encantos,
» Docemente avassalado;

» Que já no peito alquebrado
» Suspiro extremo de amor
» Exhalou por te render
» O monarcha trovador.

» Deixa os cilicios da dor,
» Do Propheta abraça a lei,
» Vem ser moura nos meus braços,
» E rahinha do teu rei.

» Vaidoso te roubarei,
» No Alborah de Mafamede;
» Irei depor-te, rahinha,
» De meus estados na séde;

» Nem que o Propheta mo véde
» Leixarei de te adorar,
» Formosa filha de Christo,
» Emparedada sem par:

» Venceste o neto de Agar,
» Quebraste-me a isempção;
» Vem ser moura nos meus braços,
» Anjo do meu coração.

CANTO II.

» Alerta, álerta, nosso amo,
» Temos christãos pela prôa,
» Muita grita, muito alardo
» Lá das partes de Lisboa;
» De virotes, e de lanças
» Todo o valle se povôa.

» Trazem na frente das alas
» Desenrolado um pendão,
» Que diz: = Pela emparedada,
» Nobre filha do Christão. = »

Ergue-se o rei, toma a lança,
E diz: «Por ella! isso não.»

E cahiu sobre os de Christo
Com tão rígidas bravuras,
Que cada bote de lança
Falsava dez armaduras.
«Quero pela emparedada
»Abrir trinta sepulturas.»

E abriu trinta, e trinta, e cento,
E da lança c'o bastão
Acenou para os vencidos,
Firmou o conto no chão,
E disse: «d'ella, e por ella
«Só este meu coração.»

E trepou pela assomada
D'alta montanha fronteira,
E entrou, incolume, as portas
De Penacova guerreira,
E trouxe a emparedada
Sobre os hombros prisioneira.

Tocou de ferro os varões,
Os varões se desfizeram;
Topou rochas desmedidas,
As rochas despareceram;

Passou por hostes indómitos,
Os hostes ala fizeram.

E levantou-a do alcaçar
No mais erguido balcão,
E depô-la sobre um throno,
Rendeu-lhe o sceptro no chão:
« Vem ser moura nos meus braços,
» Anjo do meu coração. »

CANTO III.

» Dona Lucinda Moniz
» Já morreu:
» Esse nome tão do mundo
» Feneceu.

» Podia ser d'alto alcaçar
» Castelan;
» Quiz antes emparedar-me,
» Mui christan.

» O meu vestido grosseiro
» De estamanha
» Vence o brilho desta purpura
» Tamanha.

» Senhor rei, quedai-vos mouro,
» Se quereis,
» Que jámais a emparedada
» Mourareis. »

E el-rei mouro ouviu-a quedo,
Ouviu-a quedo e sombrio,
E de si lançou em torno
Um olhar de poderio.

E orgulhoso descubriu-se;
E no turbante luzente
Poisou o gumo do alfange
Sobre o dourado crescente;

E disse assim: « Desprezaste
» Minha corôa real;
» E se eu for christão comtigo,
» Inda aguardarás por al? »

Eis sorriu-se a emparedada;
E foi sorrir de condão,
Que fez saltar o crescente
Degolado pelo chão.

E no seio de alabastro
A bella christan trazia
Um rosario, e uma cruz
Com o nome de Maria;

E assomou-se no balcão
E aos guerreiros o mostrou;
E toda a turba descrente
De joelhos se curvou:

E depois, mui amorosa,
Disse ao nobre castelão:
«Vem desmourar-te em meus braços,
» Anjo do meu coração. »

E baptizou-se dest'arte
Todo o infiel Gondelim.
—Quantos christãos, quantos mouros
Fazem uns olhos assim!

COIMBRA, 1842.

SOLAO VII.

O CORUJÃO DO BUSSACO.

Sempre me a fortuna deu
Tristesas com que não posso.

CANCIONEIRO DE RESENDE.

—Onde vais, ó cavalleiro,
Com lança, malha, e broquel,
Alvas plumas, elmo d'ouro,
Montado em leve corcel?

=Fui á guerra á Palestina,
Andei cinco annos por lá,
Meu bem quedou no deserto,
De soidades morro já.

Altos robres, verdes louros
São da serra habitadores;
Ali passou annos cinco,
Do Bussaco entre os verdores.

A' sombra das aveleiras
Hei de sentar-me com ella:
O' soidão! diremos ambos,
Quem jámais te vio tão bella!

Meus soidosos annos cinco,
Déra cem por este dia;
Vou-me ver os meus amores
Na apicada penedia. =

Veio á serra o cavalleiro,
E a senha deu na busina;
Eis sente passos ao perto
Por entre a verde colina.

Abre os braços, e de subito
Ao seio um vulto apertou.
Torna a abril-os, . . . e de espanto
Enfiado recuou.

Pardo burel 'thé ao chão
Cobre o corpo, que abraçára;
Longa tira de estamanha
Testa esconde, e seio, e cara.

Com a romba haste da lança
Ergue-lhe o vasto capuz;
Um seco rosto mirrado
Por debaixo lhe transluz.

=Larva, que é da minha bella?=
=A tua bella sou eu;
A ti, não pude gosar-te,
Ando a ver se ganho o ceo.

Deus tão placida floresta
Não creou para ternuras;
Amores de cinco annos
Mirram-se n'estas alturas.=

— Cai por terra o cavalleiro:
Mas de subito se ergueu;
Profana mão desesp'rada
Para a virgem estendeu....

Puniu-o Deus; e mudou-lhe
Em azas negras os braços,
O rosto em bico medonho,
Em pennas os membros lassos.

Quatro seculos depois
O burel na selva entrou,
E da virgem a caveira
D'uma cruz aos pés achou.

E inda lá terrivel brada,
Atroando a solidão,
O profano cavalleiro
Feito negro corujão.

SANTA CRUZ DO BUSSACO. 1838

SOLAO VIII.

O GRÃO BEIRÃO

OU

ÁS BODAS DE VIRIATO.

Si la dormiré esta noche
Desarmado y sin pavor
Que siete años habia, , siete
Que no me desarmo, no?

ROMANCE ANTIGO.

CANTO I.

Arrayal, e arrayal
Pelo grão triumphador!
Arrayal, e arrayal
Pelo soldado pastor,
Que afrontou a catadura
Do Romano vencedor!

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Desfasei-vos em torrentes
Do Herminio picos nevados;
Pelas do Alva cristalinas
Ondas vinde misturados.
Em torno aos muros d'Aufragia
Escutar da festa os brados:

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Louçanias lá se enchergam
Na casa do maioral;
Está Crisalva á janella,
Trage de noiva real,
Crisalva, a linda entre as lindas,
E filha do principal.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

O' moças do Alva mimosas.
Que não sões nada ao pé d'ella
Louçãa rahinha da Beira,
Estrella casta da *Estrella*,
E flor de Aufragia valente,
E mais gentil que a mais bella

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Alva tez, e negra trança,
Olhos pretos porfiosos,
Curta planta delicada,
Seios altos, e mimosos.
— Quem lograr a rica perola
Vai na conta dos ditosos.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

De Marte o grão sacerdote
Já tem a lenha no altar;
Nobre coro de Beirôas
Vem a boda celebrar,
Despem surrões os do Herminio,
E trajam galas sem par.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

De guerra os saios vermelhos
No lar os moços deixaram,
Por negros mantos de paz
Grevas da morte trocaram,
E olhos na porta collimbrica
Esta canção entoaram:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!

» Arrayal, o arrayal
» Pelo grão triumphador!
» Arrayal, o arrayal
» Pelo soldado pastor,
» Que afrontou a catadura
» Do Romano vencedor.

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão!»

CANTO II.

Fazem cortes em Collimbria
Os espanos generaes,
Do velho templo fenicio
Sob as arcadas reaes.

Vem Celtiberos, e Turdulos,
E Pesures, e Vetões,
E os Lusitanos valentes,
E mil povos de leões.

E junto á estatua gigante
D'Hercules o fundador,
Mais gigante do que Alcides
Assoma o grão lidador.

Todos co'a ponta da espada
Tocam o ferreo broquel,
Taes roucas vozes soltando
Do labio rude, e fiel:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão! »

E o capitão, enrugando
A sobrancelha fatal,
Disse: — « em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja afronta a Roma vil! »

E o grão Turdulo, Ballato,
Neto de outro, que seguiu
O Carthaginez valente,
Que do Lacio as portas vio,

Disse assim: — «forte Viriato,
» Vamos o hoste guerrear;
» Mas deixemos quem nos vingue
» No seio do nosso lar.

» O sangue do nosso sangue
» Creou-se aos brados da gloria,
» Ha de o sangue do teu sangue
» Ser talisman de victoria.

» Damos-te noiva formosa,
» Nobre neta dos Caldeus,
» E filha de Vandermilo,
» O mais illustre dos teus;

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão! »

E o capitão, levantando
Rijo brado imperial,
Disse: « — em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja affronta a Roma vil. »

E o velho Lysias prudente
Disse assim: «rei capitão,
» Vai cravar a lusa espada
» De Roma no coração;

» Mas deixa em terra de patria
» Um filho de sangue teu;
» E aceita a noiva tão bella,
» Que por nós te offerta o ceo;

» Crisalva um só a merece,
» Alto guerreiro sem par;
» Cortadas mãos de inimigos
» Quem mais lhe pode offertar?! »

— » Queremos-te noivo, e pae. »
Os chefes todos bradaram;
E estas vozes sublimadas
Pelas naves retumbaram:

» Arrayal pelo Beirão,
» Lusitano capitão! »

E o capitão furibundo
Com rude voz sepulchral
Disse: «em quanto vir Romanos
» Não ouço aqui arrayal!

» Hostes caiam mil, e mil,
«E haja afronta a Roma vil.»

E tres vezes sacudindo
O vermelho morrião,
Enfia subito a nave,
Espada erguida na mão;

E veloz sobre o ginete
D'um só pulo se arremeça,
E dá de esporas; — e aos chefes
Estas vozes endereça:

» Convido-vos para a boda,
» Senhores meus generaes,
» A' manhãa, ao romper d'alva,
» De Pompeu sobre os reaes.»

— Armai-vos chefes em guerra,
E os reaes ide investir,
Que não usa Viriato
O que disse repetir.

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

E o capitão, suspendendo
Subito o bravo animal,
Disse: « em quanto vir Romanos,
» Não ouço aqui arrayal. »

» Hostes caiam mil, e mil,
» E haja afronta a Roma vil. »

CANTO III.

Aufragia galas tomou,
Aufragia, a praça valente,
A quem o chefe excellente
Primeiro os ferros quebrou.
Bandeira, que se arvorou
No Colcorinho gigante,
N'estes muros, triumphante,
Colheu premicias da gloria,
De Viriato, e da victoria
Padrão eterno, e brilhante.

Aufragia, louro primeiro
Da c'roa do vencedor,

Primeira rosa de amor
Tambem offerta ao guerreiro.
Dá-lhe o sorriso fagueiro
Da enamorada Crisalva,
Dá-lhe a princeza do Alva,
A lusitana gentil,
Que despreza noivos mil
Por quem dos ferros a salva.

No seio casto da bella
Doce ajunta o coração
Memorias do campeão,
Saudades da patria Estrella;
Vem as Beiroas com ella,
A inveja impressa no rosto;
E o pae chorando de gosto,
E os mancebos com folias,
E atabales, e armonias,
E tudo em festa disposto.

Grão bailo se ha de dançar,
Ha de tres noutes durar;
Gran seia se ha de servir,
Dez vezes nova ha de vir;
Gran pompa se ha de fazer,
Hão de cem rezes morrer:

Arrayal pelo Beirão,
Lusitano capitão!

Praça ao nobre Viriato,
Praça ao valente beirão,
Praça ao terror dos Romanos,
Lusitana defensão,
Em pé mancebos, e damas;
Um brinde ao gran capitão!

Eis Viriato, que enfia
Pela porta principal,
Trotando em baio ginete
Para o cortejo real.
Eil-o, que pára, e saudando
Levemente o maioral,

Trava a noiva pelo braço,
Ergue-a subito do chão,
Cingea-a peito contra peito,
Assenta-a sobre o arção,
Dá de esporas ao ginete,
E parte como um leão.

«Arrayal!» bradaram todos;
O arrayal! já não ouvio.

Espantados se contemplam;
Tambem o espanto não vio.
Já vai longe, e desparece
Como um raio, que lusio.

Tristes das moças da festa,
Que nem um bailo dançaram.
Tristes dos nobres mancebos,
Que o noivo nem cortejaram.
Tristes dos paes da donzella,
Que nem a filha abraçaram.

E a linda moça
Pelo caminho
Fez ao guerreiro
Terno carinho.

Com graça as fitas
Do elmo atava,
E o manto aos hombros
Lhe conchegava.

E a nivea mão
Com tacto brando
As crespas barbas
Ia afagando.

CANTO IV.

Junto aos reaes do Romano
Na tenda a esposa deixou;
E o mesmo braço, que ha pouco
O doce peso levou,
Agora solto, e ligeiro
Valente espada empunhou.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

E nas tormas aliadas,
General dos generaes,
Abriu vereda de sangue
De Pompeu pelos reaes,
O primeiro entre os primeiros
Dos lusitanos leaes.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

E lide tão batalhada,
Jámais na patria se vio.
A cada talho de espada
D'um corpo uma alma saíu;
A cada bote de lança
Trinta Romanos ferio.

A'vante nobre Beirão!
A'vante gran campeão!

Deixa o consul os reaes,
Foje o Romano assombrado,
E o lusitano soldado
Rico despojo colheu,
Que todo á linda Crisalva
Mui rendido offereceu.

» Trago-te as mãos decopadas
» De tresentos do Romano;
» Pode o brio lusitano
» De Viriato vencedor
» Ora sem pejo imprimir-te
» O terno beijo de amor. »

E os crespos negros bigodes
Cheios de sangue, e pocira
Na face tenra, e fagueira
Da linda esposa roçou;
—E de novo a quente espada
Co'a rija mão empunhou.

Batalhas sobre batalhas
O seu nome sublimaram;
Mimos nunca avassallaram
O lusitano Beirão,
Que na guerra tem mil folegos,
Na paz um só coração.

Deu a amor só tres instantes,
Deu á patria a vida inteira,
A alma déra prisioneira
Em favor da herminea terra.
— Sejam donzeis para amores,
Guerreiros são para a guerra.

Arrayal pelo Beirão!
Lusitano capitão!

COIMBRA, 1540.

SOLAO IX.

A TORRE D'HERCULES,

No hay seguridad humana
Sin contradiccion divina.

ROMANCE ANTIGO.

I.

Debruçadas sobre a fonte
Cinco donzellas estão,
A ver da linfa no espelho
Sua mimosa feição,
Isentas por naturesa,
E duras do coração.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

Os moços das cercanias
Desenganados estão,
Que não ha pelo Mondego
Quem vença tal isenção;
Peitos das cinco donzellas
Peitos de marmore são.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

Muito orgulhosas de si
Mirando os rostos estão,
E juraram não erguer
Jámais os olhos do chão,
Em quanto um homem, um nume,
Lhes não rendesse a isenção.

Quem lhes um sim arrancára,
Quem seus peitos abrandara!

II.

Que vindes cá procurar,
Por longes terras vagando,
Forte Alcides?

D'aqui ávante é mar largo,
D'aqui ávante ninguem;
Para onde ides?

Já com marmoreas columnas
Termos do mundo marcastes
N'alta serra;
Deixai os lares do Luso,
Quiçá os fados vos prendam
N'essa terra.

Quando o Mondego passardes,
Passai c'os olhos vendados,
Não olheis;
Que, se olhardes, sobre o monte,
Lá no extremo da campina,
Quedareis.

Do coruto da montanha
Mana fresca, limpa fonte;
Não bebais:
Que de sede, se beberdes,
E de mal, que não tem cura,
Estalais.

III.

Foi á fonte o bemfadado,
Foi á fonte, e lá bebeu,
Melhor que a linfa tão pura,
Ternos afagos do ceo
D'aquellas cinco donzellas,
Que sua graça rendeu.

Deu á primeira os seus louros,
A' segunda o seu brasão,
A' terceira a maça ingente,
A' quarta a pel' do Leão,
A' quinta a aljava frecheira,
E a todas o coração.

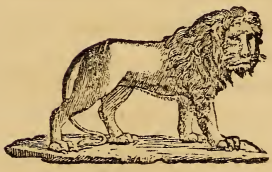
E circundou a montanha
De muralha valorosa,
E alevantou sobre a fonte
Nobre torre magestosa
De cinco faces, em honra
D'aquella prêa formosa.

E infinda serie
De annos passou;
É pó a torre,
A agua seccou.

Resta nos muros
Viçosa ainda,
De cem donzellas
Choreia linda;

Que, se outro Alcides
Por 'hi passara,
Preso d'amores
Tambem ficára.

COIMBRA, 1840.



SOLAO X.

A ESPADA DO TROVADOR.

Palida, palida
Divien là faccia
Che la minaccia
Spira pur anco.
La destra il misero
Si preme al fianco.
Vacilla e muor.

GROSSI.

CANTO I.

Tinha o rico homem dous pages,
Dom Egas, dom Alarcão;
O primeiro é dado ás musas,
Do segundo as armas são;
Doces trovas de dom Egas
Valem a espada do irmão.

Tem dom Egas negros olhos,
Negros mais do que a tristesa,
Que lhe traz a alma cativa
Por amor d'uma bellesa;
Tem nobre garbo seu corpo,
O seu trajar singelesa.

Sobre os livros d'essas eras,
Que não são livros d'agora,
Consumira o nobre moço
Todo o seu viço d'outr'ora;
Em vez da lança e ginete,
Um bom codice o namora.

Dom Alarcão tambem ama,
Porem não ama em segredo;
Proclama o nome da bella
No torneio, firme e quedo;
Seu olhar severo e forte,
Ruivos bigodes põem medo.

E que peito alvo de dama
Não ha de amar o guerreiro,
Que trouxe da Palestina
A Bajacet prisioneiro,
Que na estacada, ou no campo
É o mais gentil, o primeiro?

CANTO II.

» Amas-me tu, Alda bella?
» Amas-me tu, ó donzella?
» Amas-me tu, que sou teu?»
Tal dom Egas escrevia;
E almo pejo lhe tingia
A face de rubro véu.

» Alda bella, meus encantos,
» Meu pensamento, meus prantos,
» Minha sina, meu amor,
» Dissipa a minha tristesa,
» Premeia a minha firmesa,
» Diz que sim ao trovador.

» Eu não vou por ti á liça
» Metter a espada inteiriça
» D'um rival no coração;
» Mas posso, ó anjo, cantar-te,
» Posso na lira mostrar-te
» O que vale uma paixão.

» Pobre escolar sem adaga,
» Meus bigodes não afaga
» Manopla d'aço lusente;
» Mas com penna de marfim
» Minha dextra escreve assim
» No pergaminho inda quente;

» No pergaminho ditoso ,
» No mensageiro amoroso ,
» Que meu peito envia a medo . . .
» — Lê, ó anjo, com piedade ;
» Quebráste-me a liberdade ,
» Não desfolhes meu segredo. »

CANTO III.

Lê a dama essa mensage,
Que lhe manda o trovador;
E na volta da romage
Eis outra carta d'amor :
» — Acceitas, ó bella,
» Meu nome e valor?

» Eu não sei trovar d'amores,
» Mas sei d'amores luctar,
» Vencer tresentos escudos,
» Vir-tos aos pés offertar.
» Tu mandas-me, ó bella,
» Dez lanças quebrar?

» Manda-me, ó bella, que eu parto,
» Denodado campeão,
» Por teu sorriso celeste,
» Matar o proprio sultão.
» Oh! dá-me, na volta,
» O teu coração.

» Nunca ninguem amou tanto,
» Ninguem tanto batalhou;
» Oh! recebe o pouco sangue,
» Que nas veias me ficou;
» Que é sangue d'um bravo,
» Que tanto te amou. «

CANTO IV.

Pae senhor, n'esta lucta que deve,
Deus do ceo! a donzella fazer?
A minha alma, senhor, não se atreve,
Tão medrosa, um dos dous a escolher.

Tem dom Egos amor de poeta
Enrolado no bom coração;
Entre mil foi minha alma selecta
No sentir do valente Alarcão.

Tem aquelle doçuras, que matam,
Este nome e tropheus, que enamoram;
Tem aquelle canções, que arrebatam,
Este feitos, que as faces descoram.

Pae senhor, n'esta lucta que deve,
Deus do ceo! a donzella fazer?
A minha alma, senhor, não se atreve,
Tão medroza, um dos dous a escolher.=

CANTO V.

» Quem falla aqui em dom Egas,
» No mesquinho trovador,
» Que não calça o duro guante,
» Cujo braço é sem valor!?...
» Dom Alarcão, filha minha,
» É teu esposo e senhor.

» Venham clarins, e atabales,
» Venham pages, e escudeiros,
» Arme-se rija estacada,
» Convoquem-se os cavalleiros;
» Venha Alarcão em torneio
» Vencer por ella os guerreiros. »

Assim dice o castelão.
Para as juxtas tudo é preste...
Triumpha dom Alarcão....
Alda, ó Alda, que fizeste!
Sem ouvir o bom dom Egas,
Dás-lhe c'rôa de cypreste!

Alda, não vês que o matáste,
Que matáste o trovador,
Só por não calçar espora,
Só por não ser lidador?
—Eis os arautos, que aclamam
Dom Alarcão vencedor.

»Alda, diz o castellão,
»Aqui tens teu desposado;
»Este sim; vale-lhe um pello
»Todo o corpo requebrado
»Do trovador atrevido,
»Que ouzou ser teu namorado.

»Este sim.» —E a mão tremente
Da donzella vai buscar...
—Eis retumba pela arena
Rija voz, rijo bradar:
»Suspendei, por Deus, em juxta
»Eu venho o noivo matar.»

Negras armas, praça dentro,
Eis o novo campeão;
D'elle são aquellas vozes:
» Suspendei, por Deus....» — «Traição!»
Já montado, e lança em punho,
Responde dom Alarcão.

Trava-se rija peleja,
Fatal duello de morte.
Paira o anjo das batalhas
Entre os dous, qual o mais forte..
— Eis triumpha... quem?... O negro
Teve Alarcão ruim sorte.

Jorra o sangue em borbotões
Do largo peito mal f'rido;
E o castellão se endereça
Ao campeão destemido:
» Alda ganhaste c'o a 'spada;
» Diz teu nome, — és escolhido. »

CANTO VI.

»O meu nome!...» voz profunda
Melancolica retumba
Lá de dentro da viseira;
»O meu nome...é um segredo...
»Venceu a espada sem medo;
»Alda levo prisioneira.»

N'isto a dextra estende á bella,
Aperta-lhe a mão singela,
Une-a bem ao coração,
Diz-lhe ao ouvido: — «Senhora,
»Tu só foste a vencedora,
»Porque a minha espada não.

»Alda bella, meus encantos,
»Meu pensamento, meus prantos,
»Que não nos ouça ninguem:
»— Eu sou dom Egas, ... ouviste?
»Meu amor não prescentiste
»Na rija adaga d'alem?

»Eu sou dom Egas; e a adaga,
»A couraça, o guante, a clava,
»Não mais os quero trajar.
»Sou trovador, combati
»Uma só vez, e por ti...
»— Mais não quero batalhar.

» Nunca mais. — Qneres-me assim ?»
—Eis os labios de carinim
Lhe imprime a bella na mão.
E o trovador, arrojando
Elmo, espada e cota; — ao bando
Falla com voz de trovão:

» Não venceu a minha espada,
» Pois 'hi a tendes quebrada;
» E Alda bella quer-me assim.
» Quem venceu foi meu amor,
» Foi dom Egas trovador,
» Que batalhou Deus por mim. »

—Córa a face ao castellão;
» Real! » brada a multidão;
Chora a donzella d'amor.

Pensam poetas d'est'arte...
Como amam póde mostrar-te
A espada do trovador.

GOUVEIA, ABRIL DE 1848.

SOLAO XI.

A CAPTIVA DE BURGOS.

Guay de aquel hombre que mira
Vuestro gesto triste ó ledo.

JUAN DE MENA.

=Onde-me levas captiva,
Dom Arnaldo, castellão,
Velho caminho de Burgos,
Caminho de perdição?=
=Levo-te aia para os paços,
Nobres paços de infanção.=

=Dom Arnaldo, cavalleiro,
Não sou dama para tal;
Sou de Guadix a princesa,
Não tenho no mundo egual.=
=Vem ser condeça de Burgos;
Burgos toda a Hespanha val.=

=Guarda, senhor, teu condado,
Condeça não quero ser;
Eu sou filha de rei mouro
Tanto não posso descer.=
=E se eu de Burgos rei fora,
Meu nome quizeras ter?=

=Rei não és, dom cavalleiro;
E que rei foras, — em vão,
Que Zulema não se troca
Pelo throno do christão.=
=Mas obedece ao monarcha
De castella, e de Leão.

Eu sou esse rei, senhora,
A quem todos chamam cru;
É ferro minha vontade,
Rija, como alfange nu;
Amar-te quero, e gozar-te;
Minha dama serás tu.=

N'isto c'o braço nervudo
Cinge o collo da donzella,
Que pertende em vão furtar-se
Ao arção da esguia sella.
E lá vão a rijo trote
Pelos prainos de castella.

» Viste aqui, Zagal amigo,
» Um barbudo cavalleiro,
» A correr, via de Burgos,
» C'um formoso prisioneiro,
» Viste? disc. » — Assim bradava
Cid Ismael, o guerreiro.

E já nem resposta aguarda,
Porque ao longe relusio,
Entre nuvem de poeira,
Véo de prata, que elle vio.
Ao ginete açouta as ancas,
E, qual raio, se sumio.

— É solitaria a charneca,
Urses bravas, e areal;
Não ha alli soccorro humano,
O combate foi leal.
Braço a braço, eil-os investem,
Ismael e seu rival.

E do quente alfange aos golpes,
Aos talhos da fina espada,
Retumbam valles e montes
Desde Burgos a Granada,
'Thé que os dous jazem na terra
De vermelho espadanada.

E do peito d'um e d'outro
Jorra o sangue em borbotão,
Que no véo de prata ao mouro
A princesa estanca em vão.
—No deserto cil-a viuva
De Ismael, mais do christão.

—E já seculos corrèram
Sobre o feito singular;
Nem uma lapide ergueram
Aos dous guerreiros sem par.
Só, alta noute, lá se ouve
A donzella a suspirar.

QUINTA DO PAIÇO, NOVEMBRO DE 1846.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

INDEX.

Paginas.

DEDICATORIA VII

LIVRO I.

SOLAO I. — Cindasunda, ou Brasão de Coimbra 1

» II. — O Penedo da Saudade... 17

» III. — Bernardim Ribeiro 21

» IV. — Ignez de Castro, ou a Fonte dos amores 33

» V. — San Thiago e Belzebut .. 41

» VI. — D. Martim 57

» VII. — A Moura do Deserto 61

» VIII. — D. Egas Moniz, ou o castello da Louzan 65

» IX. — D. Goésto Anzur, ou Brasão de Figueiredos 81

» X. — A virgem Martyr, Sancta Comba 85

» XI. — Camões na gruta de Macáo, ou a vespera dos Luziades 97

» XII. — Engracia Ramila ..... 1)

LIVRO II.

			Páginas
Solao		— A Negra Façanha de Sub-Ripas, ou o Infante D. João.	117
»	II.	— O Cid.....	125
»	III.	— Caio Carpo, ou Brasão de Pimenteis.....	131
»	IV.	— A Lapa dos Esteios	139
»	V.	— O Romeiro.....	145
»	VI.	— Dona Lucinda Moniz, ou a Emparedada de Penacova.....	147
»	VII.	— O Corujão do Bussaco...	157
»	VIII.	— O Grão Beirão, ou as Bodas de Viriato	161
»	IX.	— A Torre d'Hercules	177
»	X.	— A Espada do Trovador...	183
»	XI.	— A Captiva de Burgos....	193

ERRATAS IMPORTANTES.

Paginas	*Erros*	*Emendas*
16	1846.	1836.
75	Fiséram-me lá	Fiséram-me
85	Essa turba,	Essa tuba,
187	Tem dom Egas	Tem dom Egas

OBRAS

DE

J. F. DE SERPA PIMENTEL.

II.

(PRIMEIRO DO THEATRO.)

THEATRO

DE

J. F. de Serpa Pimentel,

I.

D. SISNANDO. — O ARABE.

Cui dabit partis scelus expiandi
Jupiter? tandem venias, precamur,
Nube candentis, humeros amictus,
Augur Apollo:

HORATIO — *Lib. I. Od II.*

COIMBRA:
NA IMPRENSA DE E. TROVÃO.

1850.

D. SISNANDO,

CONDE DE COIMBRA.

DRAMA, EM TRES ACTOS, E EM VERSO.

Premiado pelo Real Conservatorio de Lisboa, em 6 *de Outubro de* 1839. *Aprovado pelo Instituto da Academia Dramatica de Coimbra, em* 1843. *Representado pela primeira vez, em Lisboa, no Theatro de S. Carlos, pelos Actores do Theatro Normal, e por ordem do Real Conservatorio, em* 14 *de Novembro, de* 1839.

Segunda Edição reformada.

He is one
Who would become a throne, or overthrow one.
. . . . . .
Yet, for all this, so full of certain passions,
That if once stirr'd and baffled, as he has been
Upon the tenderest points, there is no Fury
In Grecian story, like to that which wrings
His vitals with her burning hands, till he
Grows capable of all things for revenge;

Lord Byron. *Marino Faliero.* Act. II. Sc, II.

Assim como a bonina, que cortada
Antes de tempo foi candida, e bella.

Camões. *Lus.* C. III.

Ainsi tombe une fleur avant le temps fanée,

A. de Lamartine. Med. 32.

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO.

Arrôjo temerario e vaidoso de mancebo, hão de por certo chamar alguns a esta minha resolução, de me entranhar pelas tão difficeis, e escabrosas verédas da poesia dramatica, em tal verdor de annos, mingua de estudos necessarios, e assombramento de abalisados engenhos: — quanto mais que o seculo inconstante, tumultuoso, e agitado, que por nós vai correndo, traz os animos, e os corações por tal modo avesados á divergencias de opiniões, e sentimentos, que muito bem fadada se deve de julgar aquella obra, que saír a contento de

todos. Tão raro predicado muito mais custoso é de attingir-se em um drama; — onde cada homem quer ver o ridiculo dos outros, e o encomio de si; — onde cada partido deseja encontrar defendidas as suas opiniões, e refutadas as alheias; — onde cada povo vai procurar o retracto favorecido do seu caracter, das suas inclinações, das suas virtudes, e do seu enthusiasmo, a par da imagem denegrida e torpe, dos vicios e costumes estrangeiros; — e onde, finalmente, querem uns o theatro regado com lagrimas de piedade, e de ternura, em quanto outros o desejam inundado de sangue, coberto de cadaveres, e manchado com parricidios, adulterios, e venenos.

A nimia mocidade não é para mim uma razão de entibiar neste empenho uma vez encetado de me involver na lide dramatica; porque ahi mesmo, n'esse verdor de annos, tenho eu uma salvaguarda, e uma desculpa, de que carecêra em edade mais adulta. — Nem me acobardam as inconstancias, e dissenções dos homens de hoje; porque escrevo para poucos, como poeta de minguada nota, e diminuto

saber, que não posso ainda aspirar a reger sentimentos, nem a avassalar opiniões. Tampouco receio o furor dos bandos; porque não estou alistado nos estandartes ligeiros, e sanguinolentos dos romanticos, nem nas bandeiras graves, e magestosas dos classicos. Julgo dignas de alto louvor, e apreço as tragedias antigas dos dous competidores gregos, Sophocles, e Euripides, e as novas dos seus imitadores, Corneille, e Racine; leio com verdadeiro enthusiasmo os formosos rasgos de imaginação, de sentimento, e de energia, que caracterisam os poetas dramaticos da eschola novissima; — e tenho para mim que a nimia subjeição de uns ao jugo austero, e escrupuloso dos preceitos, e regras não releva aos outros o enormissimo peccado de cortar a torto, e a direito pelas leis das bem entendidas unidades dramaticas, e mais que tudo pelas regras da justa decencia, e boa morigeração; — assim como entendo que os atavios, e bellezas destes não obscurecem nem affeiam as galas, e sublimidades daquelles.

O poeta, que verseja ligado strictamente a

um systema, é como um operario, que trabalhasse com os braços algemados, e com um jugo de ferro sobre o pescoço. O que se desprende de toda a norma, e freio, é como o que corresse de olhos vendados sobre terreno cortado de alagôas, e precipicios. — Tocar o coração do homem, para o avesar ás sensações fortes, e dolorosas, que pelo andar da vida se devem de experimentar; recrear-lhe, e instruir-lhe o espirito, para lhe amenisar as cruezas, e fadigas deste mundo; encaminhar-lhe a alma ao amor da virtude, para o distraír do falso explendor, com que o vicio costuma adereçar-se no meio da sociedade: eis o intuito justo, e verdadeiro do poeta dramatico. — O conhecimento profundo do coração humano; o estudo dos bons modélos antigos, novos, e novissimos; a pureza de linguage; a nobreza de sentimentos; e a rectidão de julgar: eis os verdadeiros, e justos preceitos da arte. — Quem se ligar a elles deve de ser bom classico, e optimo romantico.

Entre esse montão de leis, que se nos ap-

presentam como regras invariaveis de perfeição, e que se perdem pela maior parte no pelago das duvidas, e das incertezas humanas, uma avulta sempre como objecto de questão em todas as épochas, e como linha divisoria entre os dous systemas actuaes. — É a lei das unidades dramaticas.

A unidade de acção é ao meu ver d'entre todas as regras de construcção dramatica a mais justa, e regular. Muitos são os dramas antigos, e modernos, que peccam contra ella; e nenhuma imperfeição vi eu ainda, que tanto como esta me descontentasse o espirito, desejoso de proseguir em cada Peça uma idéa, e um objecto unico, destincto, e invariavel. Dramas ha ahi, que ataviados de enredos delicadissimos, caracteres extraordinarios, e energicas peripécias, são todavia tão desagradaveis pela mingua de nexo, e de interesse fixo, que deixam o espirito, e o coração do expectador frios, e descorçoados; mas que desfiados, e decompostos, dariam materia simples, homogenea, e elegante para formar dous, ou tres dramas diversos, e formosissimos. — Zeloso

respeitador sou eu d'esta, para mim, unica, e rigorosa unidade, — mas não escrupuloso observador das outras duas, que ás vezes tanto acanham, e viciam os dramas, prendendo a imaginação dentro das methas restrictas de uma época, ou d'um local nimiamente limitado.

Aquella unidade podéra chamar-se, na frasiologia das escholas, *unidade absoluta;* porque nenhuma relação a póde ampliar, ou modificar; e antes é ella a alma, — ou o esqueleto do drama, em torno do qual se coordenam, e arranjam os atavios e galas poeticas, como se estende o colorido elegante, e variado de uma paizagem sobre os traços d'um desenho.

As outras duas, com razão as poderamos chamar *unidades relativas;* porque não são ellas a norma, e a medida do drama; nem se lhes póde assignalar um ponto fixo, d'onde parta a sua regularidade, e perfeição; antes variam ambas segundo as circumstancias do objecto. A razão das *unidades relativas* é a verosimilhança; — e mais inverosimil julgo eu ás vezes accommodar em uma sala acontecimentos, e pessoas, que mal caberiam em uma cidade,

ou manejar em uma hora intrigas, para que não bastariam annos, do que julgo difficil de imaginar a passage repentina de um para outro paiz, de uma para outra época a quem já imaginou, apenas se ergueu o panno, a transição da época actual para outra mais remota, e a transformação de um recinto de pannos pintados em um portico do Capitolio, uma sala do Louvre, ou uma floresta da Alemanha.

Todavia não sou eu do numero d'aquelles, que calcam aos pés estas unidades, sómente porque os classicos as reverenciaram; — e tanto as reverenceio eu tambem, que em todas as minhas composições faço o que em mim cabe por me cingir a ellas, comtanto que d'ahi não provenha á obra acanhamento, ou deformidade.

Outra lei, que avulta pouco aos olhos do vulgo, e muito aos do sabio, é a *boa moral*, que pelo drama deve de estar derramada, resplandecendo, como gala formosissima, e lustrosa, de cada dialogo, e de cada lance, — e muito visivelmente colhida do desenlace, ou catastrofe. — Pezar grande é o meu, por

não poder appresentar á frente dos meus trabalhos dramaticos uma composição a meu cabal contento n'este particular; e quanto mais, que tenho uma já concluida, que muito me satisfaz. — Está porem escripta em prosa: e eu quizera começar por um drama em verso.

Outra vereda tortuosa, e escura, por onde todos tem caminhado ás apalpadelas, é a *poesia:* — mórmente em Portugal, que tão pobre tem sido de autores dramaticos, como rico de bons poétas em outros generos.

Não deixará de haver alguem, que muito critique a do meu drama, — notando de prosaicos alguns versos, — queixando-se da aspereza de outros, — e escandalisando-se da falta de transposição na maior parte. Muito devoto fui eu já, na minha mais tenra juventude, d'essa poesia de sons, tão rica de frases melodiosas, fluidas, e cadentes; mas tão pobre de filosofia, de grandeza, e de força varonil; tão fraca interprete dos sentimentos doces do coração; e tão pouco conhecedora das sublimidades profundas, e energicas do espirito; —

antes gala superficial de ouvidos que enlevo delicado d'almas, e seios; — antes paizagem de flores, e de arbustos verdejantes de primavera; que magestoso quadro das saudades aprazíveis, e melancolicas do outono.

Hoje, que já não é de uso ír disputar os louros do Parnaso em arêna de outeiros, ou abbadeçados, — supprindo com a melodia das palavras, e dos consoantes, a mingua de idéas, e sentimentos; — hoje, que o poeta deixa o recinto frio, e acanhado do seu gabinete, para ír lêr o livro da natureza e da historia no ambito desafrontado do mundo; — hoje que as odes, e poemas aduladores de cortezãos, e tyrannos, se volveram em hymnos de amor e religião, em canticos de liberdade; — hoje morreo essa poesia (mal appellidada assim), para nascer outra, toda sentimento, toda filosofia, toda sublimidade; antes vôo erguido d'aguia pelas estancias do fulgor sempiterno, que fraco adejo de maripousa sobre vergel de flores.

Mas esse vôo d'aguia córta largo pelas regiões do universo; — atravessa os valles, e as serranias do continente, os prainos immensos

do Occeano, as tostadas arêas do deserto, e os gêlos eternos do pólo; — alteia-se acima das nuvens, e das tempestades; — e vai perder-se na região sublime dos astros. — Cortado, e quasi perdido irá elle, quando o encontrar a nuvem da procella, e lhe fusilarem á direita, e á esquerda relampagos, e raios; muito manso correrá, e muito descuidado sobre varzea de amenos verdores; e muito soberbo, quando lhe ficarem por debaixo as ondas do Occeano, e os relampagos da borrasca. — Assim corre o metro, já melodioso, já aspero, já descuidado, conforme o demanda o objecto. E um drama, onde os olhos estão muito fixos a ver, e os ouvidos muito attentos a escutar; e de olhos, e de ouvidos vai direita ao coração uma torrente de sensações successivas, e variadas; um drama deve de ser profusamente abundante d'esta variedade de poesia—áspera, e rude ás vezes,— muitas descuidada, — e nem sempre fluida, e melodiosa.

Porem demasiado me ía alargando em reflexões, e preceitos: e por pouco que me descuidasse, não deixaria de escapar-me alguma

palavra, por onde alguem me supozesse mais inclinado a uma que a outra eschola. — Justo é cortar por mais practicas em similhante assumpto; e tempo vem de dizer de D. Sisnando alguma cousa.

Foi esta a minha terceira composição dramatica, filha de oito dias de solidão, e retiro nas florestas de Santa Cruz do Buçaco, em agosto do anno preterito. O feito capital, que constitue a acção do drama, é puramente extra-historico. — Não succede todavia o mesmo com os diversos acontecimentos politicos, que ahi se narram, — com os differentes nomes de localidades, que se sitam, — com muitas das personages, que figuram na scena, — e com seus nomes, usos, e caracteres; pois tudo escrupulosamente colhi das Chronicas nacionaes, e castelhanas, que se referem áquella época; — postoque muito discordes entre si, — e quasi contradictorias na exposição dos feitos, e das datas com os escriptores arabes d'aquelles tempos.

Muito de proposito roubei alguns annos á

vida do Conde D. SISNANDO, por me parecerem improprias de uma edade avançada as paixões energicas, e violentas, que no meu Drama queria descrever. — A época verdadeira da sua morte devêra de ser pelos annos de 1091 para 1092, no reinado de Afonso VI. de Castella; porque o ultimo documento, em que se faz menção do nome do Conde, é datado de 1091; (*) e logo no seguinte anno apparece nomeado em alguns documentos o Alvacir, que as Chronicas affirmam lhe succedêra no Governo de Coimbra (**). Neste tempo devêra D. SISNANDO estar já mui adiantado em annos, visto o grande espaço que tinha decorrido depois da conquista de Coimbra, época, em que

(*) Este documento é uma escriptura original do Mosteiro de Arouca, datada de 4 de Janeiro de 1091, em que se lêem estas palavras: *in temporibus Adfonsus Rex, et in presentia Sisnandus Alvazir, et Vigarii sui Fredaris.* E logo adiante: *Alvazir Domno Sisnando, qui Dominus erat de ipsa terra.*

(**) Como entre outros uma doação de Gundiario, e sua mulher Segunda ao Mosteiro de Arouca, datada de 24 de Fevereiro de 1092. que diz: *Regnante in Toleto, et in omni Gollicia, et spania Adefonsus filius Fredenandi Regis. In Colimbria Dux Martino Moniz*, etc.

o Conde já não podia ser muito moço; pelos altos feitos, que ahi commetteo; e as grandes façanhas, que anteriormente tinha obrado, ora servindo o Cide Aben-Habeth nas guerra civis, que originâram o exterminio dos Ommiadas, ora acompanhando D. Fernando Magno, Rei de Castella, e Leão nos assédios de Zamora, Viseu, e Lamego, e mais incursões pelas terras dos Moiros. — Deste empenho não podia eu saír sem manifesto erro chronologico. Entre adiantar a época do seu nascimento, ou recuar a da sua morte escolhi o segundo meio, por não trazer comsigo a deslocação dos feitos mais memoraveis da sua vida.

Uma desgraçada intriga amorosa entre D. Sisnando, e a Princesa de Cordova constitue a acção do drama. — Os amores do Conde com qualquer Musulmana, que não pertencesse a uma raça illustre, real, e sagrada, não podiam excitar tão violento despeito entre os Christãos, e tamanho alardo entre os Arabes. Foi por isso que escolhi para amante do Conde uma Agarena da progenie dos Omeiades, ou Ommiadas, raça mais que muito acreditada

nas tres partes do mundo então conhecido ; — illustre pela excellencia de tão nobres varões, e afamados guerreiros, como, entre outros, *Omar*, *Valid*, e *Abderramon*, nomes bem conhecidos na Arabia, na Palestina, no Egypto, e nas Hespanhas ; — real, pelo reinado de mais de 100 annos no califado de Damasco, e de tres seculos consecutivos no throno de Cordova ; — sagrada por ter seu tronco, e origem na familia do Profecta.

Esta dynastia tão venerada dos Musulmanos, e tão temida dos Christãos, tinha acabado no infeliz Hixem, e com ella o Califado do Occidente, o explendor de Cordova, e a gloria triumphal dos Arabes na peninsula. A Hespanha musulmana estava dividida em pequenos estados rivaes, e inimigos uns dos outros, que se tinham desmembrado do grande reino de Cordova. — Saragoça, Sevilha, Lisboa, Badajoz, Valença, Huesca, e muitas outras cidades, e castellos formavam outros tantos estados. — Um descendente dos Ommiadas, que apparecesse de repente no meio d'este cáhos de divisões, e anarchias, recordando os tempos

do passado explendor, e chamando a um centro commum os desvairados Musulmanos, devêra de formar uma nova época de esperança para os Moiros, e de terror para os Christãos. E se esse descendente fosse uma princesa, não faltariam cabeças coroadas, que aspirassem á sua mão, embora a vissem desthronada, e proscripta. — Tal figurei eu a Virgem de Cordova, a quem dei este epitheto, desusado nos nossos dias, mas authenticado por alguns dos Chronicões d'aquellas eras; — não querendo collocar um nome proprio de Arabe, forçosamente falso, e extra-historico, a par de tantos nomes historicos, e verdadeiros, de que o drama vai cheio.

A posição, e circunstancias difficieis da Princesa ommiada, fazem sobresaír muitos lances, aliás de pouca monta. Em época de tão acerbas, e sanguinarias luctas entre duas crenças rivaes, e poderosas, e entre dous povos tão differentes em origem, usos, e opiniões, que assim disputavam um ao outro, palmo a palmo, com a espada, e o alfange na mão, uma patria, uma herança, e uma soberania; — em tal época devêram-de ser mui exaltadas, e

fortes as paixões, que tivessem immediata relação com algum destes objetos de divergencia. — É por isso tambem que vão adereçadas algumas das peripecias com luxo de frazes, e expressões nimiamente energicas, e alevantadas para outros tempos, que não fossem aquelles.

Tambem alguem dirá que os ademans, e galanteios de D. Sisnando para com a Virgem de Cordova são sobre maneira requebrados, e pouco proprios de tão alto, e orgulhoso cavalleiro, — e que mal se podem acoitar em seio coberto de malha, e coiraça de ferro tanta doçura, e languidez de amores, como os que ahi no drama vão descriptos. — Appello porem para as Chronicas, e Romances daquellas eras; e veja-se ahi por quem os bravos Paladins rompiam lanças em torneios, e duellos. Appello para os voluptuosos salões, e camaras dos torreados palacios feudaes, onde dos labios de formosissimas castellans recebiam os pages, e donzeis mui delicada lição de amores, e requebros, antes que apprendessem a manejar uma espada, ou a curistar uma lança.

Muitas considerações me correriam agora da idéa, se eu lhe désse largas: mas tempo é de terminar um prefacio, que poucos lerão, e a alguns por longo enfastiará.

Temeridade grande, torno a repetil-o, é por certo a minha, em arrojar assim um drama ao mundo das letras, desvalido, como vai, — sem um nome de poeta, que o acredite, — sem uma penna de auctor, que o defenda, — não recitado ainda em theatro algum, — nem profundamente meditado; como o devem de ser todas as obras n'um seculo, em que o derramamento das luzes tem multiplicado as criticas, e apurado os engenhos: mas para tudo foi mingoado o tempo, inda que sobeja a vontade, n'este meu quinto anno do curso de Direito, tão cortado de estudos, e diversões. — Quando eu publicar outra obra, terei talvez mais tempo, luses, e assento para a corrigir. D. Sisnando, ahi o arremeço ao pelago das criticas, pobre d'essas tres cousas; — rico porem da boa vontade, e ardente entusiasmo d'um joven escriptor, que anhela as bemquerenças do publico.

Coimbra, 12 de Novembro de 1838.

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO.

Mais de doze annos são passados desde a nossa primeira tentativa dramatica. E se o fogo abrasador e enthusiastico da mocidade jaz dormente; se as vagas esperanças, se as chimericas illusões, que alimentam a quadra viçosa da vida, uma a uma se hão esvaecido, na alma do poeta; — uma a uma tem tambem n'ella brotado algumas d'essas flores tardias da experiencia, que germinam nas cinzas tepidas, e inda palpitantes das paixões; e que produzem,

no dia da bonança, e dos desenganos, frutos sazonados, balsamo consolador.

Ha doze annos exultavamos de vehemente emulação, e nobre orgulho, ao ver a nossa obra voar nas azas da imprensa, colher premios na lide litteraria, pavonear-se nos folhetins de todos os periodicos, chamar a attenção de todos os litteratos do paiz, representar-se no primeiro theatro de Lisboa, na especial presença da côrte, reproduzir-se nos visinhos ediomas franzez e hespanhol, aparecer fraccionada em trechos nas citações, e epigrafes de mais de uma publicação, e abrir assim ao nome desconhecido e novel do auctor as portas da ovação publica. Hoje folheamos pausadamente em nosso gabinete o codice predilecto; — mutilamos, reformamos, substituimos muitas das scenas, e passagens, onde ha pouco tempo não consentiamos que as mãos profanas da critica tocassem;—e arremeçamos o nosso drama, assim desvelada, mas despiedosamente reformado, aos baldões do mundo, — com tanto susto e arreceio, como de despejo tivemos na primeira publicação.

Possa elle continuar a bemmerecer do sabio, se não como drama, ao menos como romance, ou poema; se não como tal, então como um trecho ardente da mais inspirada poesia da nossa joventude

Coimbra, 10 de Abril de 1850.

A

SUA MAGESTADE

EL-REI

D. FERNANDO II.

PARA QUE SE DIGNE DE ESTENDER A SUA REAL PROTECÇÃO SOBRE OS THEATROS NACIONAES, QUE TANTO CARECEM DE COADJUVAÇÃO E AUXILIO.

D.

O Auctor.

D. SISNANDO, *Conde, ou Alvacir de Coimbra.*
D. MARTIM MONIZ, *Alferes d'Armas, do Conde.*
D. NUNO FROYLAS, *Thiuphado da cidade, Rico-homem.*
D. LOURENÇO VIEGAS, *Rico-homem.*
O BISPO DE COIMBRA.
O ABBADE DOS BENEDICTINOS, *chamados Monges Negros de Lorvão.*
OSMAN, *escravo mouro de D. Sisnando.*
ISMAR, *Embaixador do Cid de Montemór.*
UM SACRISTÃO *da Sé de Coimbra.*
UM PAGE *do Conde.*
A PRINCESA *de Cordova.*
ZULIMA, *escrava da Princesa.*

RICOS-HOMENS, — CAVALLEIROS, — CONEGOS DA SÉ, — MONGES NEGROS DE LORVÃO, DO HOSPICIO OU HERMIDA DE S. PEDRO, — ESCUDEIROS DO CONDE, — PAGES D'ARMAS, — ARAUTOS, — SOLDADOS, — MENESTREIS, E MUSICOS.

A scena passa-se em Coimbra.

A éra é pela meiado do seculo XI. nos fins do reinado de *Fernando Magno*, de Castella.

A acção dura o espaço de dous dias.

I

OS AMORES.

— Minha mais que o Sol fermosa,
Mais alva, que alva Lua, e mais corada
Que as ardentes estrellas,
E luz de todas ellas.

FERREIRA. — Ecl. III.

PERSONAGES

— O BISPO.
— D. MARTIM.
— OSMAN.
— O ABBADE DE LORVÃO.
— D. NUNO.
— D. LOURENÇO.
— D. SISNANDO.
— O PAGEM.
— A PRINCESA.
— ISMAR.
— ZULIMA.

— RICOS-HOMENS, — CAVALLEIROS, — ESCUDEIROS, — PAGES.

ACTO PRIMEIRO.

Sala d'honra, nos Paços do Conde de Coimbra. Um estrado com cadeira de espalda e docel.

SCENA I.

O BISPO *de Coimbra*, O ABBADE *de Lorvão*, D. NUNO, D. LOURENÇO, D. MARTIM, OSMAN, *Ricos-homens*.

O BISPO,
(a D. Martim, que entra pela porta do fundo, seguido de Osman.)

Novas acaso nos trazeis da lide,
Alferes campeador? — Falai: o mouro
Deu costas ao christão? Salveu-se Coimbra?
Dom Sisnando venceu?

D. MARTIM.

E qual na terra
Ha 'hi custosa empresa, ou feito d'armas,
Que o consul não acabe? — Dom Sisnando
É o açoute de Deus, — é, senhor bispo.
Vi-o ceifar cabeças musulmanas
Co'aquella adaga, como sega espigas
O ceifador na varzea; — até que pazes
O mouro nos pedio. Vai tão corrido
El-rei de Monte-mór, e seus aliados
De Cintra e Badajoz, que, — vol-o juro
Por San Thiago, — aos arraiais do godo
Não voltará tão çedo.

OSMAN.

Juras falso,
Dom Martim, — juras falso. Nem presumas
Que ao rei visinho, o grande Benalfagi,
Brios faleçam no sagrado empenho
De vingar as injurias do propheta.
O conde não venceu; foi o destino,
Que seu braço guiou para punir-nos.
Hoje ganhastes; — e amanhan veremos,
Se Allah nos ajudar, quem mais triumpha.

O ABBADE.

Silencio, raça vil! — Senhor alferes,
Este mouro quem é?

D. MARTIM.

Um prisioneiro.

O ABBADE.

E assim ouza um escravo mauritano

Em muros de christão bradar de rijo,
Rijo bradar em paço de alvacires,
Sem que adaga, ou punhal arranque o alferes,
E vingue a afronta do alvacir, seu amo?

D. NUNO.

A ferrugenta lamina do velho,
Mais timbrosa que o aço do mancebo,
Tais motejos não sofre, nem perdoa.

(Em acção de desembainhar.)

D. MARTIM.

Senhor dom Nuno, guarda a tua espada
Para melhor ensejo na bahinha.
É norma da gentil cavallaria
Os prisioneiros respeitar. — Respeita-o;
E n'elle o conde, e o alvacir, meu amo.

OSMAN.

Senhor alferes, dai licença ao velho
Para enterrar no coração do escravo
A espada, que tem suja na bahinha
De ferruje ancian, que não de sangue.
Sempre fostes, senhores, mui valentes
Na presença de um mouro desarmado...

(D. Nuno e D. Lourenço levam a mão aos punhaes.)

O ABBADE.

Tanta ouzadia...

D. MARTIM.

Ouvi-me, dom abbade;
Ouvi-me, dons senhores ricos-homens;
Silencio, Osman. — Ordêna dom Sisnando
Que o mouro n'estes paços permaneça.

Nosso amo é capitão, que não costuma
Decretos explicar; — ordena; e basta.
— Eu valho aqui por elle.

O BISPO.

E nós valemos,
Como fieis, senhor, a obedecer-lhe.

D. NUNO.

Como godos porem....

D. MARTIM, (interrompendo-o)

Como valentes.

O ABBADE.

Embora! seja assim. — Aos ceos aprasa
Que do perro infiel negra presença
Não seja aqui fatal. — Diz-nos da guerra,
Alferes, diz da guerra: os cavalleiros,
Que do castello d'Hercules sahiram
A ver-se co'a mourisma em raso campo,
Sofreram grande perda?

D. MARTIM.

Foi batalha
Batalhada, e das grandes; a victoria,
— A maior, — custou cara....

D. LOURENÇO.

E dom Fernando,
Meu filho, d'alma, porventura morto....

D. NUNO.

E dom Heitor, meu filho...

D. MARTIM.

Ricos-homens,
Campeadores d'outr'ora, o dia d'hoje

Não quer pranto, quer festa. — Quem nas alas
Pelo Christo morreu, e pela patria, . . .
Rese por tais o bispo em sua prece,
Salve-os Deus lá no ceo; que a nós, na terra,
Em vez de os lamentar, cumpre imitál-os.

(Sente-se fóra musica triumphal.)

O BISPO.

O conde se encaminha a estes paços;
Mostrai-lhe rostos ledos, que o merece.
O coração depois vos fica livre;
E podereis fazer tamanho pranto,
Que vos não caiba n'alma.

UM PAGE, (do portico.)

O senhor conde.

SCENA II.

O BISPO, O ABBADE, D. NUNO, D. LOURENÇO, D. MARTIM, OSMAN, D. SISNANDO, — *Ricos-homens*, *Cavalleiros*, *Escudeiros*, *Pages*.

D. SISNANDO, (ao acompanhamento.)

Ausentai-vos, meus bravos cavalleiros;
Ide gozar tranquillos da victoria,
No regaço da paz; — ide, que em breve
Novas palmas no campo colheremos.

(Vão-se os do acompanhamento; e o conde desce pela scena.)

Sêde ledos, senhores ricos-homens.

Um presente vos trago, que é devido
A quem valor tamanho inda tem n'alma,
Quanto no braço outr'ora:
(Desembainha, e mostra a espada ensanguentada.)
é este sangue.
E folgai, que o sangrei da veia ao mouro.
E se prantos fizer de novo a patria
Por luctos novos, — vinde a dom Sisnando,
Que vos dará razão.
(Vai sentar-se na cadeira consular.)

O BISPO.

O ceo vos pague
Affans, que em nosso prol, e em prol de Christo
Vos couberam na lice do africano.
Nós, velhos e cansados, al não temos,
Com que pagar-vos divida tamanha.
Inclinar estas cans, e descobril-as;
Eis o mais, que nos cabe, eis o que damos.
(Todos se descobrem, e fazem reverencia.)

D. SISNANDO.

Erguei-vos, e cobri-vos, ricos-homens.
(Cobrem-se.)
Não quer Deus que ante nós, mancebo ainda,
Se inclinem e descubram cans tão nobres.
— Ouvi-me pois, senhores. — Os valentes
Filhos vossos, cansados da victoria,
Carecem d'um instante de socego,
Para volver á estreia das batalhas
Com esforço dobrado. Hoje a vós outros
A guarnição confio da cidade,

Que já outr'ora haveis tambem servido,
Que inveja me fazeis. Lourenço Viegas,
Ao teu commando entrego a torre d'Hercules.
— Rico-homem Voemarano, os prisioneiros
Te cumpre vigiar; são mouros todos,
Tem alma negra, e má; porem são homens:
A lei de cavalleiros, como somos,
Bom gasalhado e tracto bom lhes deve.
— Dom prelado e senhor, bispo de Coimbra,
O altar é para Deus, e o bom ministro
Ora n'elle incessante: faz tal festa,
E acção de graças, e *Te Deum*, e missa,
Que o fumo dos incensos por tres dias
Tolde as ameias mysticas e negras
Da cathedral dos godos. — Vós, abbade,
Quasi rei de Lorvão, que me ajudastes
C'os vassalos de vossos monges negros,
Mercê a vós, senhor. — Dom Nuno Froylas,
Meu nobre thiuphado, pelas ruas,
E praças da cidade ordena um bando,
Que apregoe o triumpho, em mal do mouro.
— Agora, Osman, a ti: turbante fóra.

(Osman descobre-se, e curva-se respeitosamente.)

Senhores ricos-homens, este escravo
Tal serviço me fez, que, — por Deus vivo,
Por San Thiago, e por el-rei, — é livre,
Que o mando eu, e aqui lhe dou seu fôro.
Osman se chama, é hospede do consul.
— Inda hei mais que dizer-vos, que falar-vos,
Cousa de muito prol, do meu; mais tarde.

Paz a todos, senhores, retirai-vos.
(Saem, descobrindo-se, e inclinando-se.)
Meu irmão d'armas, dom Martim, tu fica.
Tenho que te falar. (Desce do estrado.)
Osman, espera:
(Em meia voz a Osman.)
Mal venha a prisioneira, que ma tragam.
Osman, segredo, ou morte!

SCENA III.

D. SISNANDO, D. MARTIM.

D. SISNANDO.

Em paz agora
Quero desafogar meus males todos.
(Arrojando-se a uma cadeira.)
Ai de mim! ai de mim!

D. MARTIM.

Conde! que é isto!?
No dia da victoria os ais na bocca,
A palidez na face!... Por ventura
Foi pequeno o triumpho, as palmas poucas,
Frouxos os vivas!?

D. SISNANDO.

Vivas, palmas, glorias,
Batalhas e laureis, tudo me pésa,
—Tudo no seio o coração me esmaga.
Opprime-me a cabeça este elmo illustre.
(Tira o elmo, que depõe sobre a mesa.)

Estou cançado d'armas e recontros;
Dom Martim, tenho sêde.

D. MARTIM.

De mais sangue?

D. SISNANDO.

De sangue, dizes tu! . . a minha sêde! . . (Ergue-se.)
Tenho sêde de amor.

D. MARTIM.

De amor! . . . tu zombas.

D. SISNANDO.

E crês tu porventura que não tenha
Coração dom Sisnando?! Sempre guerras,
Sempre ferros, e sangue, e mouros sempre!
Não hão de os braços meus cingir ao peito
Senão rijas couraças! Vir do campo,
De pó coberta a fronte; e nos meus paços,
Entre pompas, e marmores, e joias,
Não achar quem da face o pó me alimpe,
Quem me enchugue este sangue, em que me banho,
Quem me converta este sorriso amargo,
Rude sorrir de vencedor, — no afavel
Carinho da ternura!! Acaso ignoras
O que seja — volver de atroz recontro,
Alta noute, cançado de triumphos,
Envolta a mente no fragor das lides;
E achar ao limiar da porta amiga
Um archanjo do ceo, que volva rapido
As furibundas scenas da batalha
Em quadros meigos de ternura e riso!?
Do peito desatar esta couraça,

E em vez do aspero bronze unir a elle
Branda neve de um seio, — e co' estes labios
Inda rouxos palpar uns labios bellos,
E as iras más domar com cento e cento
De caricias, de abraços, e de beijos!?
— Ah! dom Martim, é isto o que me falta;
Eis de que tenho sède.

D. MARTIM.

E porventura
Não ha filhas de reis por esse mundo,
Que anhelem pela mão de dom Sisnando,
O maior alvacir, e cavalleiro,
Conde, e governador, que ha tido a Espanha!?

D. SISNANDO.

É peor o meu mal, peor. Comtigo
Venho desafogar a dor tamanha,
Que tanto me doe n'alma. Sim, amigo,
Sou dom Sisnando, e fino-me de amores;
— Que amores, dom Martim!—Adoro aquella,
Que devo aborrecer; o mais terrivel,
Mais agareno sangue, que nas veias
De mouro coração pulou 'tégora;
Amo a raça fatal de impios kaliphas,
Raça de que Leão e Espanha tremem,
A raça dos Omeiades.

D. MARTIM.

Que dizes!?
Senhor conde Sisnando, algum feitiço
Te deitaram por certo.

D. SISNANDO.

Sim, amigo.
Sou possesso de amor, que é mor feitiço,
De quantos fazer póde velha bruxa
Em noute de luar, falando baixo
C'o principe das trevas; — sim, amigo,
Sou possesso de amor: — e hei de esposál-a,
A princesa gentil; poder, que eu possa.

D. MARTIM.

Esposál-a, senhor!!...

D. SISNANDO.

Então, que pasmas!?
Viste-a já porventura? — Oh! que, se a visses,
De inveja te ralaras. — Ouve, amigo:
— Eu nasci nas batalhas; embalaram-me
Ao echo das trombetas mauritanas,
Entre as algemas dos christãos vencidos.
Mal que poude esta mão travar do ferro,
O sevilhano emir levou-me á guerra.
— Era contra os de Agar, foi raio a lança.—
E no dia seguinte era já minha
Em premio de tais feitos toda a herdade
Dos Musarabes, meus avós, Tentugal,
E terras outras; fui wasir no Divan;
Do Andaluz os pendões mandei em chefe;
Fui o mor capitão d'esse monarcha.
— Já vencedor por elle em mil recontros,
De sangue, e pó coberto, entrei os muros
Da prostituta Cordova. Ao serralho
Guiei o meu corcel. A espada invicta

Lançou por terra a flor dos Cordoveses;
E abrio caminho sobre mil cadaveres
Dos Edresitas e Arabes mais nobres.
Restava uma gentil, real donzella,
Que prostrada nas lages sacrosantas
Pedia aos ceos piedade. Eis pois a Omeiade;
O anel extremo d'essa raça augusta,
Que na Espanha deu leis por tantos seculos,
E que, se hoje volvesse, inda podera
Salvar os infieis, e aniquilar-nos.
— Eu devia matál-a . . . — Meu alferes!
Oh! se a visses assim, como estes olhos
A viram n'esse instante de magia!!. . .
Um anjo de bellesa e de candura,
Uma pomba de amor, uma deidade,
Cahida lá do olympo sobre a terra,
Não não, não são tão lindas . . . Olha, amigo,
Vêl-a, e morrer de amor, foi tudo o mesmo.
— E por mais gelo, que no seio entorne,
Mais quente o coração se abrasa em fogo.

D. MARTIM.

Mas não mais a encontraste . . .

D. SISNANDO.

E uma alma d'estas
Não iria aos infernos procurál-a!?
— Escuta o resto, amigo: — A minha espada
A vez primeira perdoou na vida.
Azos dei mesmo á fuga da princesa,
Que veio a Monte-mor buscar azilo
N'uns reconditos paços. — Devo tudo

Ao escravo traidor, Osman de Cordova,
Que fiel me vervio. — Já não te lembra
Quando centos de vezes nas caçadas
Perdia o meu falcão, e vos deixava
Tardes inteiras?

D. MARTIM.

Annos lhes chamavamos,
De esp'rar cançados.

D. SISNANDO.

Olha, cavalleiro,
Esses annos instantes pareciam
Ao conde de Coimbra. — A moura linda
O pagem da floresta me chamava.
E tão farto de amor ficou tal nome,
Que por elle trocára o de Sisnando,
Se mo pedisse a virgem. — Nunca, nunca
Mo pedio ella; que ignorava titulos,
Motores de odio apenas suspeitados.
— O pagem da floresta eu fui 'tégora
Da cordovesa aos olhos. — Prisioneira
Ma trazem logo aqui. — E o pagem qu'rido
Ha de mudar-se em conde; — e a prisioneira
Ha de ficar condessa.

D. MARTIM.

Dom Sisnando,
É grave o caso, muito grave, amigo.
Eu sei tua honradez, eu sei que Affonço,
Sendo rei de Leão, casou com Zaida,
A filha d'esse emir, a quem serviste,
E ficou rei christão. Mas a princesa

Omeiade, senhor, é mais que Zaida;
É de infieis a esp'rança, por seu sangue...
— O teu valor, tua ambição... — Receio
Dos ricos-homens o ciúme. Ha pouco
Tive quasi de ver-me em campo d'armas
Co'a espada de dom Nuno. E dizem elles
Que tambem godos são.

D. SISNANDO.

São vis escravos;
Que se eu não fora co'esta espada invicta...
— Martim Moniz, ao bispo falar quero,
Quero falar-lhe já.

UM PAGE, (do portico.)

Osman, que chega,
E a moura prisioneira.

D. SISNANDO.

Que entrem presto.

(Vai-se o Page.)

Não vez como risonho meu semblante
O fagueiro prazer no labio ostenta?
Amigo, é o meu farol, que se avisinha,
Minha estrela, meu anjo.

SCENA IV.

D. SISNANDO, D. MARTIM, A PRINCESA, OSMAN, *Pages d'armas*, *Escudeiros*.

(A Princesa vem entre os pages, com cadeias nos pulsos, e coberta com um rico véo branco.)

A PRINCESA,
(adiantando-se do grupo dos pages, e ajoelhando no meio do theatro.)

Ás plantas vossas . . .

D. SISNANDO,
(a D. Martim, que se retira.)

De prompto ao bispo.
(A Osman, que se retira.)
Osman, longe me aguarda.
— Escudeiros, e pages, retirai-vos.

SCENA V.

D. SISNANDO, A PRINCESA.

D. SISNANDO,
(erguendo-a, e tirando-lhe as cadeias.)

Levanta-te, senhora. — Tais cadeias
Não são para quem póde, apenas queira,
N'um volver d'olhos dominar a terra.

(Vai buscar o elmo, e no entre tanto ergue a Princesa o véu.)

Este elmo é o meu elmo das batalhas.

Este louro é o meu louro da victoria.
Esta espada é a espada de combate
Dos meus quarenta avós.

(Lança ao chão a espada, os louros, o elmo; e ajoelha ante a princesa.)

Espada, glorias,
Triumphos, e laureis, e dom Sisnando,
Tudo tens a teus pés, mandas em tudo;
És senhora, e rahinha de minha alma,
Tens em meu coração teu solio erguido,
És meu anjo, meu sol.

A PRINCESA.

Senhor!... Que vejo!...

(Escondendo o rosto entre as mãos.)

Ai! de mim! ai! de mim!!

D. SISNANDO.

E assim acolhes,
Dona princesa, o meu transporte! — e insultas
Amores, e homenagens de Sisnando,
Cavalleiro, alvacir, rico-homem, consul,
E conde de Coimbra!...

A PRINCESA.

Ah! esses titulos
Forçam meu coração a aborrecer-te.
» Dom Sisnando! »... Que nome proferiste!
Ai! de mim! oxalá nunca te eu vira!
Oxalá teu corcel te não levára
Ás escusas florestas do retiro,
Que busquei a meus prantos! — Cavalleiro,
D'um a outro de nós, teu nome grande

Intercalou distancias, pólo a pólo.
'Thé'qui eras o pagem da floresta;
E a filha dos Omeiades te amava.
Hoje és conde, e senhor, és inimigo;
A filha dos Omeiades illustres
Seu amor transmudou n'um odio eterno.
Não te affijas, senhor.

(Levanta, e apresenta ao Conde o elmo e espada.)

Eis o teu elmo,
A tua espada. — Deste-ma tingida
No sangue de meus pais; ah! vem banhál-a
No resto derradeiro d'esse sangue,
Que nas veias me gira. — Eis-me prostrada.
A raça, a quem teu odio consagraste,
Jaz n'este seio; — extingue-a.

D. SISNANDO,
(carrancudo, espada erguida.)

Essas palavras
Querem dizer: — vingança. — O sangue nobre,
Que dos teus derramei, . . . somente um sangue
Ha na terra, que o vingue. É este peito
O cofre, aonde existe. — Adeus, senhora,
Vou cumprir tuas ordens. (Partindo.)

A PRINCESA.

Cavalleiro!
Onde vaz, dom Sisnando! Espera! espera!

D. SISNANDO.

Crês tu que esse fatal, horrendo anathema,
Que da bocca soltaste aqui me deixe
Uma sombra sequer de apego á vida!?

— A filha dos Omeiades illustres
Seu amor transmudou n'um odio eterno. —
Quem de ti isto ouviu póde no mundo
Para mais ter ouvidos?!

A PRINCESA.

Cavalleiro,
Desculpa um coração desacordado.
Eras tu, eras tu quem mais amava
Por todo esse universo; era o teu nome
O que mais no universo aborrecia.
Era o meu céo o pagem da floresta,
O conde dom Sisnando o meu inferno.
Soube o teu nome; e, ceo e inferno junctos,
Uniu-se no meu seio o amor ao odio.

D. SISNANDO.

Mas o odio venceu....

A PRINCESA.

Venceu no labio.
Ficou meu coração sopresso e quedo,
N'este empenho fatal.

D. SISNANDO.

E inda sopresso,
E quedo o tens no seio?

A PRINCESA.

Ah! dom Sisnando,
Na lucta, que revolta os meus sentidos,
Não obrigues os labios innocentes
A amaldiçoar o nome sacrosanto
De meus nobres avós. — Toda a minha alma,
Todo o meu coração trahiu vinganças;

A lingua resta só. — Ah! cavalleiro,
Tu sabes se te amei; sabes se moura
Mais ardente paixão nutrio 'thé 'gora
Por um homem no mundo. Dom Sisnando,
Tu sabes se deixei os meu altares,
Para seguir os teus.... Ó ceos! que disse!
Não, não era o teu Deus, que eu adorava,
Eras tu, eras tu. Santo baptismo
Devia unir minha alma á crença tua,
Meu coração ao teu. Pompas, grandesas,
Throno, religião, virtude, e patria,
Deixei tudo por ti. Um pensamento,
Um pensamento só guardava n'alma,
Que lá te ia tambem: «Ambos unidos,
Scismava eu, um dia o meu esposo
O vingador será de meus direitos;
Dos musarabes o maior, e principe,
Seu braço forte, á testa dos exercitos,
Tropheus roubando ao conde de Coimbra,
No solio cordovez ha de ir sentar-me;
Ha de mandar na cruz, e no crescente,
E será rei por mim.» — Baldada esp'rança!..
O nome de Sisnando acaba tudo;
E throno, esposo, amor, é cinza, é nada.

D. SISNANDO.

Moura! Moura sem dó, que me assassinas!
Que outro solio maior podéras dar-me
Do que o teu coração!? Ingrata Omeiade!
E eu não te dou tambem os meus triumphos,
Meu condado, meus bens!? não sacrifico

Vinte princesas, que por mim suspiram
Nos thronos das Espanhas, e do mundo?!
— Ah! se em campo cerrado dom Sisnando,
Da lide em premio, apresentasse a dextra,
Não viriam rahinhas disputál-a?!
— Quem lhe anteponho eu?— uma proscripta,
A neta de um monarcha destronado,
Uma virgem sem patria, uma inimiga
Da terra coimbran, escrava, e moura.
—Que mais queres de mim? Um throno acaso?
Eis aqui, ó princesa, a minha espada:
Dez cabeças de reis jazem por terra
Aos golpes finos seus; — e quem valente,
Sem conhecer a bella cordovesa,
Dez cabeças de reis audaz derriba,
Com só te ver, arrasa vinte imperios,
E ergue um throno sobre elles.

A PRINCESA.

Basta, basta;
Tu és o meu senhor, és o meu anjo,
Bate o meu coração por ti somente,
És meu querido d'alma, e peito, e vida,
Tudo farei por ti, sê meu thirano....
— Mas trazer-te por dote o menoscabo
De rahinhas e principes, ah! conde,
Isso não, isso não. — Um de nós ambos
Tem de ser infeliz; meu sangue é crime
Na terra de teus pais; — teu nome é reprobo
Na minha geração. Barreira eterna
Assim nos separou ... Adeus, Sisnando;

Esquece-te da filha dos Omeiades,
Esquece-te da moura, e sê ditoso.

D. SISNANDO.

Hei-de esquecer-te, sim; mal sabes onde.
Já to disse uma vez: eis este ferro,

(Punhal erguido.)

Se Omeiades poupou, mata Sisnandos.

A PRINCESA, (de joelhos.)

Por piedade, meu conde!

D. SISNANDO.

Em pé, senhora.
Que farás porque viva dom Sisnando?

A PRINCESA.

Tudo, tudo farei...

D. SISNANDO.

De ti depende
A sua vida ou morte. — Ouve, princesa;
Não sóe de Coimbra o alvacir valente
A curvar-se a um revez. =Ou tudo, ou nada.=
É este o meu condão. — Eia, decide:
O leito de hymeneu, ou do sepulchro!
Um sorriso de amor, eis-me em teus braços;
Um gesto de odio, a minha vida é cinzas.

A PRINCESA,
(estendendo-lhe os braços.)

Sisnando senhor meu, meu bem, meu tudo
Oh! quem não te ha de amar! quem por tal dextra,
Não ha de os solios engeitar da terra!
Vergou meu coração, vergou...

D. SISNANDO, (abraçando-a.)

E és minha,
Virgem formosa, que transmittes vidas.
Da mãi só recebi uma existencia,
De ti recebo duas. — Moura bella,
Aperta-me ao teu seio. — N'este abraço
Vai todo o coração de dom Sisnando;
— Todo, — porque não uso dar metades:
Quando cravo uma adaga, é 'thé aos copos,
Quando golpeio, o golpe abre um sepulchro,
E quando dou, dou tudo. — Eia, condeça,
Aqui tens esta mão, este palacio,
O mando de meus nobres cavalleiros,
Meus pages, meu brasão, honras, e titulos.
Se quizeres um reino, irei ganhál-o;
Se anhelas um imperio, sei vencêl-o;
E se o mundo desejas, co'esta espada
Já parto a conquistál-o, e dou-te o mundo.

SCENA VI.

D. SISNANDO, A PRINCESA, *um* PAGE, *logo o* BISPO.

O PAGE.

Senhor conçul, — o bispo de Coimbra,
Que audiencia vos requer. (Sae.)

D. SISNANDO.

Entrai, meu padre',
Meu nobre senhor bispo; — officio santo

Hoje haveis de cumprir. Findou a guerra;
Estou cançado d'armas, e recontros;
Quero beber amor d'uns labios d'anjo,
Bebêl-o aos pés da Igreja. — O anjo é este.
Dom Sisnando aqui está: casai-nos.

O BISPO.

Conde,
Aquelle trage é mouro.

D. SISNANDO.

E n'essa mitra
Não achais o condão de desmourál-o?

O BISPO.

A pia baptismal, senhor Sisnando,
Desmoura os infieis, dá vida aos crentes.
A mais alta missão do sacerdocio
Nunca meus labios negarão. Mas outro
Mui outro sacramento é o matrimonio;
Além da Igreja resa d'elle o estado.
Da cidade os forais, e as leis do reino
Podem muito, senhor. Sões dom vassalo,
O vassalo maior da christandade,
Sões quasi rei. — A el-rei porem jurastes
De Leão e Castella vassalagem.
— Que é da mercê d'el-rei?

(O conde bate com a mão na espada.)

Senhor Sisnando!...

D. SISNANDO.

Quem traz tão fina adaga, entre africanos,
É pontifice, e rei, — ou mais: é tudo.
— Senhor bispo de Coimbra, ao romper d'alva

Enfiaremos ambos porta escusa
Da vossa cathedral. Quero lá dentro
As agoas do baptismo para a moura;
E para o conde e moura as bençams santas.
Fareis uma christan, e uma condeça.
E excomunhões, e preitos, e menages,
O braço meu responderá por tudo.

(Vai ao portico.)

Meus pages e escudeiros, vinde todos
Honras fazer ao bispo.

O BISPO.

Aos ceos aprasa
Não vos sejam fatais orgulhos tantos.

(Sáe no meio dos pages.)

SCENA VII.

D. SISNANDO, A PRINCESA.

D. SISNANDO.

Viste o que póde n'alma de Sisnando
Um empenho de amor? — viste?

A PRINCESA,
(beijando-lhe a mão.)

Meu conde,
Tu és meu defensor, tu és meu anjo,
Meu esposo, meu tudo.

D. SISNANDO.

Moura linda,
Porque não tenho eu vinte condados

Em vez d'um para dar-te, e mil imperios,
Para sacrificar-tos?!... Porque os velhos
Ricos-homens d'aqui me não expulsam?!
Porque el-rei de Leão, Fernando Magno,
Me não pune, e desterra?!... Moura linda!
Quizera ser proscripto, e descondado
Por tua causa só; — nas hermas selvas
D'atro retiro, unindo-te ao meu seio,
Dizer-te: « Lá, no mundo, leixei tudo,
» Leixei tudo por ti; meu universo
» És tu, oh! tu somente. »

A PRINCESA,
(beijando-lhe a mão.)

Meu Sisnando.

D. SISNANDO.

Minha vida! meu bem!...—Oh! que não tenhas
Um nome de christan, para chamar-te!!
Bella virgem de Cordova, consente
Que um nome godo, um nome de rahinha
Saia dos labios meus. — Olha, meu anjo;
Houve outr'ora em Leão uma princesa,
Que deu mate ás bellesas mais faladas
Pela Europa christan. Era Adosinda
O nome da princesa. Virgem bella,
Tu dás mate ás bellesas do universo;
Tu vales mais que centos de rahinhas;
Tu és a flor celeste das princesas;
Tu és minha Adosinda.

A PRINCESA.

Amo esse nome,

Vem-me do labio teu . . .

D. SISNANDO.

Vem da minha alma . . .
Enlouqueço de amor . . . Minha Adosinda!
Assenta-te ao meu lado . . . A dextra bella
Une ao meu coração . . . — Olha, condeça;
Não sou da terra agora; a minha vida
Rebôa pelo ceo.

UM PAGE, (do portico.)

De Benalfagi
Ismar embaixador, que audiencia pede.

D. SISNANDO.

O importuno que quer! Entre, mas breve.

(Vai-se o Page.)

Esconde-me esse rosto, linda moura,
Que não é para mouros.

(Cobre-a com o vêo.)

O PAGE, (do portico.)

Dom Ismar.

SCENA VIII.

D. SISNANDO, A PRINCESA, ISMAR.

ISMAR.

Da parte de meu amo, a paz ao conde.

D. SISNANDO.

Do conde a ti a paz. Senta-te, e fala.

ISMAR, (sentado.)

Benalfagi, meu amo, illustre cid,

E rei de Monte-mor, a ti me envia,
Em solemne embaixada, e desafronta
De honra sua. — Senhor, em seus estados
A mui formosa neta dos Omeiades,
De Benalfagi ao sacrosanto abrigo,
Fazia pelos seus amargo pranto.
— Os teus a arrebataram, sem que a guerra
Lhes desse juz a tal. E o meu monarcha,
Jurada a paz, a pede, como amigo.

D. SISNANDO, (erguendo-se.)

Nego-a, como inimigo. Vai-te.

ISMAR, (erguendo-se.)

Espera.
Inda não disse tudo. O meu sob'rano
Quer que saibas tambem que, se a negares,
Africa vem inteira a disputar-ta;
Que é tão illustre o sangue da princesa,
Que um milhar de cabeças coroadas
Aqui virá por ella; — e vinte braças
Submergido c'os teus sob o mondego,
Com os muros e as torres da cidade,
Ficarás, por Mafoma.

D. SISNANDO.

Pois que venha
O teu milhar de reis. — Hão-de curvar-se,
E saudar-me, e fugir.

ISMAR, (partindo.)

Veremos.

D. SISNANDO.

Mouro!

A Omeiada não vive.

ISMAR.

Ó ceos! . . . é morta?

D. SISNANDO.

Morreu para Mafoma e para mouros,
Vive para Sisnando e para Christo;
(Levanta-lhe o véo.)
É minha esposa. — Prostra-te, saúda
Adosinda, mulher de dom Sisnando,
E condeça de Coimbra.

ISMAR.

Ó ceo, troveja!
Maldição no infiel, que a teus altares
Rouba a pomba sagrada!

D. SISNANDO,
(dando a mão á princesa.)

Virgem bella,
Vamos adereçar-nos para a festa.
— Ismar, serás dos nossos n'este dia
De regosijo e gala; pelos paços
Livre pódes andar. — Vamos, condeça.

SCENA IX.

ISMAR, *logo* OSMAN.

ISMAR.

Vai, soberbo, caminha para Christo
Com a pomba da Arabia; — que Mafoma,
E Ismar quiçá, da garra assoladora

Inda póde arrancar-ta.

OSMAN, (da porta.)

Ismar, conheces-me?...

ISMAR.

Caro Osman, torno a ver-te....

OSMAN.

Escuta, amigo.
Não sou aqui Osman, sou vil escravo;
Escravo, que trahi meus juramentos,
E á força de traições e vilanias
Ganhei a carta de alforria infame.
— Mas hei de me vingar. — Meu sangue nobre
De Cordova infeliz jorrou nos muros.
De meus tres filhos as imberbes frontes,
Decepou-lhas d'um golpe dom Sisnando.
Foi mesmo juncto a mim. Quiz ir vingál-os:
Imprimio-me o ferrete das algemas
N'estes pulsos de nobre; e fez-me escravo.
Arrastou minha filha aos viz alcouces,
Com cadeias aos pés. Matou-me a esposa.
Ignorando quem sou, depois me chama;
E dá-me agora a carta de alforria,
Em premio de serviços huminosos.
— Oh! quero-me vingar. Affrontas d'estas,
Osman as lava no bulcão do inferno...
Imaginas em vão. Attende, amigo,
O primeiro degráo para a vingança
Estava na princesa. — Eil-o galgado....

ISMAR.

E assim cortaste o fio derradeiro

Da esperança dos crentes! — Sim, tu foste
Quem lhe entregaste a virgem.

OSMAN.

Sim, amigo.
Mas antes de dous dias dom Sisnando
Terá no coração cravado um ferro;
Ou dor ha de sentir, que valha o mesmo.
Escuta, Ismar: aos ricos-homens todos
Corteja mui loução; fala n'um pacto
Entre o conde Sisnando e os agarenos,
Por via do consorcio com a Omeiade.
Simples os godos são; sua franquesa
Levar-se deixa da moural perfidia.
Confia tudo em mim; o meu segredo
Amanhan saberás. Ésta vingança
É frenetica, immensa, egual á afronta,
Ésta vingança ha de salvar os crentes.

ISMAR.

Alguem nos ouve, Osman.

OSMAN.

Nada receies:
É das nossas, e muito.

SCENA X.

ISMAR, OSMAN, ZULIMA.

OSMAN.

Vem, Zulima.
De minha esposa a mais fiel escrava

Eras tu, não é assim? — Has de vingál-a.
— Um retracto já viste, que no seio
Costuma de trazer nossa princesa
Pendente em colar d'ouro?

ZULIMA.

Esse retracto,
Hoje mesmo lho vi, que no meu seio
O quiz ella esconder, quasi dormida,
Com susto de o quebrar. — Má hora escondo.
Image humana! — veda-mo a lei santa;
E eu não sou perra, nem christan como ella.

OSMAN, (mostrando uma medalha.)

E a medalha, Zulima, não é d'ouro?
Não é como esta, assim?

ZULIMA.

Talqual, — tirante
O barbudo carão dentro pintado,
Que é christão, e não mouro.

OSMAN.

E póde, acaso,
Uma noute passar, sem que ella o veja?

ZULIMA.

Poucas, senhor; pois ao deitar-se, e erguer-se
Cobre-o de beijos. — Belzebuth renego,
Que lhe entrou n'alma tão serena d'antes.
Mas quando vem o amante, o caso é outro;
Sem olhos dar ao pobre do retracto,
Do involtorio de seda o não desprende,
Cinge á pressa o colar, e aguarda o page.
Hoje tem-o tão perto....

OSMAN.

E hoje mesmo,
Mal dormir a princesa, este has de pôr-lhe
Enfiado no colar, e has de trazer-me
A cara do christão. Percebes?

ZULIMA, (Recebendo a medalha.)

Juro
Que ta hei de aqui trazer. (Partindo.)

ISMAR.

Zulima, espera:
E por Allah? ..

ZULIMA.

Jurei. (Sáe.)

OSMAN.

Estou vingado.
O retracto do conde, ou esse; — um delles
Ha de arrastar a perdição de Coimbra.

SCENA XI.

OSMAN, ISMAR, A PRINCESA.

A PRINCESA.

Deus vos salve, senhores; inda volto,
Ismar, só para ti. A Benalfagi
Agradece por mim disvelos tantos,
Com que a proscripta agasalhou. Valeu-me
Tal serviço e amparo o ser ditosa.
Meus altares leixei, leixei meu nome,
Perdido nome nos baldões do fado,

Por um nome, um altar, maior, mais santo.
— Mas preso os meus, folgára de valer-lhes,
N'um amplexo abraçar christãos e mouros.
Dize ao rei, que na Espanha nada póde
Ao braço resistir de dom Sisnando;
Que se converta á lei de Jesus Christo,
Que seja nosso irmão. — Então seu brio,
Então disvelos seus pagar-lhe posso.

ISMAR.

El-rei de Monte-mor, dona Princesa,
Póde inda perdoar....

OSMAN.

Ou mais; — que pode
Ao throno dos Kaliphas elevar-te.

A PRINCESA.

Senhor Osman, esse dizer....

OSMAN.

De longe,
De muito longe eu te segui, princesa,
Para um dia ganhar. Ganhei; é este.
Um amo já servi maior que o conde.
Era muito maior...

A PRINCESA.

Mentes.

OSMAN.

Chamava-se
O Kalipha, teu pai... Perdi-lhe o nome.

A PRINCESA.

Senhor! senhor! ...

OSMAN.

A filha.... 3.

A PRINCESA.

Por piedade! ....

OSMAN.

Estendeu no sepulchro a mão formosa,
E jurou desposar quem o vingasse.
—Que é da jura, princesa?!

A PRINCESA.

É tarde.

OSMAN.

É cedo.
Aqui tens um punhal. Teu pai legou-mo
Da beira do sepulchro. Eu lego á filha
A herança paternal. — Judith mais bella,
Do seio do infiel arranca a vida.
Só tu pódes chegar da Espanha ao tigre,
Só tu pódes cumprir legado santo.

(Mostrando o punhal.)

« Por Omeiades, contra dom Sisnando. »
É jura de teu pai no ferro escripta.
Desmente, se ousas, de teu pai a jura.

A PRINCESA.

Senhor! senhor! não posso... Ó Deus! este homem
Jurou de perseguir-me em toda a parte:
Em Cordova senhor, além bandido,
E traidor a meu pai, traidor ao conde,
Osman, e sempre Osman! És minha sombra,
Homem de satanaz, que has de perder-me...
—Louca, louca de mim!—perder-me!.. A filha
De cem avós, kaliphas, e monarchas
Perdida não vai já, christan, rebelde,

Renegada, infiel! . . Ó Deus! — o ferro,
Mas o ferro está ahi; legado santo,
A bençam de meu pai jaz n'elle envolta . . .
— Osman! cruel Osman! — eu amo tanto!
Este amor enrolou-se á minha vida,
Qual hera soberbal ao debil tronco.
—Cabe ao tronco vergar.—Vergou; não posso.

OSMAN.

Não verga o tronco, se é de stirpe regia,
Se é da stirpe de Deus. Teu sangue nobre
Vem de Alli, vem de Omar, vem de Mafoma.
Os manes de teus pais, deixando o éden,
No Alborah do propheta o ar vadeiam,
Guiam teu braço ao coração do infame.
— Aqui tens o punhal, filha dos crentes;
Vem com elle subir de Espanha ao throno.

A PRINCESA.

Senhor! senhor! não posso . . .

ISMAR.

Á violencia
Não obrigues dous servos.

OSMAN.

(travando-lhe do braço.)

Por Mafoma,
Cedei . . .

ISMAR.

Guardai-o já.

A PRINCESA.

(escondendo o punhal.)

Meu Deus! eu morro!

SCENA XII.

OSMAN, ISMAR, A PRINCESA, D. SISNANDO.

D. SISNANDO, (do portico.)

Quem ouza aqui bradar?!

A PRINCESA, (desmaiando.)

Ah!..

(Ismar, afastando-se, olha com despeito para o conde, e pousa, como que instintivamente, a mão no alfange.)

OSMAN.

(crusando os braços, e inclinando-se profundamente,)

Senhor conde!

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II

AS SOBERBAS.

Heu. quo progredietur humana meus?
Quis finis temeritatis et audaciae erit?

EURIPIDES, HIPPOLYTUS.

PERSONAGES.

— O SACRISTÃO.
— O BISPO.
— O ABBADE DE LORVÃO.
— OSMAN.
— ISMAR.
— D. NUNO.
— D. LOURENÇO.
— D. SISNANDO.
— A PRINCESA.
— D. MARTIM.

— RICOS-HOMENS, — CAVALLEIROS, — CONEGOS, — ESCUDEIROS, — PAGES.

ACTO SEGUNDO.

Atrio da velha Cathedral de Coimbra. Junto ao portico estão varios assentos rasos, em semicirculo; no meio uma cadeira de espalda, com as armas da cidade; e uma mesa, á direita outra cadeira de espalda, lisa.

SCENA I.

O SACRISTÃO, (só.)
(Depois de colocar e arranjar a cadeira.)

Ora sus, que está guapa a galhardia.
E póde agora o embaixador mourisco,
De envolta c'os villões, e populacho,
Turbante fóra, ver o julgamento.
— Já nós assim fizemos, os coitados,
Quando o divan moural se aqui juntava,
De grandes barbas, c'o wacir na frente.
— Davam cada sentença, que fazia
O mister do saião render dobrado;

E sempre contra nós: o supplicante,
Sendo christão, perdia o seu direito.
— Mas alto lá; que os ricos-homens d'hoje
Despicam-se com garbo: — em sendo mouro,
Nem san Bento lhe vale. — Todavia,
— Bom faro tenho, — o julgamento d'hoje
A negocio me cheira d'alta pôlpa.
Vejo tudo enfiado; cada cara,
Mouriscos, e christãos, e musarabes,
Que nem Judas lhes ganha. —Em fim veremos,
E ouviremos. (Vendo o Abbade.)
Senhor!

SCENA II.

O SACHRISTÃO, O ABBADE, *(logo)* O BISPO.

O ABBADE.

Ao atrio santo
Não é chegado o senhor bispo ainda?

O SACRISTÃO.

Eil-o, — que para aqui já se encaminha.

O BISPO, (para o Sachristão.)

Retira-te.

(O Sachristão faz profunda reverencia, e entra no templo.)

SCENA III.

O ABBADE, O BISPO.

O BISPO.

Que novas, dom Abbade?

O ABBADE.

Que novas! — mais ruins do que eu quizera.
Bem dizem os villões por esse campo,
Que já foi mouro, — e feitos tem de mouro.

O BISPO.

Tem ambição, Abbade; é homem.

O ABBADE.

Tarde,
Mui tarde o conhecemos. — Em Sevilha,
Quando a Iben-Ameth servia o monstro,
Já então os mouriscos o acusavam
De tramas, e traições, de ocultas vistas
Ao throno de Andalus, e ao kaliphado.
— Havemos de julgal-o, senhor bispo;
Havemos de depôl-o; e eleger conde,
Que não case com mouras, nem se ligue,
Contra nós, com Mafoma. Na Galisa
Ha homens inda, em Portocalle sobram,
Eu fui falar aos infanções, e a quantos
Godo conservam coração no peito.
Tenho provas aqui, senhor, — e grandes,
Que, á mingua do conselho, hão de matál-o.
A escrava da princesa é nossa agora:
Tal pratica lhe fiz, que, renegando,

O baptismo pediu, e disse tudo.
--- Mais tarde sabereis o meu segredo,
O terrivel segredo, que aqui tenho,
E ha de ao conde arrancar condado, e vida.

(Apparecem Osman, e Ismar embuçados em seus albernozes.)

O BISPO.

Dous vultos vejo de ruim aspecto,
Eu retiro-me ao templo.

(Entra na egreja.)

O ABBADE.

Sim, são elles,
Que os musarabes altanáram todos,
— Os nescios, que senhores já se julgam;
Que não sabem que póde um simples monge
Cortar pela raiz esp'ranças d'impios.

(Entra na egreja.)

SCENA IV.

OSMAN, ISMAR.

OSMAN.

Ismar, meu bom Ismar, alfim vencemos.
Eu li a convicção na face ao monge.
Não o viste enfiado entrar no templo?
--- Bem te disse eu que os godos eram simples.
A princesa não quiz, --- pois morra embora.
Com ella ha de morrer de Coimbra o consul,
Ou tal vida terá, — sei-lhe o caracter, —

Que viver, ou morrer nos sêja o mesmo.
— Os dictos nossos, a traição da escrava,
Que se finge christan, os musarabes,
Que chamei ao partido com promessas,
As soberbas de alguem, talvez o fado,
Ou Mafoma talvez, — unio-se tudo;
E vencemos, Ismar.

ISMAR.

Mas se o conselho,
Á mingua de valor, curvar a fronte
Á espada do alvacir; se alfim conhecem
Nossa traição, nossa perfidia...

OSMAN.

Eu tenho
Um extremo recurso: — este segredo
Tu não sabes, Ismar. Tremo que escutem
Éstas paredes... Tu de dom Sisnando
O violento caracter não conheces.
— Ha de vergar-se. — Vai-te, que terrivel,
Terrivel dia raiou hoje a Coimbra.

SCENA V.

OSMAN, (só.)

Altas, soberbas, gothicas ameias
Da Mesquita sagrada, hoje profana
Por culto de infieis, — em breves horas
Soará n'esses muros, n'essa abobeda
O mais terrivel, espantoso anathema,
Que na terra se ouvio, desde que o anjo

Do nume vingador lançou do elyseo
O tredo pai dos homens. — Dom Sisnando
Já mostras deu do seu feroz ciume:
O desmaio da virgem perturbou-o.
Li-lhe na fronte a palidez da duvida...
Li-lhe mais: li o fraco d'aquella alma.
Estudou-lhe as paixões minha vingança.
Oh! hei de me vingar — Paz, minhas glorias.
Vamos; que a hora chega do triumpho.

SCENA VI.

OSMAN, D. NUNO.

D. NUNO.

Quem és? onde caminhas? que pretendes?

OSMAN.

Outorgou-me licença dom Sisnando
Para ser livre dentro em vossos muros.
— Onde me apraz hei de ir. — Deixa-me.

D. NUNO.

O Conde
Tambem te concedeu que profanasses
Da cathedral o portico sagrado?
Responde.

OSMAN.

Dom Sisnando convidou-me
Para assistir á festa.

D NUNO.

Á festa!

OSMAN.

E disse-me
Se desposava ésta manhan co'a neta
Do nobre Abderraman, princesa ommeiade,
Rahinha do Andaluz, por sangue, e nome.
A cruz, mais o crescente vão juntar-se
Na aliança do conde, e de Adosinda;
Christãos, e mouros, no coimbrão districto,
Em commum gosarão foros, e herdades.
— Approvo a liga; e aceitei a offerta,
E o convite do conde.

D. NUNO.

E presumiste
Que em tal convenha dom Fernando Magno,
E os ricos homens da cidade, côrte
Da herminia terra, e de mean Galisa,
Já quasi o mór estado das Espanhas?

OSMAN.

Mas se o conde ordenar...

D. NUNO.

Ordena embalde.

OSMAN.

Tem por si uma espada vencedora,
E os alfanges de Agar. — Aliança eterna
Acaba de jurar com meus sob'ranos.
— Ninguem ouze romper a paz jurada,
Que o cunho dos tractados foi a virgem;
E cunho tão gentil, ninguem o rompe.

D. NUNO, (irado.)

Retira-te.

OSMAN.

Mandar-me não te cumpre.

D. NUNO.

N'esta hora sou mais que dom Sisnando.
Retira-te.

OSMAN.

Não posso retirar-me,
Sem me taxar de descortez o conde.
Convidou-me a assistir aos desposorios,
Hei de vêl-o casar co'a moura bella.

D. NUNO.

Em nome de Mafoma, — vai-te.

OSMAN, (sahindo.)

Azêda,
Alma damnada, bem azêda ficas.

SCENA VII.

D. NUNO, (só.)

Que mal te fiz, ó Deus tres vezes santo!?
Que mal te fez a desditosa patria!?
Descaroavel Deus porque me engeitas?
Porque a abandonas? — Inhumano jugo
Pesava sobre nós. Teu braço eterno
Este jugo quebrou por dom Sisnando;
E dom Sisnando tece-nos cadeias
Co'a espada, que as desfez. — Na fronte calva,
Cuidei que raras cans, que a cobrem inda,
Iriam socegadas ao sepulchro.
A dextra de um christão vem arrancar-me

As que poupára o mouro. (De joelhos.)
— Deus sagrado,
Antes que tal succeda, abre-me a campa.
Antes que eu veja a filha de Agarenos,
A Omeiade infiel dar leis em Coimbra,
Aniquila, senhor, — cidade, conde,
Paços, e cathedral, e bispo, — e tudo...

SCENA VIII.

D. NUNO, D. LOURENÇO.

D. LOURENÇO.

Que é isto, meu dom Nuno!? — De joelhos,
Á hora das vinganças! Inda a dextra
Não cinge a espada! Ainda para a guerra
Teus infanções não chamas!?

D. NUNO.

Sim, amigo,
Temos de combater com dom Sisnando.
Havemos de julgál-o pelos fóros,
Que el-rei Fernando concedeu a Coimbra.
O livro da lei gothica ha de abrir-se.
E, se alguem se oposer, nossas espadas
Farão a vez de lei. — Os ricos-homens,
O Abbade de Lorvão, e cavalleiros,
E senhores da terra convocaste?

D. LOURENÇO.

Vem presto ahi. Já chega o senhor bispo.

SCENA IX.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O BISPO.

(Durante a scena vem chegando alguns ricos-homens, que se conservam em grupos, no fundo do theatro.)

D. LOURENÇO.

Triste vindes, senhor.

O BISPO.

Nobres guerreiros,
Perdi a meu irmão n'essas batalhas,
Perdi o doce arrimo de meus annos,
Perdi tudo... Ai de mim! — restava ainda
Uma filha, que tudo mais amada,
A amada minha patria... Sei cá dentro
Que a perdi tambem hoje.

D. NUNO.

E crez acaso
Que a falta de Sisnando valha tanto,
Que vença o mouro aqui, se o descondarmos?
Recluso ha de gemer em nossos carceres.
E, se alguem se oposer, tire-se a vida
Aos rebeldes, e ao conde.

O BISPO.

Meu dom Nuno,
Vigor do coração, soberbas d'alma,
Inda, amigo, te iludem. — Não divisas
Ésta fronte caduca, a testa calva,
O semblante rugado? — Olha, dom Nuno,

Todos vós, ricos-homens de Coimbra,
Cavalleiros de outr'ora, sões caducos,
Calvos, como ésta calva; — os vossos braços
Mal ouzam arrancar o sujo ferro
Da bainha apertada pelos annos;
E, apenas arrancado, eia, que a dextra,
Em vez de o manejar, se encosta a elle.
— Quereis com armas tais vencer o conde,
Com todos os seus bellos cavalleiros,
Martim Moniz, valente entre os valentes,
E os mais, que ha'hi, açoute de agarenos,
E pages, escudeiros, e soldados,
Na flor dos annos todos, e tão ledos,
E ufanos de vencer?

D. NUNO.

E crez, dom Bispo,
Que todos esses bellos cavalleiros
Ouzem seguir o falso dom Sisnando,
Se o virem perjurar justiça, e patria?
— Animo, pois, amigos. — Vem chegando
Os senhores da terra. Christo! e ávante!

SCENA X.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O BISPO, O ABBADE, *Ricos-homens*, *Conegos*, *Pages*, *&c.*

(Dous pages colocam sobre a mesa dous livros; um com as armas de Coimbra, outro com as de Leão, e ficam em pé, por detraz da cadeira do Thiuphado.)

D. NUNO, (juncto á mesa.)

Vai abrir-se o conselho, ricos-homens.
Dom bispo, dom abbade, dons senhores,
Escutai-me, e sentai-vos.

(O bispo senta-se na cadeira lisa; os demais occupam os outros assentos; e todos se descobrem.)

— Vindes todos
Preparados, e limpos do peccado,
Para julgardes bem?

O BISPO, (estendendo a mão.)

Por Jesus Christo,
Recebei minha bençam, que vos livre
De toda a má tenção.

D. NUNO.

Estais dispostos,
Se o culpado appellar d'esta sentença,
No juiso de Deus a sustentál-a,
Cada um por todos, em cerrado campo,
E á mingua de valor dar vossos filhos?

OS RICOS-HOMENS.

Estamos!

D. NUNO.

E jurais tomar por norte,
Em vossas decisões, a lei dos godos,
E o foral, que nos deu el-rei Fernando?

O BISPO.

Jurai sobre esta cruz.

TODOS, (estendendo o braço.)

Juramos todos.

D. NUNO.

Eu, Nuno Froilas, dom senhor, vassalo,
Rico-homem leonez, e cavalleiro,
De sangue velho, e godo, — e thiuphado
Pôsto por Deus aqui, e dom Fernando,
Rei de Leão, para fazer justiça
Com os mais ricos-homens da cidade;
— Faço a todos saber que um cavalleiro
Fiel, e coimbrão, de sangue puro,
Acaba de aliar-se com a neta
Dos agarenos, perfidos Omeiades;
Levando o arrôjo a tal, que ousa esposál-a,
Sem a real mercê, contra a ordenança
D'el-rei Fernando Magno; — quer no solio
De Cordova sentar-se, em vil tractado
C'o cide Benalfagi, e c'os monarcas
De Badajoz e Cintra; — quer herdades,
E juz aos mouros dar em nossas terras;
— E diz que sua espada vale tanto,
Como Deus, e o sob'rano. — A vós compete
Dizer em tal delicto. Á minha conta,
O que disserdes vós, minha sentença
O fará bem julgado.

O ABBADE.

É reo de morte
O christão, que tal fez: — impenitente
Morra por ello.

D NUNO.

Inda silencio, Abbade.
Cumpre ao bispo fallar.

O ABBADE.

Quiçá que eu tenha
Mais jus do que elle. — O bispo de Coimbra,
Quando el-rei de Leão tinha em assedio
Muros d'aqui, bem como al aos olhos
Era de todos; — e o prelado illustre
Dos monges negros, rei do seu mosteiro,
— Tirante san Thiago, — sim, foi elle,
Quem deu de Coimbra a dom Fernando as chaves
— A offerta regeitei d'esta cidade;
E, se o conde hoje a tem, é porque outr'ora
Dos monges negros a não quiz o abbade.
Quem tem titulos tais fala primeiro,
E não ouve: « silencio! »

O BISPO.

Paz, Abbade.
Se direitos me assistem, d'elles cedo.
Disputem primasias os da terra;
A nós só cumpre disputar virtudes.
Falai primeiro.

O ABBADE.

Tenho tambem alma
Grande, para ceder-vos primasias;

Mas ora não, porque o furor mo veda.
— Conegos, ricos-homens, cavalleiros,
E senhores de Coimbra, — cesse tudo.
O mais tredo de quantos pelo mundo
Crimes se hão visto, pede pena tanta,
Que tudo al seja pouco. Os nossos foros,
O codice da lei, a honra da patria,
Paz, e religião gritam vingança.
— Eu sou o accusador; e o reu de morte
É o conde dom Sisnando. Impenitente
Morra por ello.

O BISPO.

Dom senhor abbade,
Suspendei a sentença. O nume sancto,
Redemptor de christãos, apoz a culpa,
Quer o arrependimento. E no sepulchro
É que ha de arrepender-se o malfadado,
Que impenitente arremeçais á campa?
— Ricos-homens irmãos, d'ésta maneira
Só julga o mouro d'Africa. — Mais leve
Seja o castigo. E se do vil peccado
O perdão impetrar arrependido,
Perdoêmos-lhe; e seja cavalleiro,
Amigo, e alvacir, e irmão de todos.

SCENA XI.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O BISPO, O ABBADE, D. SISNANDO, *Ricos-homens Conegos, Pages, &c.*

D. SISNANDO, (do portico.)

Senhor dom bispo, eia.

O BISPO.

Senhor conde,
Não vos cumpre falar d'essa maneira,
Em tal sitio, a tal hora. — Senhor conde,
Eis os vossos juizes; cortejai-os.

D. SISNANDO,

(com voz de trovão, depois de ter descido os degraus do portico, com a mão nos copos da espada, lançando uma olhadura ameaçadora, sobre os circunstantes.)

Que fazeis vós aqui? . . . (Pausa.) Ninguem responde!
(Erguendo mais a voz.)
Que fazeis vós aqui??

D. NUNO,

(em pé, e cobrindo-se. — Todos o imitam.)

Justiça.

D. SISNANDO.

Á espada
De Sisnando tambem cumpre fazêl-a.

O ABBADE.

Senhor conde Sisnando, mais prudencia!
— Faz as vezes d'el-rei este conselho.

D. SISNANDO.

Quem ousa aqui dizer « rei, ou prudencia »
Na presença do conde dom Sisnando!?

D. NUNO.

Este livro, senhor; e este. — A lei gothica,
Não se dirá que o thiuphado illustre
Da generosa côrte do mondego
Um dia a despresou. E os santos fóros,
Que o senhor leonez nos outorgára,
E que escriptos guardamos n'este livro,
Quando alguem os calcar, ha de primeiro
Calcar as nossas frontes venerandas,
Arrancar nossas cans, e c'um cutelo
Quebrar nossos brasões.

D. SISNANDO.

Froilas, descobre-te.

(D. Nuno descobre-se.)

Todos vós, ricos-homens, descobri-vos.

(Descobrem-se todos.)

Tambem aquelles livros sacrosantos
Vos tornam descorteses?

D. NUNO.

Muitas horas
Não ha, senhor, que a todos permittistes
Cobrir-nos ante vós.

D. SISNANDO.

E o mesmo labio
Vos manda descobrir.

D. NUNO.

Porem....

D. SISNANDO.

Silencio!

— Segui-me, senhor bispo.

(O Bispo faz profunda reverencia, e segue D. Sisnando ao templo.)

SCENA XII.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O ABBADE, *Ricos-homens*, *Conegos*, *&c.*

D. LOURENÇO.

Eia, prendamol-o,
Cerremos-lhe ésta porta; — e fique o conde
Preso na cathedral. Tal é meu voto.

O ABBADE.

Dom Lourenço, isso não. — Ficai, senhores;
Prender juncto ao altar um cavalleiro
Só Deus fazêl-o póde. Dom Sisnando
Ha de sahir, senhores; — e dom Nuno
De espada erguida, á frente de nós outros,
Lançará d'elle mão, apenas deixe
O portico sagrado. — Em tanto cumpre
Fulminar a sentença.

D. LOURENÇO.

Eu voto a morte.

O ABBADE.

E morra impenitente.

MUITOS RICOS-HOMENS.

Morra!

D. NUNO, (em pé.)

Morra!...

SCENA XIII.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O ABBADE, D. SISNANDO, A PRINCESA, O BISPO, *Ricos-homens*, *Conegos*, *Pages*, &c

D. SISNANDO.

Quem ousa condemnar a dom Sisnando?

D. NUNO, (de pé, mostrando os livros.)

A lei, senhor.

D. SISNANDO.

E quem ousa accusál-o?... (Pausa.)
Ninguem responde!.. Quem ousa accusál-o?? (Pausa)
Dom Nuno, os ricos-homens emudecem;
Responde tu por elles.

D. NUNO.

Senhor conde,
Accusaram-vos todos.

D. SISNANDO, (espada em punho.)

Basta. — Loucos!
Não sabeis vós que a ponta d'esta espada
Vale mais do que vinte thiuphados,
Que vinte ricos-homens, vinte Coimbras,
Vinte frontes de reis!? — Os vossos foros,
E o codigo das leis, se a minha adaga
Na bainha morrer, que ficam? — cinza... (Pausa)
Que sões todos sem ella? — o que ereis d'antes:
Escravos... (Pausa.)—Pagais mal serviços tantos.
Aprendestes do mouro a ser ingratos;
— E cobardes tambem.

D. NUNO, E O BISPO.

Senhor!

D. LOURENÇO, E O ABBADE.

Cobardes!!...

D. SISNANDO,

(batendo o pé no chão, voz terrivel.)

Quem ousa interromper-me, quando eu falo! ?(Pausa)
— Ricos-homens, ouvi-me. — Dom Lourenço,
Quem te arrancou dos carceres medonhos,
Em que preso jazias, ha dez annos,
Por decreto do mouro Aben-Faiula?

D. LOURENÇO,

Tua adaga, senhor.

D. SISNANDO, (espada erguida.)

Eil-a; saúda
A quem te resgatou.

(D. Lourenço faz profunda reverencia.)

— Dom Nuno Froylas,
Quem te restituio herdades cento,
Que possues nas margens do mondego?

D. NUNO.

Senhor, a tua espada.

D. SISNANDO.

Eil-a, saúda-a,
Prosta-te a ella.

(D. Nuno faz profunda reverencia.)

— Monge sacrosanto,
E abbade de Lorvão, o teu mosteiro,
Quem o livrou da vexação de mouros?

O ABBADE.

Vossa espada, alvacir.

D. SISNANDO.

Foi ésta mesma.
Curva-te, dom abbade.

(O Abbade faz profunda reverencia.)

— Ricos-homens,
Foi ésta a vossa guarda, e defensora.
Saudai-a todos.

(Todos se inclinam. O conde embahinha a espada.)

— Basta, dons senhores.
Saudastes porção da minha vida,
Metade qu'rida d'alma. — A outra metade,
Tambem heis de saudál-a.

(Vai ao portico, e traz a Princesa pela mão, levantando-lhe o véo.)

— Aqui a tendes.
Prostrai-vos, e saudai dona Adosinda,
Condessa de Coimbra, minha esposa,
E metade d'esta alma.

(Todos ficam immoveis. D. Sisnando, furioso, bate uma pancada nos copos da espada.)

— Ricos-homens!
Que é isto!?...

D. NUNO.

Senhor conde, é necessario
Que, em nome dos que vês aqui presentes,
E em desagravo seu, dom Nuno explique
O nosso proceder.

D. SISNANDO.

Fala; e sê breve.

D. NUNO.

Duas palavras só. — El-rei Fernando
Pôs-te aqui alvacir, e conde, e consul,
Para fazer justiça, e defender-nos
De ataques de infieis. Quando, thirano,
Segues em vez de lei teu alvedrio,
E em vez de defender ésta cidade,
Fazes c'o mouro aliança de consorcio;
N'esse instante, tu deixas de mandar-nos,
E nós de obedecer-te.

D. SISNANDO.

Ricos-hmens,
Julgais bem dito o dito de dom Nuno?

OS RICOS-HOMENS.

Julgamos.

D. SISNANDO,
(indo, furioso, ao portico.)

Meu alferes! cavalleiros!
Pagens d'armas! Soldados!

SCENA XIV.

D. NUNO, D. LOURENÇO, O ABBADE, D. SISNANDO, A PRINCESA, O BISPO, D. MARTIM, *Ricos-homens*, *Conegos*, *Cavalleiros*, *Escudeiros*, *Pages*.

O BISPO.

Senhor conde,
Tão leais, e valentes ricos-homens,
Prendêl-os, opprimil-os, é de fraco,
É de mouro.

D. SISNANDO, (ao Bispo.)

Silencio!

(A D. Martim, que sáe da egreja, á frente dos Cavalleiros, Escudeiros, e Pages.)

— Dom alferes!
Vês todo este montão de ricos-homens?
— Já deixaram de o ser. Rebeldes todos,
Ferrea cadeia os pulsos agrilhôe;
Gemam seu crime em lôbrega masmorra;
E se algum se queixar, — c'o braço invicto
Na terra o sumirei quinhentas braças;
E queixe-se de lá. (Aos Cavalleiros.)—Eia, senhores,
Saudai a minha esposa. Meu alferes,
Açoute de infieis, flor de valentes,
O orgam sê tu, e a voz dos cavalleiros.

D. MARTIM,
(adiantando-se do grupo dos cavalleiros.)

Eu, dom Martim Monis, alferes d'armas,

De sangue velho, e gôdo, — cavalleiro,
E leal campeador, — pelos mui nobres,
Aqui presentes, companheiros d'honra,
Por mim, pelo senhor el-rei meu amo,
Por Deus, por Jesus Christo, e san Thiago,
— Reconheço, e saúdo por condessa,
E lhe rendo meu preito, e vassalage,
A mui nobre senhora, e dama illustre,
Dona Adosinda, esposa de Sisnando,
E princesa de Cordova, e de omeiades.
— E em penhor do meu dito arranco a luva,
(Arroja a luva ao chão.)
E a arremeço ao que ousar alevantál-a.
E dosentos, ou vinte mil, que a ergam,
Ou sejam de Ismael, ou dos de Christo,
Tem de ver-se co'a espada victoriosa
Do alferes campeador por dom Sisnando.

D. NUNO, (erguendo a luva.)

Levanto-a eu, senhor. E, se na lide
Espada, e ancião, ambos de rôjo
Cahirem a teus pés, — aqui presentes,
Companheiros em mais de cem batalhas,
E ora socios nas cans, vês, que inda off'recem
Braços, e corações para vingar-me.
— Martim Moniz, escolhe o teu padrinho,
D'entre esses vinte moços valorosos.
O meu é dom Lourenço, o mais caduco,
D'entre os caducos anciões de Coimbra.
E dá fé em penhor, e do meu dicto,
Aqui tens ésta mão.

D. MARTIM, (estendendo-lhe a mão.)

Acceito o duéllo,
Mas sem padrinhos; e jurar-te posso
Que pugnando, — por não envilecer-te, —
Generoso ancião, apoz a lide
Viremos de mãos dadas ante a virgem,
Cortejál-a condessa, sem que a espada
Do alferes campeador teu sangue vêrta.
— Conde de Coimbra, a ti compete agora
Mandar o campo, e praso do duéllo.

D. SISNANDO.

Nem campo, nem duéllo. — Dom Sisnando,
Quando nos seus dominios se alevantam
Contestações, e lides, c'um aceno
Costuma terminál-as. Se alguem insta,
Tem uma espada, que se embebe inteira
No coração do vil; — e o vil é cinzas.
Não mais duéllo. — E vós, ouvi-me todos.
Cavalleiros, e pages, e escudeiros,
Saudai a minha esposa.

O ABBADE.

Por Deus homem,
Mando que a não saudeis. . .—Senhor Sisnando!
Não me atterra esse aspecto carrancudo.
O abbade de Lorvão por trinta vezes
Já vio a face livida da morte.
Já vi sessenta alfanges mauritanos
Alçados sobre a cruz, e sobre os monges,
Alçados sobre mim; — e disse: Christo!
E os alfanges tremeram. — Dom Sisnando,

Podeis n'esta cerviz erguer a espada.
Justiça! bradarei; e espada e conde
Ha de tudo tremer. --- Bispo de Coimbra,
D'el-rei em nome, em nome do Deus vivo,
--- O conde é já casado com a moura?

O BISPO.

Pela mutua promessa o são, ha muito;
E pela Egreja, ha pouco.

D. SISNANDO.

Em breves horas
A verás no meu paço.

O ABBADE.

Em breves horas
A verei no patibulo.

D. SISNANDO, (furioso.)

Que dizes!?

O ABBADE.

Conde, qual é a pena d'uma adultera?

D. SISNANDO, (estremecendo.)

A morte.

O ABBADE.

Condemnaste-a; é morta a moura.

D. SISNANDO,
(travando-lhe do braço.)

Abbade de Lorvão!...

O ABBADE.

Senhor Sisnando!
Ricos-homens de Coimbra, thiuphado,
Cavalleiros, e bispo, --- ouvi-me todos.
--- Accuso a ésta moura de adulterio.
E morra impenitente.

D. SISNANDO.

Quem ousado
Sem provas accusar n'este conselho
Tem de ver-se co'a ponta d'esta espada.
Abbade de Lorvão, prova o que dizes.

O ABBADE,
(apresentando-lhe uma carta.)

Foi achada ésta carta no palacio.
É da escrava selecta da princesa.
Queres prova maior?

D. SISNANDO,
(restituindo-lha, depois de lhe lançar os olhos, desdenhosamente.)

Lê tu.

O ABBADE, (lendo.)

« Senhora,
» Depois de meia noute, o teu amante
» Aben Jacob virá d'emtorno aos paços
» Falar-te á gelosia; e pela porta
» Falsa to levarei, como ordemnaste. »
(Passa-lhe de novo a carta.)

D. SISNANDO.

E é só ésta a prova?

O ABBADE.

A sentinela,
Que ahi rondava, sob a gelosia,
Vio um vulto depois da meia noute;
Bradou-lhe; e appelidou por quatro vezes;
E o vulto aniquilou-se de repente
Juncto da porta falsa.

D. SISNANDO, (rasgando a carta.)

Dom Sisnando
Faz isto a provas tais. --- Eu disse, ha pouco,
Que todo o que atrevido em meu conselho
Accusasse sem provas, co'ésta espada
Tinha de ver-se o vil.

(Espada nua.)

Tu accusaste
Sem provas ésta dama. --- Eia, ajoelha,
Roga a Deus por tua alma, que te mato.

O ABBADE.

Roga tu pela moura, que a perdeste.
--- Senhores! escutai-me inda de novo.
Torno a accusar a moura de adulterio.
--- Dom Sisnando, se um ferro de agarenos
Lhe encontráres no seio, co'este distico:
« Por Omeiades, contra dom Sisnando. »
Que dirás tu da moura?

(A princesa, sempre coberta com o véu, tira o punhal do seio, e vai lançál-o aos pés do Conde.)

D. SISNANDO.

Que innocente
Vem depôl-o a meus pés.

(Encarando com o distico, e estremecendo.)

Oh! sim, o distico...
— Ésta prova que val! — Eia, ajoelha;
Roga a Deus por tua alma, que te mato.

O ABBADE.

Roga tu pela moura, que a perdeste.
— Senhores, escutai-me inda de novo.

Torno a accusar a moura de adulterio.
--- Dom Sisnando, que prova necessitas,
Para creres meu dicto? --- Se lhe vires
O retracto do mouro, amante d'ella,
Occulto, e recatado, entre os dous seios,
Que dirás tu da moura?

D. SISNANDO,

Que era adultera
Diria, se tal visse. Quero agora,
Infame, confundir-te. O meu retracto
Jaz alli, ha tres mezes.

O ABBADE.

Dom Sisnando,
Disseste que era adultera ésta dama,
Se o retracto do mouro, amante d'ella,
Lhe encontrasses occulto, entre os dous seios.
— Juro que o tem alli, esse retracto.

D. SISNANDO.

Abbade, perjuráste. Hei de punir-te
Com dobrado castigo. — Virgem bella,
Confunde-os, amostrando-lho.

(Recebendo da Princesa a medalha, tirando-a do rico involtorio de sêda; e apresentando-a, ufano, e sem axaminál-a, aos circunstantes.)

— É o mouro?!

D. NUNO,

(extatico, fitando a medalha.)

É o mouro.

O ABBADE.

É elle.

ALGUNS RICOS-HOMENS.

É o mouro.

D. SISNANDO, (furibundo.)

Que dissestes?!!...

(Repara na medalha, e fica interdicto, e contrahido, um instante, pela mais violenta commoção. Vai direito á mesa, com passo incerto, arrebata-lhe a medalha, com a mão esquerda; e com a direita travando do punhal, lho crava com tal forsa, que a medalha salta em pedaços pelo pavimento, e o ferro se enterra na mesa até aos copos. Vem depois, espada em punho, para a Princesa, que tem cahido de joelhos; suspenso, em meio caminho, deixa cahir a espada, aperta o peito com os braços, e sáe arrebatadamente, gritando, com voz espantosa.)

Ai! de mim!!...Ai! de mim!!.....

FIM DO SEGUNDO ACTO.

III

OS CIUMES.

Mon corps faible en tes bras tant de fois soulevé,
A' tes pieds se meurtrit, rampant sur le pavé;
Veux-tu mon sang? — mes jours? — Prends mon
sang, — prends mon ame,
Ouvre avec ton poignard ma poitrine de femme,
Que j'y sente mon cœur entre tes mains broyé,
Et je souffrirai moins que je souffre. — Oh! pitié!!

Alex. Dumas. — *Christine Act.* 1.er *Sc. III.*

PERSONAGES.

— A PRINCESA.
— O BISPO.
— D. SISNANDO.
— D. MARTIM.
— D. NUNO.
— D. LOURENÇO.
— O ABBADE DE LORVÃO.
— OSMAN.

—RICOS-HOMENS, — CAVALLEIROS, — CONEGOS, MONGES, — ESCUDEIROS, — PAGES.

ACTO TERCEIRO.

Uma sala escura, e funebre. Porta no fundo. Porta leteral. — Duas tumbas aos lados da scena, uma com as armas dos Kaliphas, outra com as de Coimbra, com corôa de conde. Ao lado de cada tumba dous brandões de cera.

SCENA I.

O BISPO, A PRINCESA.

(o Bispo está sentado em uma cadeira; a Princesa de joelhos, a seu pés, sobre uma almofada.)

O BISPO.

Resignai-vos, senhora. A providencia
Vella incessante dos fieis na vida.
Tribulações e magoas d'este mundo
Valem glorias no ceo; que Deus é justo.
Vosso anjo tutelar, pairando em torno,

Ao tranzir derradeiro ha de inspirar-vos.
Ha de nos labios santos, e castissimos
A mãe do Creador suster vossa alma,
Levál-a aos pés de Deus. — Dona Adosinda,
Em nome do Senhor das mis'ricordias,
Eu vos desligo do pendor da culpa.

(Ergue-se; e estende a mão sobre a cabeça da Princesa.)

Perdôo-vos por Deus. — Erguei-vos.

A PRINCESA.

Padre,
Ajuda-me a suster, que as forças morrem.

(O Bispo ajuda-a a erguer-se, e sentar-se na cadeira.)

Não posso mais... Ó Deus!

O BISPO.

Tende corage,
Filha de Christo. Não vem longe o instante,
Em que de força careceis.

A PRINCESA.

Meu Padre,
Não me fales assim,... oh! por piedade!
Lembra-me o ceo, lembra-me os anjos, tudo;
Mas não me fales em morrer... Morrer-me
Assim á flor dos annos meus tão ledos!...
Morrer por minhas mãos!

(Ergue-se.

Sentir um sino,
O sino dos finados, que pregôa
A metha do meu ser! Meus proprios passos
Guiar eu mesma áquella porta infanda!

Erguer na dextra venenosa taça!
E a peçonha engolir, eu mesma sempre!
Eu mesma algoz de mim!... — Padre, no mundo
Onde se vio tão negra thirania?!
E, se uma hora hesitar, de novo o sino
Lembrar-me vem que o tempo é já passado,
E o alvitre perdi de assim livrar-me
Á vergonha, ao horror do cadafalso!
— Padre! meu padre! alma não tenho tanta,
Que me resigne á morte... — Deus!.. é o brado
D'esse bronze fatal. (Pausa.) Ah! enganei-me.
Esse instante vem longe. — Tenho tempo
De orar ainda, e muito. — Padre, ensina-me,
Ensina-me a resar.

O BISPO.

Erguei o espirito
Ás alturas do ceo. Tirai os olhos
Dos andrajos da vida...

A PRINCESA.

A vida! — Espera...
Quanto falta? Não sabes?...

(Sente-se fóra dobrar um sino.)

Ah!... não posso!...
Senhor! aquelles sons, que me assassinam!...
Oh! guiai-me; que não posso escutál-os.

(Caminha para a porta lateral, encostada ao Bispo.)

Meu Deus! meu Deus! recebe a minha vida.

(Estende a mão para a porta, e recua.)

Ah!... Ah! — Não posso, não...

(Sente-se de novo o sino.)

Ah!

(Desfalece sobre uma cadeira.)

O BISPO.

Deus! o sino!

(Abre-se a porta do fundo. Aparece outra sala forrada de negro; um altar, com velas accesas, no tôpo. D. Sisnando de joelhos nos degráos. Os conegos, e monges em redor com tochas nas mãos. Musica funebre.)

SCENA II.

O BISPO, A PRINCESA, *(desmaiada,)* D. SISNANDO, D. NUNO, D. MARTIM, D. LOURENÇO, *Ricos-homens*, *Conegos*, *Monges Negros.*

(D. Martim, e D. Nuno ficam, braços crusados e rosto inclinado, juncto ao Bispo, por diante da Princesa. — D. Lourenço, e os Ricos-homens ficam juncto á porta do fundo. — Os Conegos aos lados do altar.)

D. SISNANDO.

(Na frente, caminhando vagarosamente para a scena, e dando um profundo suspiro, ao passar pela Princesa.)

Inda a peçonha não bebeu. — Que importa!

(Chegado á bocca do theatro.)

Senhor dom Nuno, aproximai-vos. — Pensas
Que a cidade de Coimbra, e seus estados
Possam suster ataques do africano,
Sem um conde, que os rêja?

D. NUNO.

Não, por certo.

D. SISNANDO.

E quem julgas capaz de tão dificil,
Custoso encargo?

D NUNO.

A ti.

D. SISNANDO.

Supõe que morro.

D. NUNO.

Agouros d'esses para longe fujam.
Não encontro ninguem, senhor, se faltas.

D. SISNANDO.

Encontro eu, dom Nuno. — Aquella espada...
Dom Martim, aproxima-te. — Essa espada,
A despeito dos noveis, poucos annos,
Inda o campo não cede a vinte alfanges.

D. MARTIM.

Subêja-me alma onde mingúa a força,
— Alma e vontade, senhor conde.

D. SISNANDO.

Basta.
Eu estive no campo. — Sim, dom Nuno,
D'um successor carece dom Sisnando.
Eis o meu successor. (Mostrando D. Martim.)

D. MARTIM.

Senhor!...

D. NUNO.

E pensas,
— Na flor da vida...

D. SISNANDO.

Cala-te. — Essa moura

Tambem não era bem flor? E quantas horas
De existencia lhe dás? . . . Senhor dom Nuno,
Não falemos de vida, nem de morte.
Um caso é esse, que a Deus só compete,
— Muitas vezes ao ferro dos valentes,
— Ao punhal do assassino,— ao timbre outras
D'um animo esforçado. — Eu sou esse animo.
E já viste na arena dos combates
Como sei fraquear. — Senhor dom Nuno,
Não falemos de vida, nem de morte;
Falemos do perdão. Devo, e bem certo,
A tão nobre e valente cavalleiro
Satisfação de injurias mal pensadas.
Insultei-te, dom Nuno, D. Lourenço,
Tambem a ti. Tambem a vós, senhores.
Peço a todos perdão. — Vêde que o peço,
Com um pé sobre a tumba, e a vez primeira,
E a ultima da vida.

D. NUNO.

Senhor conde,
Oh! quem não perdoára em tal instante!

D. LOURENÇO.

Perdoai-me tambem.

(Todos os Ricos-homens se inclinam.)

D. MARTIM.

Senhor!

D. SISNANDO.

Perdôo,
E perdoais-me. Basta. — Agora ouvi-me.

(Para D. Martim.)

A justiça e dever, conde de Coimbra,
Lembrar-tos eu, fôra insultar teu brio.
(Apresentando-o aos Ricos-homens.)
Saudai, senhores, o alvacir valente,
O successor do invicto dom Sisnando.
(Todos cortejam D. Martim; e D. Sisnando vem com o Bispo para a bocca do theatro.)
Bispo, — sou máu christão, contra a lei santa
Arranco a alma do corpo. — Tenho joias,
Ouro, e terras, e galas, que vendidas
Dão para sustentar quatro mil pobres,
Dez mosteiros fundar. E o que sobeja,
Dil-o em missas pela alma de Sisnando;
E dá-me o teu perdão.

O BISPO.

Conde de Coimbra,
Jámais consentirei que tal delicto
Manche tão bello godo. A alma catholica
Perde o ceo com tal crime.

D. SISNANDO.

Elle recaia,
Sabe Deus sobre quem; . . . só Deus o sabe. . .
— Monges, ide á capela d'estes paços;
Rogai a Deus por duas almas nobres,
Que antes d'uma hora hão de perder as vidas.
Voltai depois; e o que estiver nas tumbas
Em prestito levai ás sepulturas,
Que ordenado já tenho. — Senhor bispo,
Quero da cathedral no altar primeiro
Dous magestosos tumulos soberbos
De precioso marmore. N'um d'elles

O brasão dos kaliphas em remate,
Cortado pela espada de Sisnando;
N'outro um punhal; e um distico por baixo:
«Ou tudo, ou nada.» — o distico de sangue,
Sobre escudo de bronze. — Em torno da eça
Quero oitenta brandões de branca cera
A arderem por tres dias; e gran pompa
Em todo o funeral, que egualar deve
Os dos reis, meus avós, e os dos kaliphas.
— Dom Martim, quero a sós falar contigo.
E vós todos, senhores, retirai-vos.

SCENA III.

D. SISNANDO, D. MARTIM, A PRINCESA, (*desmaiada.*)

D. SISNANDO.

Meu dom Martim, tens tu valor bastante,
Para unir o teu seio ao d'um finado,
Chegar ao coração um réo de anathema,
Abraçar um espectro?... Fala, amigo...
— Esse silencio diz que sentes n'alma
Os transidos e a dor de dom Sisnando.
— Inda ha no mundo um ente, que se dôa
Do anathema de Coimbra. — Deixa, alferes,
Deixa-me repousar n'esse teu peito
Cruas fragoas do meu.

(Encosta-se a D. Martim, e vem, abraçado com elle, para a scena.)

Apoia, amigo,

Apoia um corpo tão valente outr'ora,
—Hoje tão debil, tão quebrado. — Escuta.
Eram os meus anhelos n'esse mundo
Achar um ente, ûa mulher, um anjo,
A quem nos dias máos da minha vida
Assim viesse encostar-me, reclinando
sobre um peito de fogo os gelos d'alma.
(Soltando-se violentamente de D. Martim.)
Sabes o que encontrei, sabes, alferes?
O rochedo mais crespo, mais gelado
De quantos mão do Eterno unio á terra,
A vibora mais torpe, e traiçoeira
Dos torrados sertões da Lybia ardente....
— Vergonha vil, oprobrio caia eterno,
Eterna maldição sobre quem ouse
Um dia acreditar nas vans palavras
De ternura, de amor, e de constancia,
Por labios feminis pronunciadas!
— Infamia ao miseravel, que pertenda
Lanças quebrar em justas e torneios
Pela honra da mulher! despreso, e sangue
Ao que disser, por bocca e labios d'homem,
« Ésta foi-me leal. » — Diga-o na arena,
Diga-o n'um throno, diga-o sob um tumulo;
Lá mesmo iria a lhe bradar que mente,
E arremeçar-lhe a luva do duello.
— Dom Martim! amas tu alguem? — Responde.
Se amas, vai lá; enterra-lhe uma espada,
Direita ao coração. — E não receies
Matar uma innocente. É sangue infame

O sangue da mulher, que derramares.
Dormida seja embora, embora esteja
Resando aos pés do altar, — lá mesmo é falsa;
Porque falsas são todas... Oh! de todas
Se os negros corações junctar podesse,
Com mão de ferro em brasa os esmagára,
Arrastando-os comigo além do tumulo,
Em holocausto ao anjo dos infernos.

D. MARTIM.

Senhor, onde caminhas!? — Oh! meus rogos
Hão de abrandar teu coração turvado.

D. SISNANDO.

Tu deliras, alferes!? porventura
De quem seja esta dextra acaso ignoras!?
O que ella emprehendeu n'esse universo,
Ou ha de conseguil-o, ou vai de rôjo
Com ella dom Sisnando á sepultura.
É este o meu condão: «ou tudo, ou nada.»
Emprehendi achar fidelidade
D'ûa mulher no coração vendido.
Sucumbi na contenda; estou já morto.
— É este o resultado. Vêz, amigo?
Conheces estes olhos,... ésta face,...
Ésta mão,... este peito?... Se já viste
O anjo das vinganças, dos remorsos,
Do ciúme, da raiva, — não conheces
Tudo isto em mim?...—Não sentes pela abobada
Um grito furibundo!?... Pelo abysmo
Não ouves d'echo em echo repetir-se
O brado das vinganças!?... Não divisas
Um vermelho punhal luzir nas trevas!?...

Não distingues em torno de nós ambos
Um circulo de sangue, e de cadaveres!?...
Além, além, — na estancia dos sepulchros,
Não vês despedaçar-se aquella campa,
E um fantasma surgir, de fero aspeito,
Livida fronte, catadura horrenda,
Gigantesco, feroz, medonho, immenso,
Prolongar-se, crescer, tocar as nuvens,
Co'a dextra ingente arrepelando os astros,
E c'o rigido pé calcando abysmos!?...
E nos dentes, nos dentes furibundos
Morder, trincar, com horrido tregeito,
Os palpitantes membros d'uma victima;
E c'os olhos em alvo, hirto o cabello,
A arquejar, a tremer, lançando espuma,
E sangue da impia fauce, co'a mão fria
Travar-me, erguer-me ás nuvens, e ao ouvido
C'o accento sepulchral bradar: «vingança!..
Vingança!» — E precipita-se n'um tumulo;
E subito se esváe entre as ossadas,
E o pó negro das campas... E lá sinto,
Lá sinto ainda ao longe, pelo abysmo,
De sepulchro em sepulchro, e d'echo em echo,
Um confuso rumor bradar: «vingança!..
Vingança!..»—Esconde, esconde-me por Christo.
Não quero vêl-a, não!.. — Eil-a já morta,
Eil-a a meus pés, ensanguentada, livida,
Solta a madeixa, o seio descoberto,
C'o veneno a roer-lhe nas entranhas,
A revolver-se com seu proprio sangue,

E nas ancias da morte inda a bradar-me,
Com a voz divinal, que amei já tanto,
E estendendo-me os braços: «ah!.. piedade!..
Piedade!!»... Ó meu destino tão cruento!
Maldicto o ventre, onde provei a vida!
Maldicto quem creou minha alma negra!
E contra o mundo, o inferno, e o ceo, vingança!
E mil vezes vingança!

(Precipita-se sobre uma cadeira.)

D. MARTIM.

Negro transe!
Senhor! senhor! deliras, dom Sisnando!?
Quem nunca fraqueou, fraqueia agora!
Tranquilisa-te, conde...

D. SISNANDO, (em pé.)

Estou tranquillo.
E que ha no mundo, ahi, que abalar possa
A intrepidez do conde, dom Sisnando!
— Que vale ûa mulher! (Pausa.) Senhor alferes,
Careço de estar só, careço, — e muito.
Retira-te, por Deus!

(Apertando-lhe a mão.)

Por Deus! amigo.

D. MARTIM.

Não mais, senhor; não mais, que me retiro.
Tenho fé, meu Sisnando, que te salvo.
Ao gothico salão meus passos guio.
E cré, senhor, por Christo, e san Thiago,
Que havemos de livrar-te d'esse lance.

D. SISNANDO.

Vai-te, vai-te, por Deus, e em paz me deixa.

SCENA IV.

D. SISNANDO, A PRINCESA, (*desmaiada.*)

D. SISNANDO,

(Depois de ter cerrado a porta, e corrido o ferrolho pelos argolões de ferro, — brandido, e enterrado o punhal na mesa até aos copos.)

Como é valente a ponta d'este ferro!

(Arrancando-o, e examinando-o.)

« Por omeiades contra dom Sisnando. »
Deus dirá contra quem. — Mas quero vêl-a.
Olhos, que outr'ora em pranto debulhados
Languida vassalagem de ternura
Lhe rendiam saudosos, ora seccos
Hão de encarál-a austeros no mui rapido
Lampejo derradeiro da existencia.

(Arrancando um dos brandões das tumbas, e caminhando para a princesa.)

— Quero inda vêl-a, sim, . . . quero saciar-me,
Quero engulir, tragar, até ás fezes,
O calix amargoso do ciume. (Pausa.)
Ai de mim! ai de mim! que inda é formosa!
Ainda aquella face, aquelle seio,
Ao palido clarão da tocha funebre,
Tem doce laço, magicos encantos,
Que prendem, que assassinam!

(Arrojando a vela.)

— Deus thirano!
Porque escondeste em cofre tão formoso
Alma tão negra, coração de tigre!?

— Homem, oh! como és fraco sobre a terra!
Animo, que arrostou em mil batalhas,
Com mouros, com gigantes, com castellos,
Soffrer não póde o aspeito imberbe, e fragil
D'uns olhos meigos, d'uma rosea face,
D'um seio arfando niveo. Rijo braço,
Que, rechaçando centos de phalanges,
Quebrou setenta lanças n'uma hora,
E oito maças fendeu de duro bronze,
E ficou, como d'antes, — hoje tremulo
Nem se atreve a empunhar o debil ferro
Da arma deminuta dos cobardes...
— Mulher! mulher, abysmo de venturas,
E de dores, e prantos; — largo occeano,
Onde o homem navega apoz delicias,
E volta ao porto, naufrago, e quebrado,
Por lá deixando sonhos, e esperanças;
— Lago de rosas, liso como o leite,
Onde, a vida risonha escorregando,
Boqueirão infernal submerge subito
Descuidado baixel, — e o riso é pranto!
— Poz-te o ceo sobre a terra, para alivio
Das magoas da existencia? ou poz-te o inferno,
Rochedo sepulcral, nos risos d'alma?...
— Mulher! mulher, que és tu n'este universo?
Ès anjo, ou furia?...

(Mão no punhal, e caminhando para a Princesa.

— Ès furia... (Suspendendo-se.)
— Miserando!...
— Ai! placidos momentos de ventura,

Que eu gosei ao seu lado! . . . já morrestes. . .
— Só não pode morrer minha saudade,
Meus ais, meus prantos.—Talisman de affectos,
Rosa de amor, que te fizeste negra,
Ai! quem te desnegrára! . . (Pausa.) Oh! se eu podesse
Aliviar minha alma esmorecida
Do peso da verdade, que me esmaga!
Uma só vez, uma só vez ainda,
Um instante sequer, vêl-a, qual dantes,
Innocente, e singela, e meiga, e pura;
E unil-a ao coração; e entre carinhos
Chamál-a assim do nome das ternuras:
Adosinda! . . Adosinda! . .

(Suspendendo-se.)

Oh! não! — Mil vezes
Oprobrio e sangue sobre mim recaia,
Mas isso não. O limo dos infernos,
A mulher que os prostibulos mais baixa,
O lodaçal de infamias . . .

(Suspendendo-se, sufocado em lagrimas.)

Miserando!
Ou luz, ou trevas, é formosa sempre.

(Arrojando-se a uma cadeira.)

Ai de mim! ai de mim!

A PRINCESA, (tornando a si.)

Que som canoro
Me chama á vida! . . Onde estou! . . Que é d'elle?
Quem pronunciou meu nome de venturas! ? . . .

(Erguendo-se.)

Meu Deus, que negras, que pesadas trevas! . . .

Onde estou eu!?... Memoria adormecida,
Que me recordas tu!?..— Mas vivo ainda.
Seria sonho!... Deus! que vejo!.. Ai triste!
É espectro, ou cadaver! .. Ceos! é elle.
Dom Sisnando! meu conde!...

(Correndo para o Conde, que a repele,)

—Tu repulsas-me!...
Ai! já nem me lembrava. Luz funérea
Com tal repulsa esclareceu minha alma.
— Infeliz! malfadada!...

(Deparando com uma das tumbas.)

Ceos! que é isto!?..
Ah!.. uma tumba!.. ai! outra!—Miserandos!

(Examinando o conde.)

Mas elle é vivo ainda. — Nume eterno,
Salva, salva-nos ambos.

(Prostrando-se de joelhos ante dom Sisnando, — que se levanta immediatamente, e se conserva inquieto no fundo do theatro.)

— Dom Sisnando!
Por tudo o que ha de santo sobre a terra,
Por tudo o que ha no ceo, juro que ésta alma,
Este corpo, este peito são tão puros,
Tão castos, e innocentes, como os anjos.
Enganáram-te, conde; oh! por piedade,
Livra tua alma de traição tão feia.
— Por teu sorriso brando, quando amavas,
Por tua espada, quando combatias,
Pelo nome formoso de Adosinda,
Quando assim me chamavas, — dom Sisnando!
Acredita na virgem cordovesa,

Que nunca te enganou. Poupa-me, poupa-me!
Oh! e se não me poupas, vive ao menos;
Fio tão lindo, não to segue a parca.
Tu não respondes, conde!?...
(Reparando que não está na cadeira.)
—Mas, que é d'elle!!..
Quem mo robou!?.., Ai! triste! era um espectro,
Era uma sombra, — já morreu, — e eu vivo!
Ai! de mim!.. ai! de mim!.. eu desfaleço;..
Ardente febre o sangue me insendeia...
Dom Sisnando!.. meu conde!.. eu morro,.. eu morro.

D. SISNANDO,
(Vindo furioso para ella.)

Embusteira sem pêjo! moura infame!
Pôço de crimes! onça esfomeada
De corações, de sangue, e de vingança!
Mulher, n'uma palavra! — antes que as furias
Traguem tua alma peçonhenta e feia;
— Antes que este punhal, ébrio de raiva,
Vinte vezes cravado n'esses peitos,
Vá na entranha infiel buscar-te a vida,
Trasendo o coração na aguda ponta,
Para o rasgar nas unhas, e trincál-o
Nos dentes sequiosos de vingança;
— Antes que a terra se abra furibunda,
Para engulir teus mânes; treme, treme,
Que has de ouvir de meus labios vingadores
A atroz recordação de teus delictos.
— Has de saber o amor, com que te amava.
E quando, entre os meus dedos esmagada,

A máscara estalar dos teus perjurios,
Ha de entrar o remorso n'esse peito,
Enroscado em punhais, por toda a parte.
—Furia! tigre! mulher! —quem n'esse mundo
Ousáste preferir a dom Sisnando!?
Quem se atreveu a competir affectos,
C'os affectos ardentes d'este seio!?
Que leão, que gigante ousou na terra
Mais valente paixão nutrir 'té'gora
Em peito d'homem!? — Fala, tigre, fala.
Quem foi o meu rival?.. Rival! que disse!..
Ó soberba d'esta alma, quanto sofres!
Ter Sisnando um rival!.. eu que no mundo
Não sonhei com ciumes, porque via
Deus tão somente acima do meu nome,
Abaixo os homens todos!... Onde existe,
Onde existe esse vil, que me preferes!?
— Quero mandar ás nuvens este ferro.
Ha de cahir a prumo, lá dos ares,
No coração do vil, por mão das furias.
E, co'elle n'alma, a terra ha de engolil-o
'Thé ao profundo seio dos infernos.
Hei de alli encontrál-o, cara a cara;
Hei de luctar com elle eternamente;
Dous leões, duas viboras, dous monstros,
Das eras inda além jurar, luctando,
Eterna execração, e guerra eterna.

A PRINCESA.

Onde vás?.. onde vás?!...

D. SISNANDO.

Deixa-me.

A PRINCESA.

Ai! triste!..

Blasfemaste, cruel; — dentro em minha alma
Entornaste mais fel do que na tua.
Rival dizias tu!? ha! dom Sisnando!
Rival de ti só pódes ser tu mesmo,
No mundo mais ninguem.—Olha o meu pranto;
Olha sem côr a face desbotada,
Que outr'ora aos beijos teus córou mil vezes;
Desmaiado do susto o labio afflicto,
Onde risos de amor bebeste outr'ora;
Onde outr'ora teus olhos se reviam,
A baga a baga, lagrimas de morte.
— Sisnando, se inda assim não tens piedade,
Dá-me essa dextra; quero unil-a ao peito;
Ha de queimar-te o fogo, que aqui tenho...
— Não me attende, ai! de mim!...

(De joelhos na bocca do theatro.)

Nume celeste!
Salva-o tu, salva-o tu; que eu já não posso.

D. SISNANDO,

(olhos fictos na Princesa.)

Volvei, provectas eras de ventura;
Tempos de amor, volvei. A nodoa infame,
Que desunio dous seios tão pegados,
Offusque-se um instante. — Assim prostrada
Aos ceos orava, quando a vez primeira
Estes olhos a viram... Ah! que o peito,

Com tal memoria, estala de saudades...

(De joelhos do lado opposto.)

—Tres vezes santo Deus! tu pódes tudo;
O livro da existencia, tu o escreves;
Ah! tu pódes rasgar-lhe a negra pagina,
Onde gravaste o nosso triste fado.
—Rasga-a, rasga-a, meu Deus! e vão c'os d'ella
Unir-se os braços meus em laço eterno.

A PRINCESA.

Escuta-me, senhor: — é falso tudo;
Fechada esteve sempre a gelosia;
O punhal foi traição do vil escravo;
Da carta nada sei; é falso tudo.
— Crê-me, Sisnando, crê-me; porque eu sofro
Mais o teu duvidar, que os meus tormentos.
Crê-me, senhor, que te amo, que te adoro,
Que te idolatro, conde. Esse retracto...

D. SISNANDO, (furioso.)

Que disseste, infeliz! nem mais um gesto,
Uma palavra só. — Que duro golpe
Sobre mim.... sobre ti descarregaste!
— Esse retracto!... e ouzas recordar-mo!
Graças te dou, infame, porque n'alma
O furor já cansado me reanimas.

(Travando-a pelo braço.)

Esse retracto! dizes tu!...

A PRINCESA.

Sisnando!...

D. SISNANDO.

Esse retracto!... E lembras-me o retracto,

E esqueces o punhal?

(Punhal na mão.)

— Eil-o, senhora.

A PRINCESA, (sufocada.)

Por piedade... meu conde!..

D. SISNANDO,

(Obrigando-a a ajoelhar-se.)

De joelhos!

De joelhos, que quero assassinar-te,

A PRINCESA, (de joelhos.)

Por piedade!...

D. SISNANDO.

Não digas esse nome.

Roga a Deus por tua alma infame, e adultera.

— Pede-lhe; — e que a oração seja mui breve.

— Raça bastarda, filha dos omeiades!

Com meu pé vencedor hei de calcar-te.

(Fazendo-a cahir de bruços.

Em terra! em terra! — e beija o chão da morte

C'o labio prostituto.

A PRINCESA,

(Erguendo-se, com altivez.)

Ah! esse nome

Forças perdidas ressuscita n'alma;

O véo das ilusões, que me cercava,

Rasga-o, rasga-o tal nome. — Sim, thirano!

Teus insultos brutais, tua cruesa

Erguêram entre nós barreira eterna.

Não, não verás a filha dos omeiades

Morrer curvada aos pés de dom Sisnando;

— Serena sim, co'a fronte alevantada,
— Martir, — porem rahinha.
(Dando alguns passos para a porta lateral.)
— Adeus, ingrato!
Rale-te n'esse abysmo de remorsos
A extrema voz da virgem cordovesa:
Mataste uma innocente.

D. SISNANDO.

Espera, . . espera! . . .

A PRINCESA, [mão na porta.]

Nem ceos, nem terra o braço me seguram.
Escuta inda uma vez tua sentença:
Mataste uma innocente.
(Entra; e a porta fecha-se.)

SCENA V.

D. SISNANDO, (só.)

Espera! espera! . . .
—Que horrendo estremeção tranzio minha alma!
Que sinto aqui! . . . Lá dentro que se passa . . . .
Que mysterio de sangue me circunda!

D. MARTIM.

(fóra, agitando violentamente a porta do fundo.
Trazei achas, senhores, trazei clavas.
Arrombe-se esta porta.
(Sentem-se fortes pancadas contra a porta.)

D. SISNANDO.

Temerarios!
Que pertendeis!? Da parte dos infernos

Vindes acaso demandar minha alma!?

(A porta cede ás pancadas. D. Martim, á frente do seu acompanhamento, precipita-se na sala.)

SCENA VI.

D. SISNANDO, D. MARTIM, D. LOURENÇO, O BISPO, O ABBADE, *Ricos-homens*, *Conegos*, *Monges*, *Cavalleiros*, *Escudeiros*, *Pages*.

D. MARTIM.

Innocencia! innocencia!...

D. SISNANDO.

Que proferes!?
Vens perturbar as galas da vingança,
As pompas do ciume!?

D. MARTIM.

Dom Sisnando!
Se é tempo ainda, poupe-se um delicto....

D. SISNANDO.

Ausenta-te...

D. MARTIM.

Senhor! has-de escutar-me;
Has de ouvir-me a teus pés.— A escrava infame
Da princesa infeliz, na ancia da morte,
Entre tenazes de vermelho ferro,
Á força de tormentos disse tudo;
E consta do seu dicto derradeiro
Ser innocente a virgem.

D. SISNANDO, (sobresaltado.)

Que disseste!..

D. MARTIM.

Mal sahimos, unidos em conselho,
Tratámos de salvar-te, e de salvar-nos,
E de fazer justiça. Os prisioneiros
Interrogamos todos.

D. SISNANDO.

Mas...

D. MARTIM.

A trama
Jaz desfeita, senhor; o dom Abbade
Retira a accusação

O ABBADE.

Por ti, por ella,
No juizo de Deus, se o permittires,
Contra mil campeões combater quero.
E mata-me depois.

D. SISNANDO, (interdicto.)

Porem...

D. MARTIM.

A escrava,
O embaixador soberbo...

D. SISNANDO, (com anciedade.)

Que disseram?

D. MARTIM.

Sob o azeite em cachões, e o ferro ardente,
Cedeu a escrava, e na ancia da agonia
Disse.

D. SISNANDO.

O que disse?!

D. MARTIM.

« É innocente a virgem.

» Trahido foi o conde dom Sisnando. »
— E no arranco final lhe escapa um nome
Do labio vil. . .

D. SISNANDO.

Qual foi?

D. MARTIM.

Osman. . .

D. SISNANDO.

Que é d'elle?

D. MARTIM.

Eil-o.

SCENA VII.

D. SISNANDO, D. MARTIM, D. LOURENÇO, O BISPO, O ABBADE, D. NUNO, OSMAN, *Ricos-homens*, &c.

(Osman vem com cadeias, no meio de uma escolta de pages.)

D. NUNO, (á frente da escolta.)

Traidor! vem confessar teu crime
Aos pés de dom Sisnando.

D. SISNANDO,

(em meia voz, ao bispo, depois de olhar em redor, com desconfiança.)

Senhor bispo, correi áquella porta.
Se a virgem não bebeu a taça ainda,
Suspendei-a, por Deus.

(O Bispo entra na porta lateral.)

— Silencio, todos!

Nem um gesto sequer! Essas algemas
Dos pulsos lhe tirai.

(Os pages tiram as cadeias a Osman.)

E ouvi-me todos.
—Osman, chega-te a mim. Como homem quero,
E não como thirano interrogar-te:
Ha contra mim traição, contra a princesa.
Que sabes tu d'essa traição?

OSMAN.

Sei tudo.

D. SISNANDO.

É innocente, ou é culpada? — Fala.
Tenho feudos, palacios, e castellos
No reino de Leão, e na Galisa.
Em premio da verdade, se a disseres,
Escolhe quanto queiras.

OSMAN.

Nada quero.

D. SISNANDO,

(depois de fazer um movimento de anciedade para a porta lateral.)

De regeitar te deixo a liberdade,
Ou de acceitar meus dons. Somente exijo
Que o segredo, se existe, me reveles.
É culpada a princesa, ou innocente?

OSMAN.

O segredo de Osman existe n'alma
Em cofre precioso, cuja chave
Tem Deus, somente Deus, mais o propheta.
E o ouro dos christãos, e os teus palacios

Não compram a alma nobre, e valorosa
D'um illustre agareno.

D. SISNANDO.

Á mingua d'ouro
Tenho um ferro comprido e afiado,
Que irá do seio intimo arrancar-te
Segredo, e coração.

(A' parte, fazendo um movimento para a porta lateral.)

— Ó Deus! e o bispo,
O bispo, que não vem! —

(Voltando, tremulo, e sufocado, á scena.)

Mas este ferro...
— Dom Martim! ricos-homens! escudeiros!..
Vingança!.. Dom Sisnando está já morto...
Adosinda está já envenenada...
A mão desfalecida já não póde
Uma espada impunhar. — Os vossos ferros
Ao seio lhe apontai; e que responda.
— É innocente, ou é culpada a virgem?

(Alguns dos circunstantes fazem um movimento para Osman, mão nos punhais.)

OSMAN.

Suspendei-vos, senhores, suspendei-vos;
Que mysteres não são vossas ameaças.
— Adosinda está já envenenada.
Dom Sisnando está morto. — Estas palavras
Valem mais para Osman que oitenta ferros.
— Escutai-me; que vai abrir-se o inferno,
E por mim trovejar no arranco extremo.

D. SISNANDO, (furioso.)

É innocente, ou é culpada a virgem?!

OSMAN.

Queres dormir em tumulo de sangue,
C'um remorso de mais! Não te bastava
Matar-me esposa, filhos, e parentes!?
A mim, que disfarsado a ti me arrojo,
E me abato a teus pés, para vingar-me!
A mim, ultimo élo da cadeia
Dos edresitas mil, que assassinaste,
Que tambem te assassino!

D. SISNANDO.

Ceos! e o bispo!!..

OSMAN.

Inda não disse tudo. Coimbra reges;
Mas Sevilha inda existe, existe Cordova,
Lisboa, e Badajoz, Toledo, e Niebla.
Dos edresitas extinguiste a raça;
Mas lá nos vem a estirpe almoravide
Do Algarve d'além mares triumphante.
E has de ouvir as trombetas do propheta,
E o musulmano «Allah!» bradar de rijo
Nos rasos muros sobre o teu sepulchro.

D. SISNANDO,

(brandindo um punhal, e travando-o pelo braço.)

É innocente, ou é culpada a virgem?

OSMAN.

Hão de surgir em torno ao teu cadaver
Negros phantasmas, e apontar-te ao seio
Esse punhal, que tens, e que por força

À virgem entreguei, — este retracto,
(Tira ûa medalha.)
Que teu é, que aqui tenho, e que roubado
Foi do seio da virgem pela escrava.
— Rala-te agora; e escuta do meu labio
O derradeiro brado de vingança:
Matáste uma innocente.

D. SISNANDO,
(correndo para a porta.)

Eia! á princesa!
O meu condado a quem ma der com vida.

SCENA VIII.

D. SISNANDO, D. MARTIM, D. NUNO, D. LOURENÇO, OSMAN, O ABBADE, O BISPO, A PRINCESA, *Ricos-homens*, &c.

A PRINCESA,
(precipitando-se nos braços de D. Sisnando.)

É viva aqui me tens.

D. MARTIM.

Oh! salva! salva!

O ABBADE.

Graças, graças, ó Deus!

D. SISNANDO.

Minha Adosinda!
Anjo meu! minha vida! — Ó Deus, que ouviste
A prece da agonia ao desesp'rado!
— Galas, galas, senhores, porque vive!

Que fazer, que dizer, se o labio é pouco!

(Reparando que o Bispo se conserva de braços cruzados, e rosto inclinado, junto á porta, — e que os circunstantes o encaram consternados.)

— Mas vós não exultais! — E tu, condessa,
De joelhos assim!

A PRINCESA, (de joelhos.)

Não vês meu labio?!
Não vês a palidez da minha face?!
— Venho dizer-te adeus. Não vês que morro?!

D. SISNANDO.

Oh! não! não póde ser. Tu não tocaste
Essa taça fatal envenenada!

(Entra na porta lateral.)

D. NUNO,

(arrastando Osman para fora da porta da Sala, seguido da escolta.)

Infame! vem pagar os teus delictos
No alto d'um patibulo.

O BISPO.

Que transe!
Que transe, justo ceo!

D. SISNANDO,

(Voltando furioso, e sofocado, da porta lateral, trazendo uma taça vasia em uma das mãos. o punhal na outra.)

Osman!.. que é d'elle!?..

D. MARTIM.

No salão do conselho...

D. SISNANDO.

Basta! basta!...

(Sáe arrebatadamente, punhal erguido. D. Martim, o Abbade, e alguns cavalleiros o seguem.)

SCENA IX.

A PRINCESA, O BISPO, *Ricos-homens*. &c.

A PRINCESA,

(dando alguns passos para seguir o conde.)

D. Sisnando!.. senhor!

(Encostada ao Bispo, que a conduz á scena.

Ó Deus!.. Não posso.

O BISPO.

Encostai-vos, senhora, nos meus hombros.
Pensai no ceo, tende valor...

A PRINCESA.

Não posso...
Não abras mais as chagas d'este peito.

(Dando um estremeção, e apertando o seio.

Ah!..Meu Deus! que veneno!.. eu morro... eu morro
—Onde está!?.. onde está meu dom Sisnando!?..
Diz-lhe, senhor, que sua terna esposa...
Lhe perdoou... na hora derradeira...
Que o levo n'alma...

(Vacilando pela scena, e cahindo.)

Ai! quebram-se as entranhas...
Que afflicção!.. que tormento!.. eu morro... Esposo!..

O BISPO,
(De joelhos juncto ao cadaver da Princesa.)

Omnipotente Deus, que podeis tudo,
Oh! recebei ésta alma em vosso seio.

SCENA ULTIMA.

O BISPO, A PRINCESA, (*morta*,) D. SISNANDO, D. MARTIM, D. NUNO, D. LOURENÇO, O ABBADE, *Ricos-homens*, *&c.*

D. SISNANDO,
(punhal ensanguentado na mão.)

Tres vezes lho embebi no peito infame.
— Dona Adosinda, aqui o tens...
(Apresentando-lhe o punhal, e estremecendo.)
— Já morta!...
(Sufocado, e em acção de abraçar o cadaver.)
Ah!... Ah!...

D. MARTIM, E O BISPO.

Senhor! Senhor!

D. SISNANDO, (sereno.)

Estou tranquilo...
Cumprio-se o meu condão...
(Cravando o punhal no peito.)
Ou tudo,.. ou nada...
(Expira.)

FIM DO DRAMA.

Deacidified using the Bookkeeper process.
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Nov. 2008

Preservation Technologies

A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 024 331 587 6